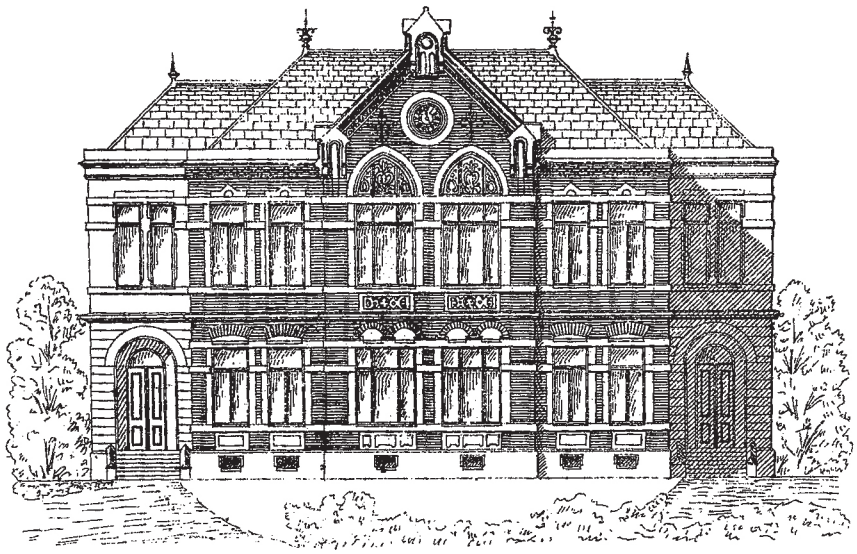
MEMORIAL DE RESTAURO



GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS

MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

MAIO 2009

MEMORIAL DE RESTAURO

GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS

CAPA: IMAGEM DO ACERVO DO FDE

MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

MAIO 2009

SUMÁRIO

2 FICHA TÉCNICA

3 INTRODUÇÃO

5 HISTÓRICO

17 CRONOLOGIA CONSTRUTIVA

21 RELATÓRIO FOTOGRÁFICO DE VISTORIA

34 ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS MATERIAIS

35 MEMORIAL DESCRTIVO

2 PRANCHAS ANEXO 1 ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS PISOS

2 PRANCHAS ANEXO 2 ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS FORROS

10 PRANCHAS ANEXO 3 PROJETO DE RESTAURO

ANEXO 4

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

OBRA Conservação e Restauro
Escola Estadual
Francisco Glicério

Av. Dr. Moraes Sales 988
Campinas SP

ÁREA DAS EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS	1.489,24 m²
ÁREA DAS EDIFICAÇÕES ANEXAS	464,61 m²
ÁREAS EXTERNAS COBERTAS	515,05 m²
DATA DO PROJETO ORIGINAL	1897

PROJETO DE RESTAURO

ARQUITETOS
Helena Ayoub Silva
Júlio Roberto Katinsky
Gustavo Madalosso Kerr
João Paulo Machado Osinsky
Rafael Pollastrini Murolo

ESTAGIÁIOS DE ARQUITETURA
Danilo Hideki Abe
Nicolas Xavier de Carvalho

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

Vista aérea - implantação da escola.

O projeto de restauro e conservação da Escola Estadual Francisco Glicério código, 05.05.126, foi elaborado com vistas a recuperar o edifício e os bens culturais que ele representa, de modo a atender as demandas impostas pelo pleno uso da EE.

Contempla a execução de serviços e obras de restauro e conservação do edifício histórico e seus anexos.

A Escola Estadual Francisco Glicério, originalmente 1º Grupo Escolar de Campinas, é um bem cultural protegido pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas – CONDEPAAC (Processo de Tombamento 010/91; Tombado Pela Resolução nº 17 de 24 de fevereiro de 1994) e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT (Processo 24.926/86 – Tombamento aprovado em 29 de julho de 2002 ATA nº 1253).

A principal e imprescindível intervenção a ser executada na Escola refere-se aos serviços de segurança contra as intempéries, assim, todas as coberturas deverão ser objeto de reforma completa com substituição de peças danificadas, execução de sub-cobertura, substituição de calhas e condutores, etc. Deverá ser executada a descupinização de todo o imóvel por empresa especializada. Algumas intervenções recentes descaracterizaram e, de certa maneira, desqualificaram o imóvel. Propõe-se substituir princi-

palmente os materiais de acabamento visando recuperar o aspecto original, ou seja, substiuir o piso cerâmico (intervenção feita na década de 1990) por ladrilho hidráulico como originalmente.

A EE Francisco Glicério atende no período matutino 377 alunos, no vespertino, 331 de 5ª a 8ª e no período noturno, Escola de Jovens e Adultos EJA, com 193 alunos.

Por fim, cabe destacar as solicitações específicas da Sra. Diretora, Professora Elaine Aparecida Garutti (a Diretora foi substituída em 16 de fevereiro de 2009). Foram listadas:

• Infiltração de águas das chuvas em todas as coberturas, danificando forros, pisos e paredes;

• Instalações elétricas precárias;

• Há no terreno fossas negras e sumidouros desativados há muitos anos que necessitam de limpeza e aterramento;

• Há evidente presença de insetos xilófagos;

• Necessidade de revisão geral das instalações hidráulicas;

• Necessidade de se prover de melhor ventilação os ambientes do porão.

Os republicanos positivistas de São Paulo ao conquistarem o poder, antes mesmo do estabelecimento da república brasileira, dentro de sua filosofia de confiar no progresso através da difusão da ciência e da indústria, delinearam alguns projetos para o estado de São Paulo que de fato alavancaram o capitalismo brasileiro.

A absorção de parte do excedente produzido pela economia cafeeira de exportação pelo o sistema de vias férreas (ver Adolpho Augusto Pinto, 1977) permitiu o oceano verde da antiga região do quadrilátero do açúcar (Sorocaba, Jundiaí, Campinas e Mogi-Mirim), com os prolongamentos da Mogiana, Paulista, Sorocabana, Ituana e Noroeste.

Considerando o fraco desempenho do carvão de pedra nacional procuraram desenvolver a produção de energia hidroelétrica como atestam os inúmeros artigos publicados na Revista Politécnica e Revista do Clube de Engenharia.

Iniciaram, ainda, a implantação de um projeto de ensino universal, que englobasse os três níveis: primário, médio e superior, além da criação de institutos isolados, de pesquisa científica e tecnológica, como o Emilio Ribas, Butantã e Pasteur, mais o Instituto Biológico, Instituto Agronômico de Campinas e Horto Florestal, notadamente.

É claro que esses projetos levaram quase cem anos para se efetivarem: se a Politécnica e a Escola Normal da Praça foram instaladas desde 1894, a Faculdade de Medicina só foi criada em 1912 e a Faculdade de Higiene Pública, provavelmente por indução dos cientistas da Fundação Rockerfeller, somente em 1918.

Não podemos deixar de destacar que a primeira escola de formação de professores primários, a Escola Normal Caetano de Campos no antigo Largo dos Curros, rebatizado de "Praça da República", iniciou seus trabalhos em prédio próprio, projetado por Ramos de Azevedo, com seu programa projetado adequado à sua função.

O Grupo Escolar Francisco Glicério, muito simbolicamente construído em Campinas, foi a semente de um esforço de qualidade social e cultural que se impôs nas décadas seguintes, ainda que insuficiente para o gigantesco crescimento demográfico e econômico que seguiu esses empreendimentos iniciais.

A construção do 1º Grupo Escolar de Campinas insere-se, portanto, no rol das construções escolares da Primeira República.

A partir de 1870, começaram a surgir diversos sintomas de crise do Segundo Reinado - os movimentos abolicionistas e o fim da escravidão; o republicanismo; as tensões entre o Estado e a Igreja; os problemas entre governo e oficiais do Exército aliados às transformações econômicas, políticas e sociais alteraram de maneira radical os vários setores da vida nacional. As cidades cresciam, intensificava-se o comércio externo com a expansão das culturas de exportação, o trabalho assalariado se impunha com maior vulto,

as indústrias e atividades artesanais prosperavam, dinamizando a economia monetária, avolumando as classes sociais urbanas que, conscientes de seus interesses, questionavam a resposta dada pela superestrutura do sistema vigente.

As precárias condições do sistema escolar vigente e a nova ordem de valores políticos e sociais levaram a atenção para uma profunda e vigorosa discussão sobre assuntos educacionais que influíram nos novos rumos do ensino.

O Estado é pressionado no sentido de ampliar suas responsabilidades na área educacional.

Os republicanos, em seu discurso liberal, salientavam o papel da educação como a força que levaria o país a categoria de Nação. Caberia à educação o papel de engendrar uma consciência nacional. Ela seria a chave para o pleno exercício da cidadania e para a formação de quadros profissionais necessários à economia em transformação.

A primeira Constituição da República, promulgada a 24 de fevereiro de 1891, inspirou-se no modelo norte-americano, consagrando a República Federativa Liberal.

Persistiu, assim, no novo regime a atribuição de competências instituída pelo Ato Adicional de 1834 segundo o qual cabia à União o ensino secundário e superior e aos Estados o primário e técnico-profissionalizante.

A prosperidade cafeeira, o fim do regime de escravidão, o crescimento industrial aliado a um significativo processo de urbanização, enfim, o poderio econômico fez com que o Estado de São Paulo encontrasse as condições propícias para ampliar os investimentos na educação e na formação de professores.

A Constituição Paulista de 1891 estabeleceu a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário e reorganizou a estrutura administrativa do Estado criando quatro secretarias: Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; Interior e Instrução Pública; Justiça e Segurança Pública; e Fazenda.

Destacam-se as iniciativas dos poderes públicos, federal e estadual, elegendo a educação como uma das prioridades a enfrentar, criando, portanto, serviços administrativos ligados especificamente à educação.

A administração escolar paulista estava a cargo da Secretaria do Interior e Instrução Pública, e a responsabilidade pelos projetos e obras dos edifícios escolares coube inicialmente à Superintendência de Obras Públicas (SOP) da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, mais tarde transformada em Diretoria de Obras Públicas (DOP). Em 1927 esta pasta é desmembrada em duas outras: a Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio e a Secretaria da Viação e Obras Públicas. É criada a seção de Arquitetura do DOP que passa a assumir a organização dos projetos e orçamentos para construção ou reparos dos edifícios públicos estaduais, o estudo dos tipos e o registro dos edifícios.

Para o ensino básico foram criados pela lei nº169 de 7 de agosto de 1893, os Grupos Escolares, nome de inspiração francesa, para atender à

necessidade de difusão da educação pública no estado de São Paulo.

Eram escolas modelares que mudaram o panorama da instrução pública paulista. Vinham a se contrapor às escolas isoladas, de professor único, sem método ou qualquer sistematização do ensino, de aprendizado individual de alunos de idade e adiantamento variados reunidos numa mesma classe, funcionando em salas adaptadas, muitas vezes alugadas pelos próprios professores.

Nos Grupos Escolares se ministrava um ensino seriado, separando os alunos em classes de acordo com o grau de aprendizado, criou-se também a figura do diretor, adotou-se modernos métodos pedagógicos, o uso de novos materiais didáticos e escolares. Importante salientar que essa nova mentalidade levou o estado a construir edifícios apropriados para esses programas específicos.

Nesse período, o Poder Legislativo destacava, na questão do ensino, três problemas a resolver: melhorar as condições das escolas existentes; formar melhor e em maior número professores, visando responder às necessidades sempre crescentes; e construir novos estabelecimentos escolares com as condições exigidas pela higiene e organização pedagógica, dotados de móveis, aparelhos e livros necessários.

Era necessário solucionar rapidamente o problema da instalação espacial das várias unidades de ensino. Inicialmente foi utilizado, em grande escala, o recurso de adaptar edifícios existentes – na maioria, prédios residenciais – para fins escolares, mas, logo passaram a ser concebidos e executados prédios especialmente destinados à educação.

Em 1894 foi construída a Escola Normal de São Paulo, centro de preparação de professores, chamada depois Instituto Caetano de Campos. Junto a ela foi construído edifício próprio para abrigar a Escola Modelo, destinada à prática de ensino dos alunos mestres, adotando novos métodos e processos pedagógicos, aplicando o ensino seriado, dotada de mobiliário apropriado e abundante material didático, a partir dela se criaram os Grupos escolares.

O programa de necessidades dos primeiros grupos escolares era composto basicamente de salas de aula e de um reduzido número de ambientes administrativos. As escolas deveriam prever a separação rígida dos alunos por sexo. Uma preocupação especial com relação à ventilação e insolação dos edifícios era considerada, reflexo das preocupações novecentistas com a higiene e habitabilidade das construções.

Entre 1890 e 1920 foram construídos cerca de 170 edifícios educacionais, 96 dos quais compõem-se de projetos-tipo (20 tipologias), isto é, um mesmo projeto construído em diferentes localidades do Estado. A adequação dos projetos padronizados às situações topográficas a cada situação específica era viabilizada tecnicamente pela adoção do porão alto - recurso tradicionalmente usado na ventilação de assoalhos de madeira.

A adoção de projetos-tipo foi um procedimento usual não só para os prédios escolares mas, ainda, para os edifícios públicos que obedecessem

a um determinado programa arquitetônico como cadeias, fóruns, entre outros. Esta solução foi adotada provavelmente pela necessidade de construir com rapidez um número muito grande de tais edifícios, contando para essa tarefa com o reduzido número de profissionais especializados.

Um item básico que regia a arquitetura escolar do período estava ligado a preocupações de controle, vigilância e higiene, que se inspiravam em modelos estrangeiros. Dessas normas, a mais importante, por suas implicações espaciais, é a que determinava a separação rígida de alunos por sexo, impondo a divisão de todos os prédios escolares em duas alas - masculina e feminina. As posturas higiênicas e educacionais também determinaram aspectos programáticos e soluções de mobiliário claramente calcados em soluções já desenvolvidas no exterior. São alguns exemplos: as dimensões das salas de aula e das carteiras dos alunos; o posicionamento dos quadros-negros e das próprias carteiras de forma a permitir boa iluminação e livre circulação dos professores; e, ainda, a localização dos sanitários (geralmente fora dos prédios).

O que identifica e diferencia cada projeto de grupo escolar neste período é, essencialmente, seu tamanho (número de salas de aula), sua distribuição espacial que se resume no esquema de circulação adotado e a opção formal por uma fachada específica.

Essas construções se caracterizavam pela simplicidade de solução espacial, rigidamente simétricas e adotando técnicas construtivas convencionais.

Os arquitetos encarregados de projetar as primeiras escolas paulistas, em sua maioria, eram estrangeiros ou tinham se formado fora do país. Trouxeram os modos de projetar das suas escolas de origem, e também tomaram como base os preceitos apresentados por tratadistas europeus.

> "O sistema de circulação de informações para arquitetos estava em pleno desenvolvimento a partir da segunda metade do século XIX. Isto se dava como parte de um processo de ampliação de um público leitor no mundo, em conseqüência do grande desenvolvimento cultural então ocorrido, ainda que, principalmente nos países periféricos as taxas de analfabetismo permanecessem altas." (Wolf, 1992 p.38)

Entre eles, destacamos: o tratado de arquitetura de Julian Guadet, e o de Louis Cloquet Esse último, belga, muito respeitado por Ramos de Azevedo que estudou em Gand antes de organizar o curso de arquitetura, em 1894 na Escola Politécnica.

Nesses tratados percebe-se claramente a crítica à postura do arquiteto Etienne Boullée e de seus discípulos como J. N. Durand, que separava radicalmente a "arte de projetar" da "arte de construir". Os tratadistas se definem por uma arquitetura amparada pela razão construtiva de um lado, e pelas novas possibilidades dos materiais produzidos pela indústria: ferro forjado, vidro transparente ou colorido, e esmaltes a fogo, etc.

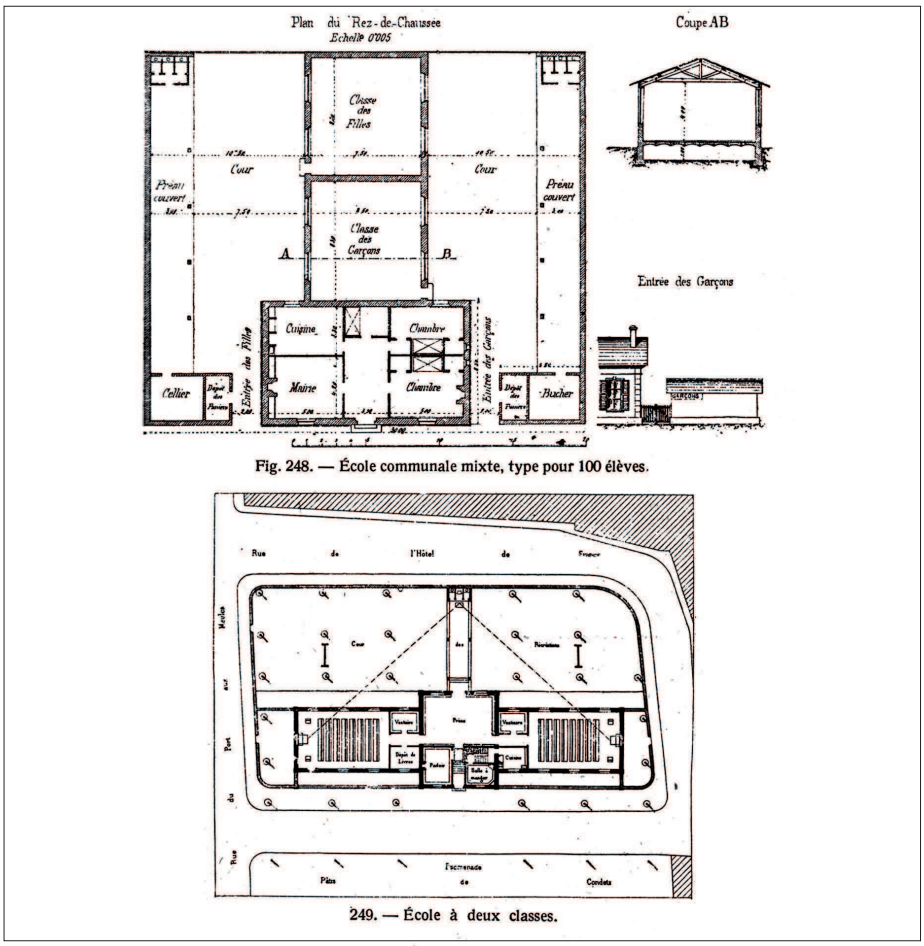


Fig. 248. — École communale mixte, type pour 100 élèves.

249. — École à deux classes.

École communale.
Fonte: **CLOQUET, 1922 p.269**

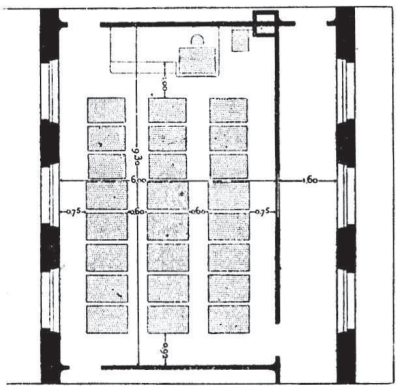


Fig. 652. — Plan d'une classe à éclairage unilatéral.

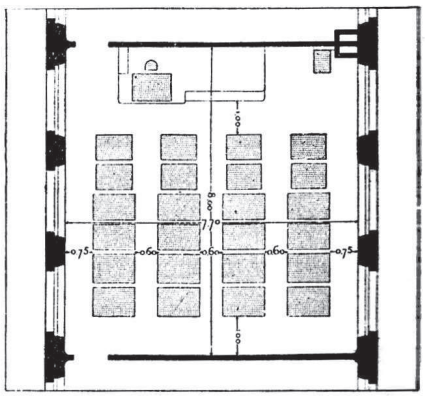
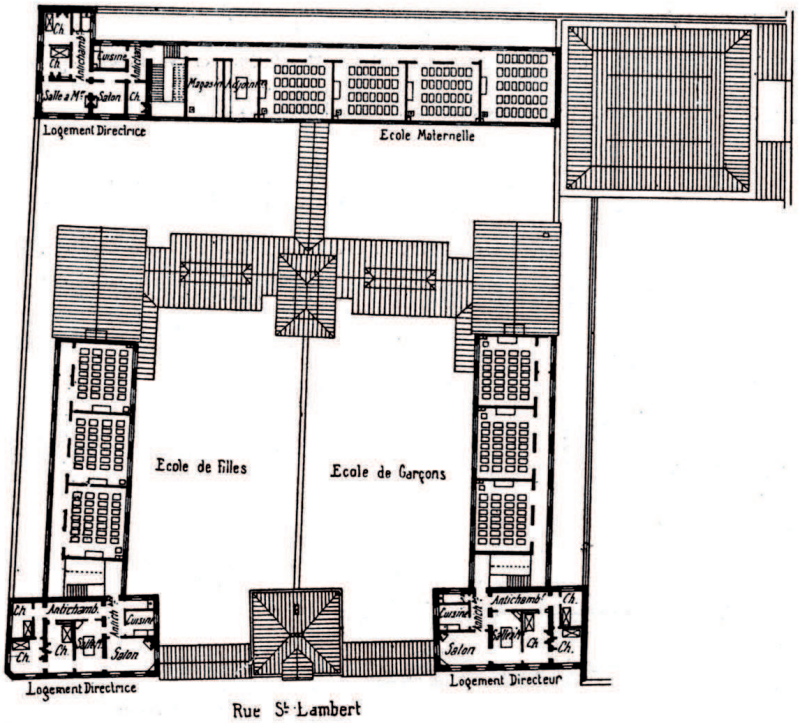


Fig. 653. — Plan d'une classe à éclairage bilatéral.

Pland'une classe a éclaraige unilatéral
Pland'une classe a éclaraige bilateral
Fonte: **GUADET 1922, p.216**

ÉCOLES PRIMAIRES



Plan du 1er. étage.

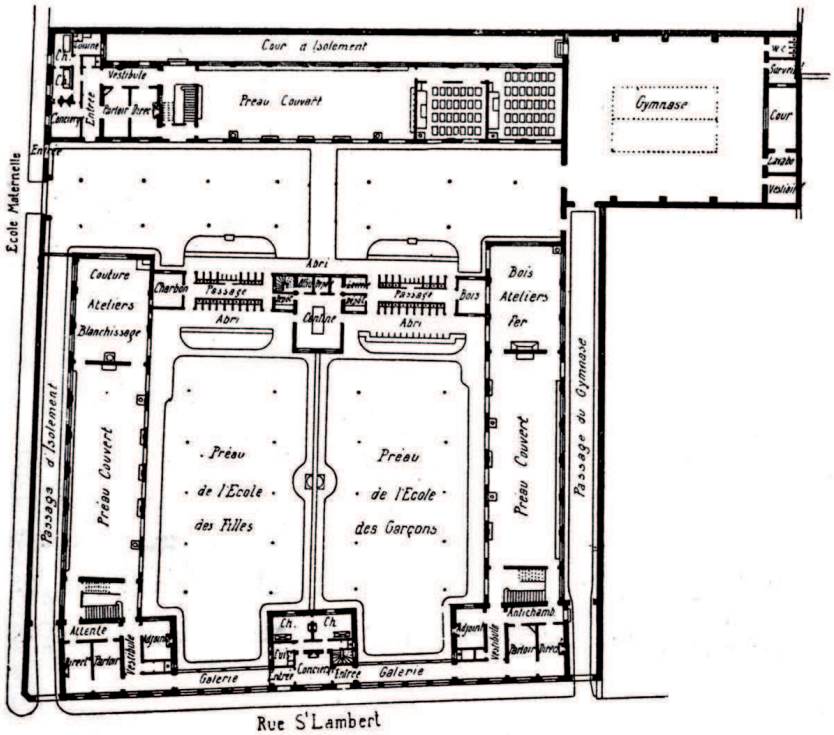


Fig. 649. — Groupe scolaire, à Paris (M. Bouvard, architecte). Plan du rez-de-chaussée.

Groupe scolaire, a Paris
Fonte: **GUADET 1922, p.211**

Campinas, considerada, no final de século XIX, a Capital Agrícola da Província de São Paulo tinha expressiva vida cultural, como atestam os espetáculos do teatro São Carlos, a existência de jornais e as associações científicas atuantes.

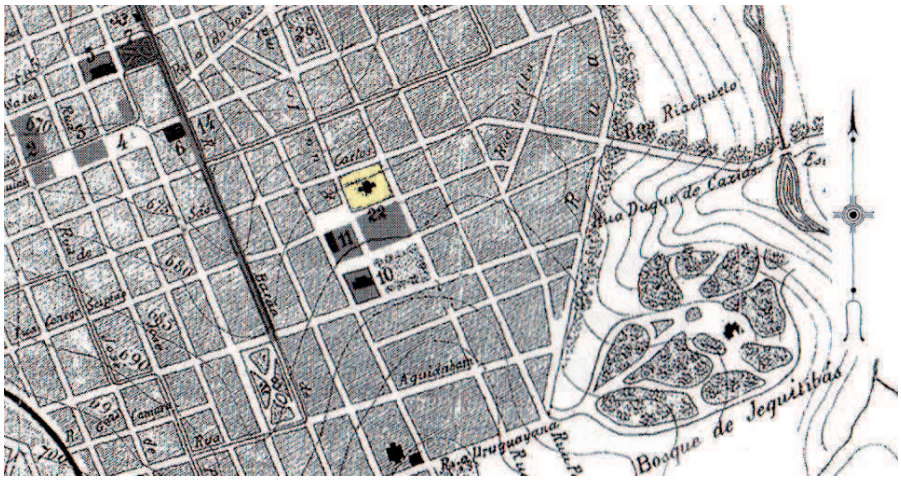
Destacava-se pela qualidade de seus escolas particulares, como o Colégio Culto á Ciência, Colégio Internacional, Escola Alemã, Colégio Cezarino, entre outros. No entanto a difusão do ensino público era muito precária.

A iniciativa para a construção de um edifício para abrigar a escola pública de Campinas foi feita a partir de solicitação da Câmara Municipal de Campinas ao Secretário de Obras Públicas Jorge Tibiriçá em meados 1894, onde se explicitava que o Grupo Escolar deveria ser organizado nos moldes das escolas-modelo da capital.

Assim, foi doado pela Câmara Municipal de Campinas ao Governo do Estado terreno no Largo do Riachuelo, há poucas quadras do centro da cidade, assim como a quantia de 20 contos para construção do grupo escolar.

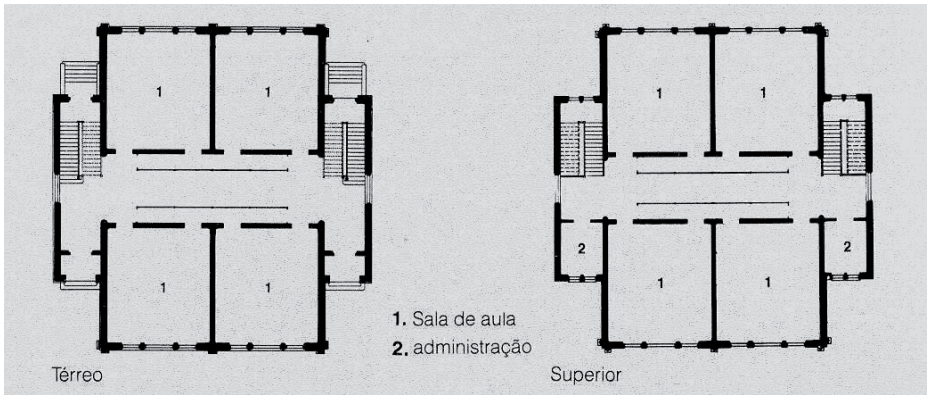
Em 1895 a Câmara Municipal de Campinas recebeu da 1ª Sessão da Superintendência de Obras Públicas o projeto e o orçamento do edifício destinado ao grupo escolar, organizado pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo (Souza, 1997, p.21). foi lançada a pedra fundamental no dia 28 de maio de 1895.

Planta da Cidade de Campinas em 1900
Destaque para 1º Grupo Escolar de Campinas
Fonte: **Almanach A Cidade de Campinas em 1900**

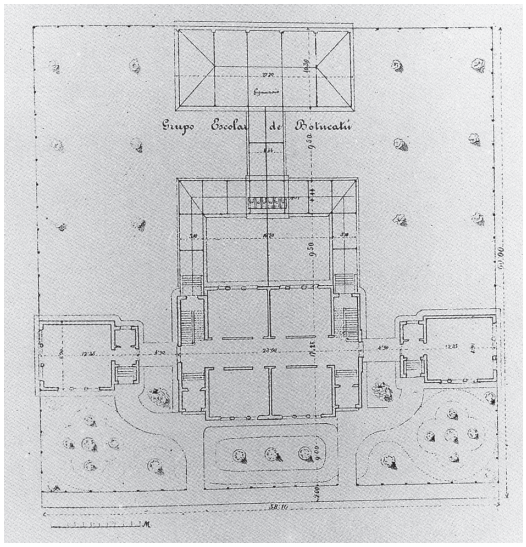


Ampliação de trecho da Planta da Cidade de Campinas em 1900
Destaque para 1º Grupo Escolar de Campinas
Fonte: **Almanach A Cidade de Campinas em 1900**

O 1ºGrupo Escolar de Campinas é um dos exemplares, que ficou convencionado chamar, na publicação da FDE 1890 – 1920 Arquitetura Escolar Paulista (Corrêa et al., 1991), Tipologia Botucatu.

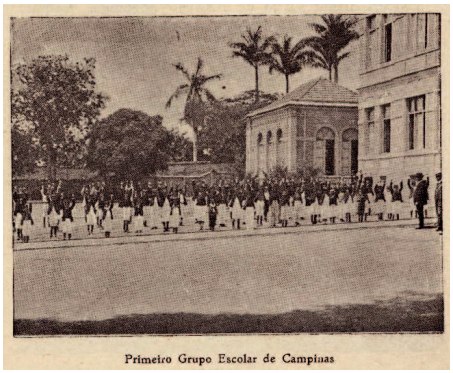


Tipologia Botucatu
Fonte: **Corrêa et al., 1991 p. 8**



Implantação Botucatu
Fonte: **Corrêa et al., 1991p. 8**

Fachada - início do século XX
Fonte: **Anuário do Ensino de Estado de São Paulo, 1907-8 p. 187.**



Fachada - início do século XX
Fonte: **Anuário do Ensino de Estado de São Paulo, 1907-8 p. 188.**

Fachada - início do século XX
Fonte: **Anuário do Ensino de Estado de São Paulo, 1907-8 p. 189.**

No que se refere à autoria do projeto a publicação 1890 – 1920 Arquitetura Escolar Paulista (Corrêa et al., 1991) afirma ser de autoria desconhecida; não há documento técnico indicando tal identificação, no entanto as edições dos jornais "Diário de Campinas" e "Correio de Campinas" (edições de 29/5/1895 e por ocasião de sua inauguração) afirmam ser de autoria do cidadão campineiro por adoção Francisco de Paula Ramos de Azevedo, assim como o "Almanach A Cidade de Campinas em 1900" organizado por Leopoldo Amaral. Por fim a arquiteta Silvia Ferreira Santos Wolf em sua dissertação de mestrado de 1992 afirma:

> "Entre as atribuições notáveis que se pode atribuir à participação de Ramos de Azevedo, no início da arquitetura escolar paulista está o projeto para o Grupo Escolar de campinas. Este projeto funcionou como a planta-matriz para quase todos os grupos escolares construídos no interior do Estado na virada do século, em sua maioria desenvolvidos por Victor Dubugras." (Wolf, 1992 p.147)

Mais adiante a autora questiona:

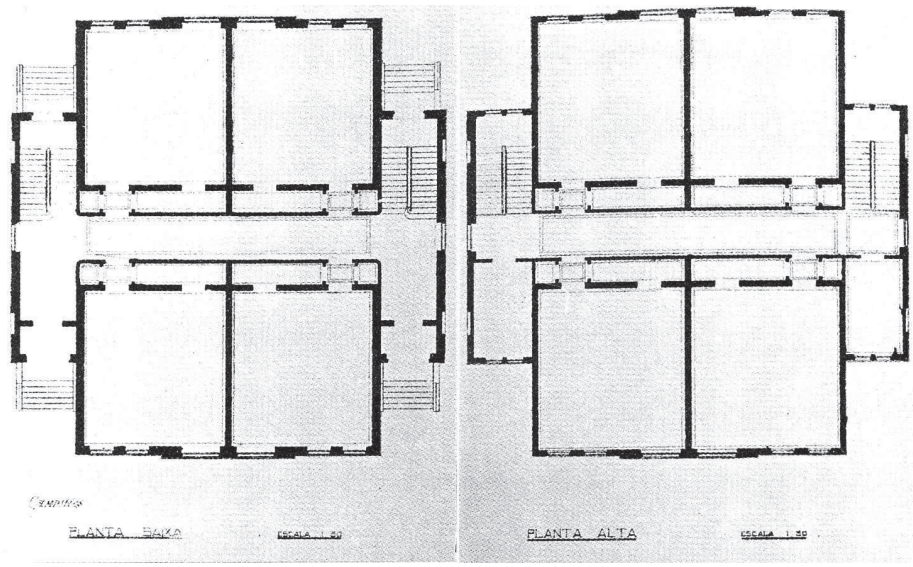
> "Quanto deve Ramos de Azevedo a Dubugras a ideação espacial do projeto do Grupo Escolar de Campinas, matriz do modelo das escolas primárias do interior por longa data?" (Wolf, 1992 p.147)

Os relatos apresentam o edifício como uma construção de dois pavimentos sobre um porão que fazia a acomodação ao terreno, já que se propunha um "projeto tipo".

O programa restringia-se a oito salas de aula, quatro por andar (bloco feminino ficava no térreo e o masculino no superior), dispostas duas a duas ao longo de um eixo de circulação paralelo à fachada principal do edifício e dois pequenos ambientes para administração. Os sanitários isolados ao fundo junto com o ginásio para práticas de ginástica e recreio. Essas áreas externas eram divididas por uma parede perpendicular á fachada posterior, destinando cada metade a alunos e alunas.

A tipologia Botucatu previa ainda dois blocos anexos, que foram construídos posteriormente em 1903. mais tarde o corpo principal foi ampliado em mais um módulo em direção à Rua Boaventura.

Um outro pormenor apresentado na referida tipologia eram os ambientes para vestiários que, guarnecidos de cabides em que os alunos poderiam guardar seus chapéus e lanches, eram construídos com divisórias leves e baixas. No caso do 1º Grupo Escolar de Campinas constituíram-se ambientes fechados.



Planta 1º Grupo Escolar de campinas
Fonte: **Corrêa et al., 1991p. 19**

No dia 7 de fevereiro de 1897 foi inaugurado oficialmente o 1º Grupo Escolar de Campinas. A Ata de inauguração salientava o significado político desta obra republicana:

Fachada - início do século XX
Fonte: **Acervo da EE Francisco Glicério.**

> "A educação da juventude é quase sempre o objetivo dos que elevados pela confiança de um povo inteiro, tem sobre si o encargo sublime de dirigir os destinos desse mesmo povo.
>
> Em nosso país onde durante muitos anos se descuidou desse importante fator de progresso, já agora os benefícios resultado do regimem adotado não se fazendo sentir, pois que diariamente vemos aparecerem novos estabelecimentos de instrução onde o ensino é ministrado com proveito e vazado nos moldes dos mais modernos processos pedagógicos." (apud Souza, 1997 p.24)

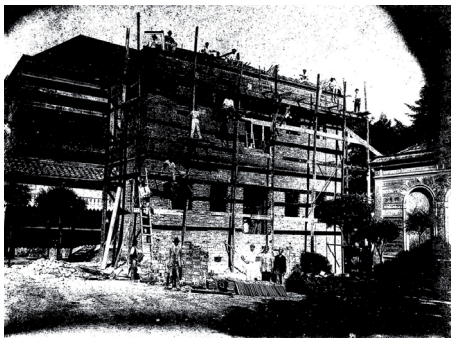
O sistema construtivo empregado foi o de alvenarias autoportantes em tijolos de barro assentadas sobre fundações em alvenaria e pedra.

A cobertura foi executada com estrutura de madeira e telhamento com telhas do tipo francesa.

Todo o andar superior e as salas do térreo são constituídos por piso de assoalho apoiado sobre barrotes de madeira apoiados nas paredes. O forro de madeira fixado na parte inferior dos barrotes dá acabamento ao conjunto.

A circulação no térreo era originalmente revestida com ladrilho hidráulico sobre as abobadilhas do porão apoiados sobre vigas de ferro.

O 1º Grupo Escolar de Campinas organizado pelo "ex-inspector litterario do 18º districto Snr Luiz de Campos" (Anuário do ensino do estado de São Paulo de 1907 – 1908 p. 187) começou a funcionar com 401 alunos matriculados, 216 meninos e 185 meninas, formando três classes do 1º, 2º e 3º anos para cada sexo.



Ampliação executada entre 1903 e 1940
Fonte: **Acervo Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE)**

Francisco Glicério de Cerqueira Leite, Patrono da Escola
Fonte: **Acervo da EE Francisco Glicério.**

Em 1903 a construção dos dois blocos externos correspondeu à demanda de ampliação do número de salas de aula.

E 1912 o curso foi desdobrado em três turnos, passando a contar com 812 alunos matriculados.

O programa permaneceu o mesmo até o fim da década de 1910, quando Oscar Thompson assumiu a diretoria geral do ensino do estado. O educador advogava os princípios de Escola Nova e o ensino primário ampliou seu programa com o canto orfeônico e o escotismo.

Mas pouco tempo durou estas alterações, pois em 1920, Sampaio Dória propôs um projeto para erradicar o analfabetismo, por meio da implantação de uma das polêmicas reformas realizadas no estado de São Paulo (Lei 1750 de 8 de dezembro de 1920). Nela o curso primário ficava reduzido aos dois primeiros anos, obrigatórios e gratuitos para crianças de 9 e 10 anos. Os dois últimos anos foram transformados em curso médio e "taxados com exceção para as crianças reconhecidamente pobres" (SOUZA, 1997 p. 61).

Em 1925 uma nova mudança ampliou o programa criando novas disciplinas.

O então Grupo Escolar Francisco Glicério se adaptou a todas essas mudanças, como àquelas que aconteceram posteriormente.

Em 1917 o 1º Grupo Escolar de Campinas passa a ter a denominação Grupo Escolar Francisco Glicério, homenagem a o campineiro morto na cidade do ro de janeiro, em 1916.

O republicano Francisco Glicério de Cerqueira Leite, filho de agricultores, nasceu em Campinas em 15 de agosto de 1846, iniciou seus primeiros estudos na cidade, sob a direção de Quirino de Andrade e o secundário no seminário episcopal de São Paulo, até 1862.

Com a morte de seu pai, interrompeu seus estudos e voltou à Campinas onde trabalhou como tipógrafo, professor, advogado aprovisionado e político.

Aproximou-se do grupo de republicanos de Campinas como Américo Brasiliense, Bernardino de campos, campos Sales e Rangel Pestana. Participou da Convenção de Itu onde, em 1873 foi fundado o partido republicano Paulista.

Foi Vereador em Campinas, Deputado Federal, Ministro da Agricultura no governo do Marechal Deodoro e senador da República.

A escola funcionou como Grupo escolar durante 70 anos, em 1971 quando passou a Escola Estadual de Primeiro Grau (EEPG) Francisco Glicério, e recentemente Escola Estadual de Primeiro Grau (EE) Francisco Glicério.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Leopoldo (org.). Almanach A Cidade de Campinas em 1900. Campinas, Typografia a Vapor da Casa do Livro Azul, 1899.

Almanach A Cidade de Campinas em 1901. Campinas, Typografia a Vapor da Casa do Livro Azul, 1900.

CLOQUET, L. Traité d'Architecture. Tome Quatrieme. Paris Librarie PolyTechnique Ch. Béranger. Paris et Liége, 1922.

CORRÊA, Maria E. & NEVES, Helia M. V. & MELLO, Mirela G. Arquitetura escolar paulista: 1890/1920. São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação FDE, 1991.

GUADET, Julien. Éléments et Théories de l'Architecture. Tome IV. Paris, Librarie de La Construction Moderne. Macon, Protat Freres, Imprimeurs, sem ano.

NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na primeira república. São Paulo, EDUSP, 1974.

PINTO, Adolpho Augusto. História da Viação Pública de São Paulo. São Paulo, Governo do Estado, 1977.

RIBEIRO, Suzana Barretto. Percurso do olhar: Campinas no início do XX. São Paulo: Anablume; FAPESP, 2006.

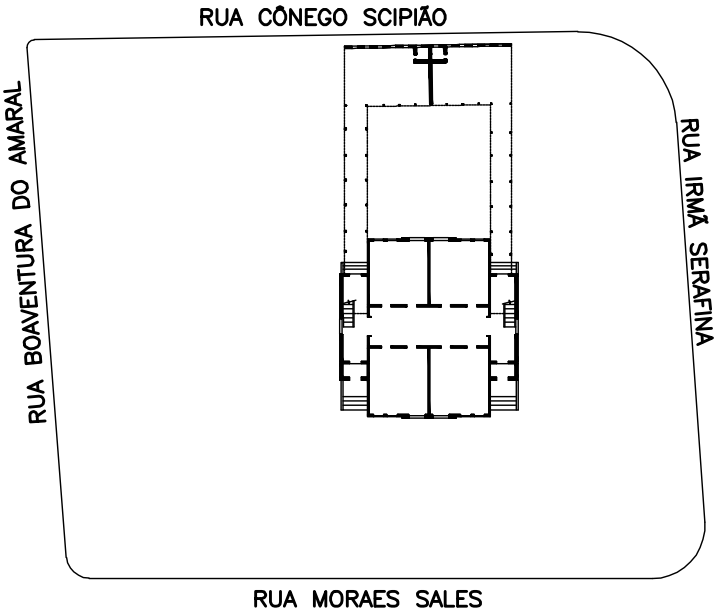
SOUZA, Rosa Fátima. Educação e tradição: EEPG Francisco Glicério de Campinas 1897 – 1997. Araraquara UNESP, 1997. Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 – 1910). São Paulo, UNESP, 1998.

SILVA, Helena Ayoub. Conceitos, Processos e Métodos Presentes na Elaboração do Projeto de Arquitetura. Dissertação de Mestrado Apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1998.

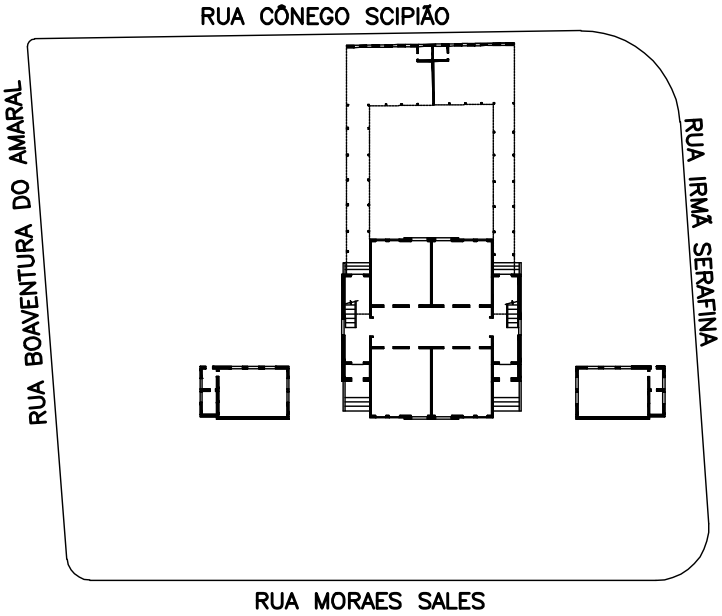
SÃO PAULO (ESTADO). Anuário do Ensino do Estado de São Paulo. São Paulo: Diretoria da Instrução Pública, 1907-8, 1911-12, 1913, 1917, 1918, 1919, 1920-21, 1923-24.

WOLF, Silvia Ferreira Santos. Espaço e educação: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. São Paulo: Universidade de São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1992.

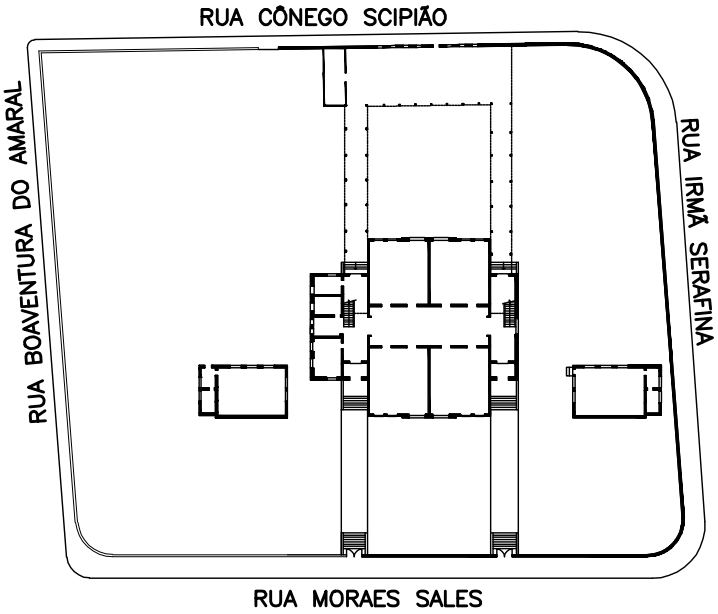
Acervo da EE Francisco Glicério.



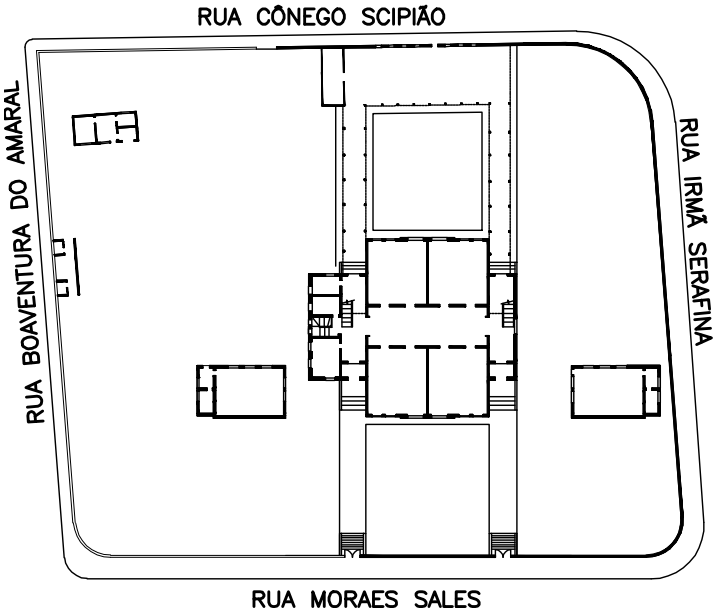
1897



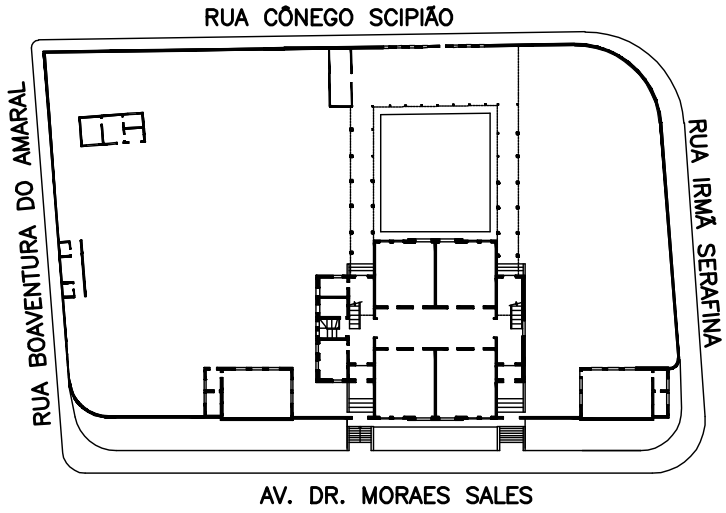
1903



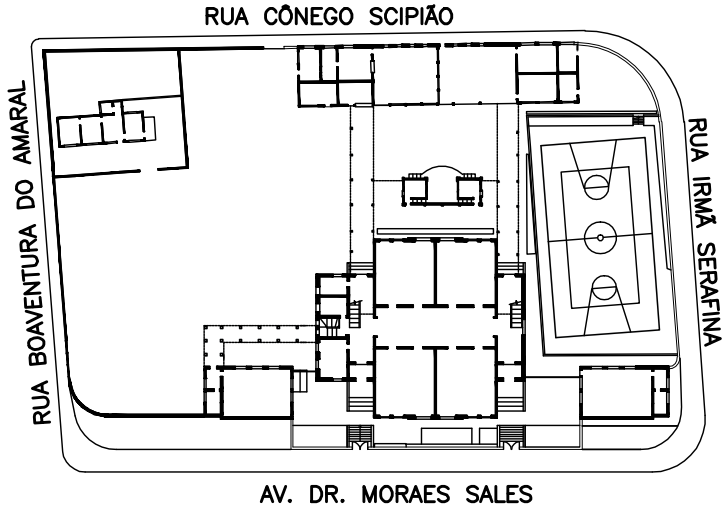
1903-1940



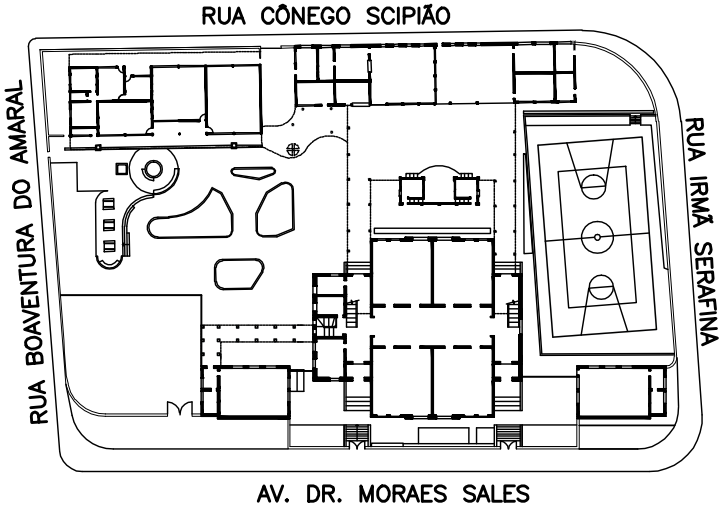
1948


RUA CÔNEGO SCIPIÃO
RUA BOAVENTURA DO AMARAL
RUA IRMÃ SERAFINA
AV. DR. MORAES SALES

1950


RUA CÔNEGO SCIPIÃO
RUA BOAVENTURA DO AMARAL
RUA IRMÃ SERAFINA
AV. DR. MORAES SALES

1987


RUA CÔNEGO SCIPIÃO
RUA BOAVENTURA DO AMARAL
RUA IRMÃ SERAFINA
AV. DR. MORAES SALES

1993

Foto 1 – vista da Av. Dr. Moraes Sales

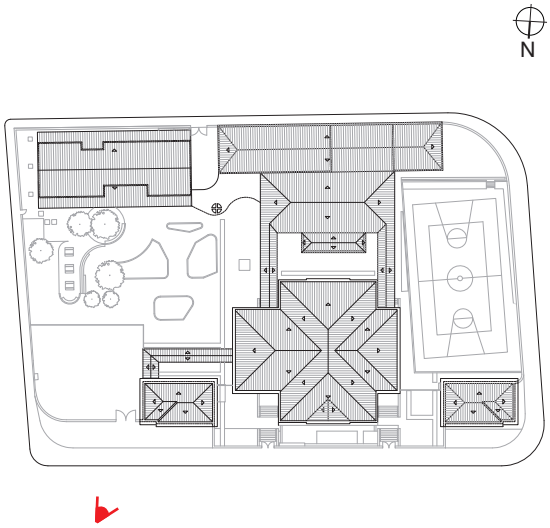


Foto 2 – vista do cruzamento entre as ruas Cônego Scipião e Irmã Serafina

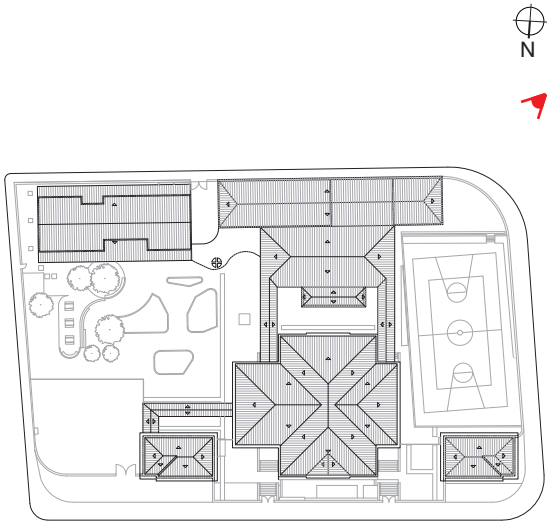


Foto 3 – vista do cruzamento entre as ruas Cônego Scipião e Boaventura do Amaral

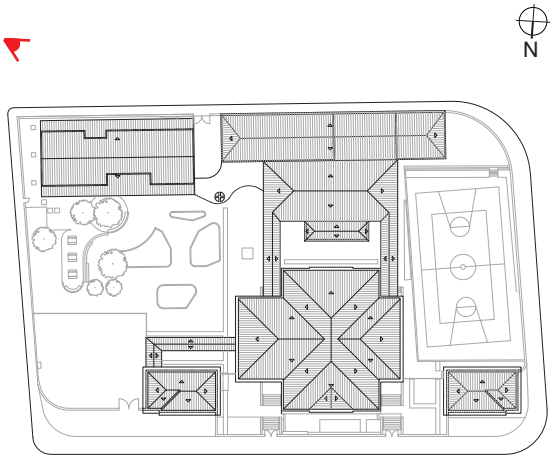


Foto 4 – vista do bloco 1

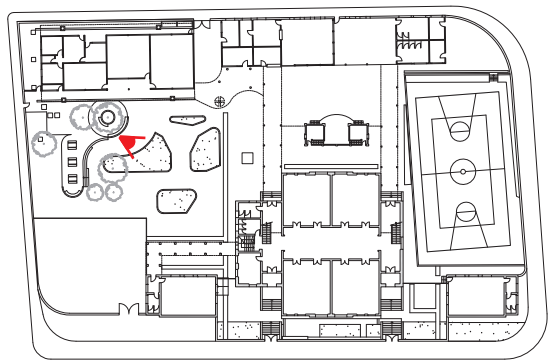


Foto 5 – vista do bloco 2

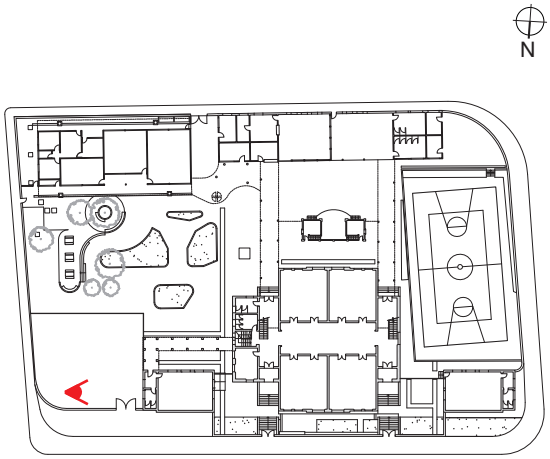


Foto 6 – cobertura que liga os blocos 1 e 2

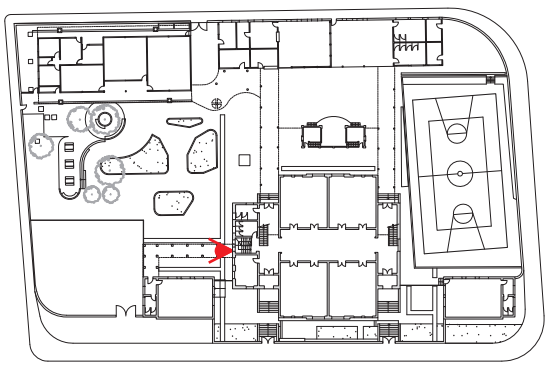


Foto 7 – pátio coberto entre o refeitório e os vestiários

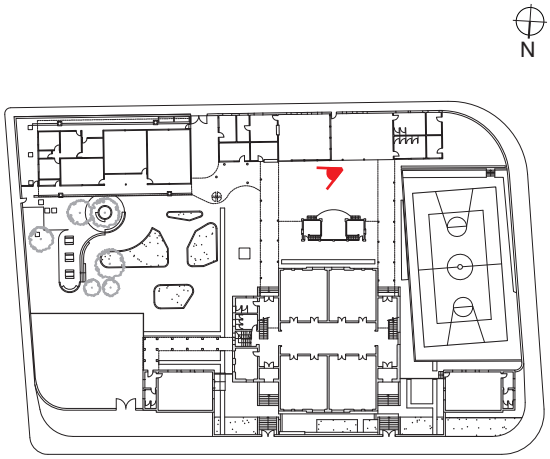


Foto 8 – vista do refeitório

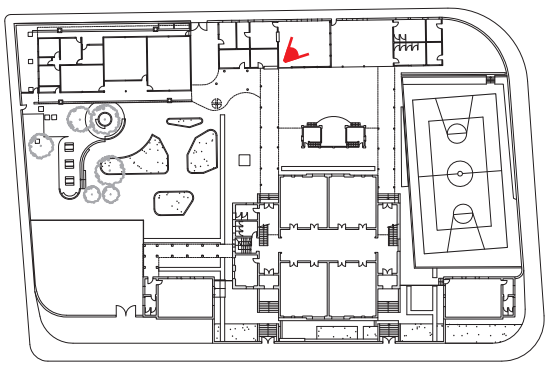


Foto 9 – recreio coberto

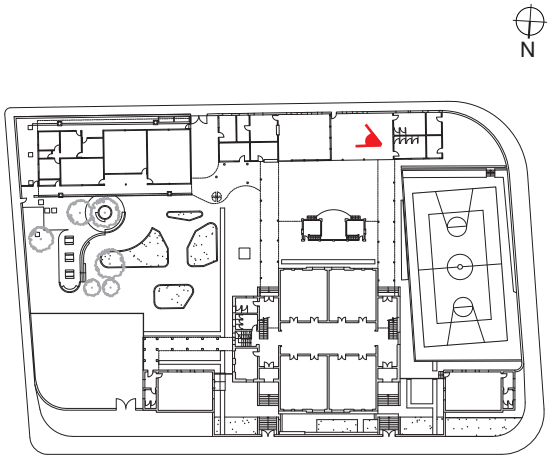


Foto 10 – vista do palco

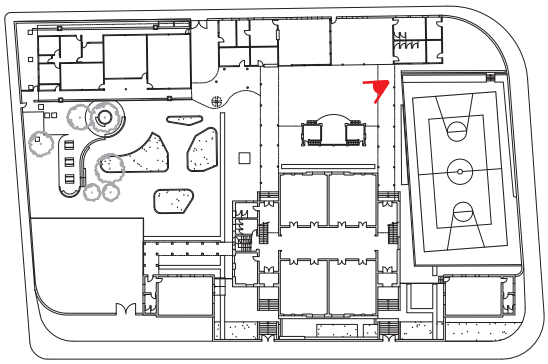


Foto 11 – vista frontal do bloco 1

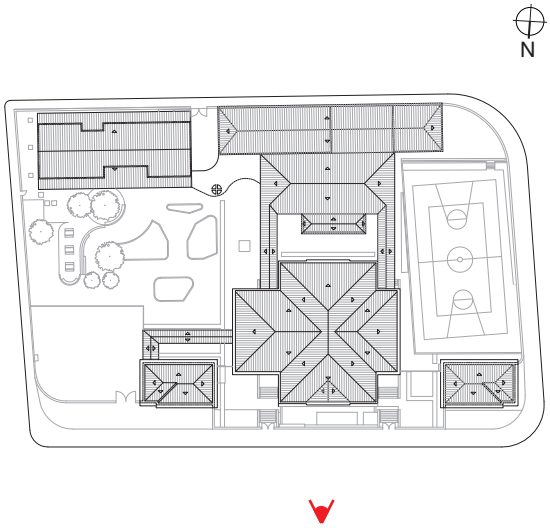


Foto 12 – circulação, pavimento superior do bloco 1

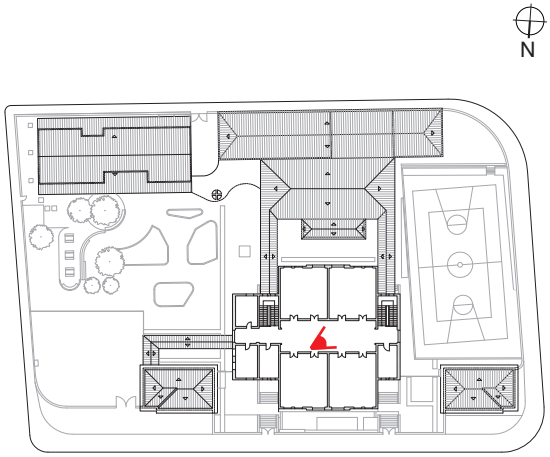


Foto 13 – circulação, pavimento térreo do bloco 1

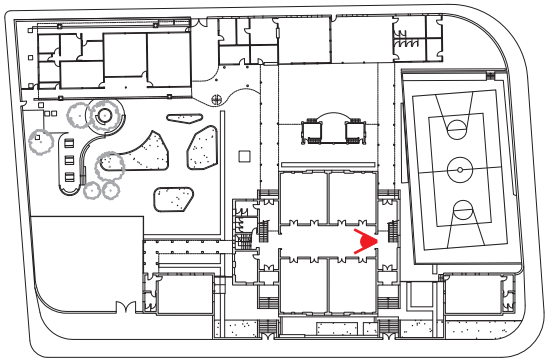


Foto 14 – circulação, porão do bloco 1

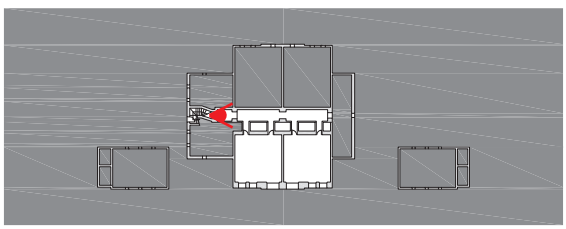


Foto 15 – vista do bloco 2

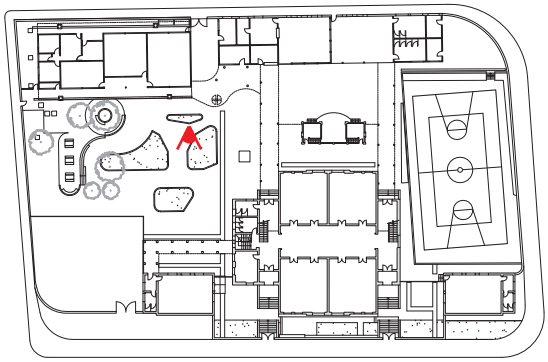


Foto 16 – interior do bloco 2

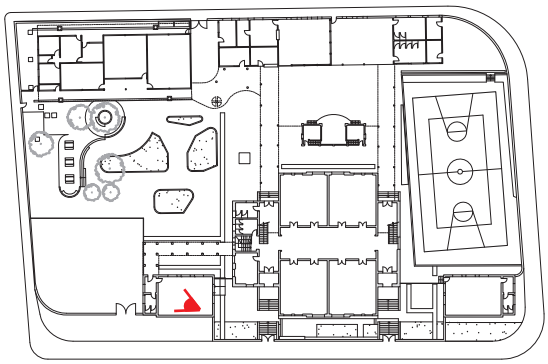


Foto 17 – vista do bloco 3

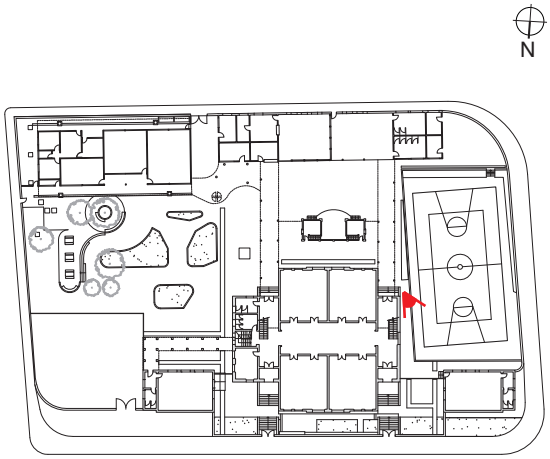


Foto 18 – interior do bloco 3

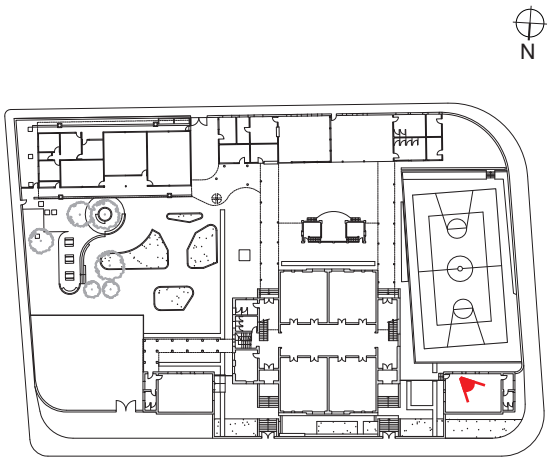


Foto 19 – vista dos blocos 4 e 5

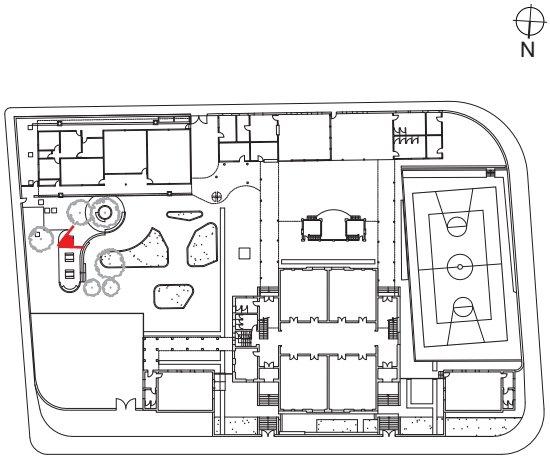


Foto 20 – interior da sala de informática

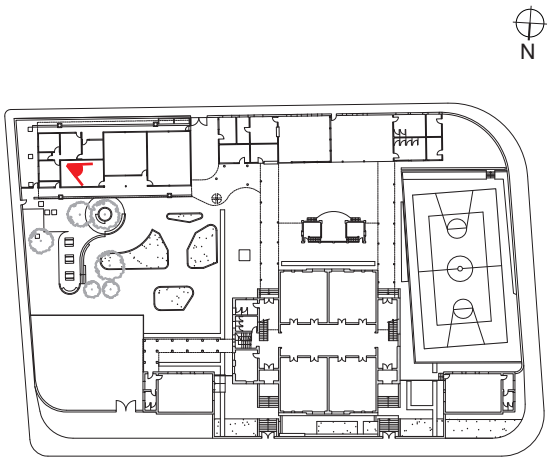


Foto 21 – revestimento externo

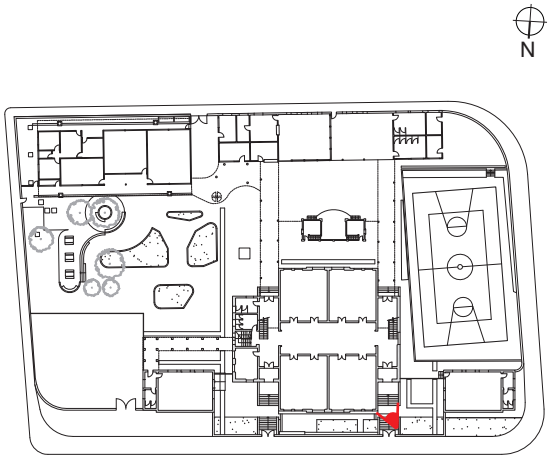


Foto 22 – adequações precárias da rede de combate a incêndio

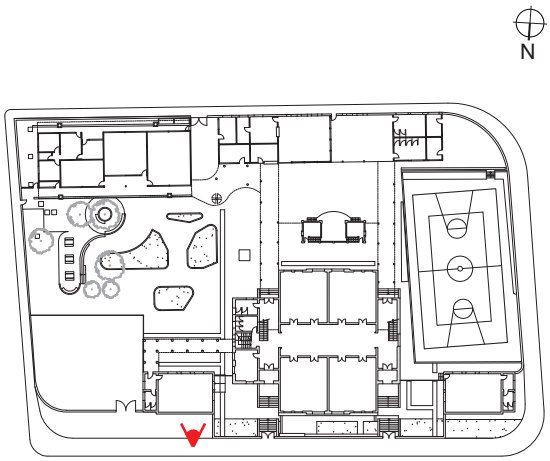


Foto 23 – porta do vestiário danificada

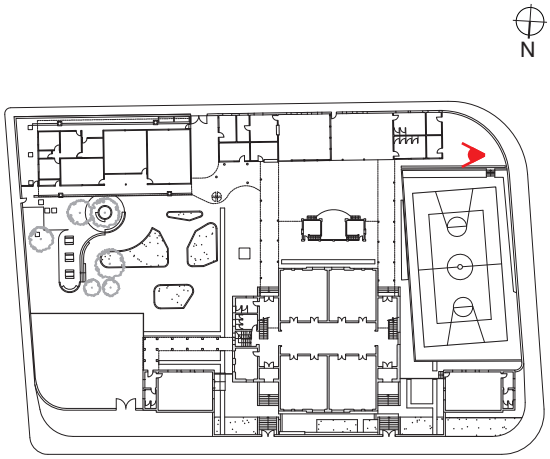


Foto 24 – forro do sanitário junta à secretaria

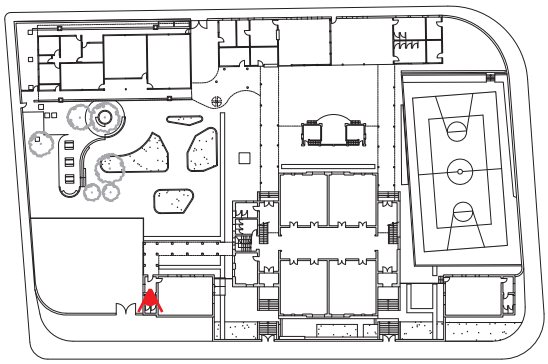


Foto 25 – circulação do pavimento superior, tubulação de bombeiros aparente

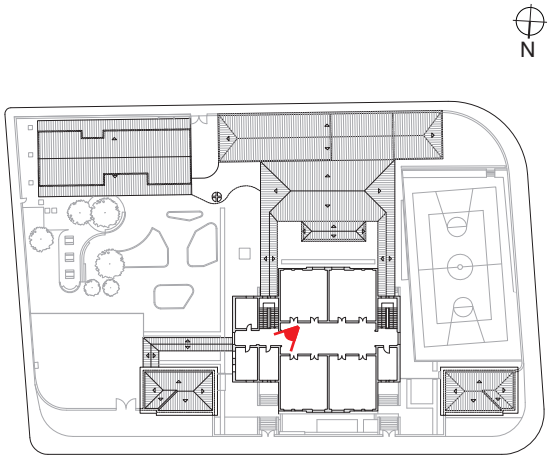
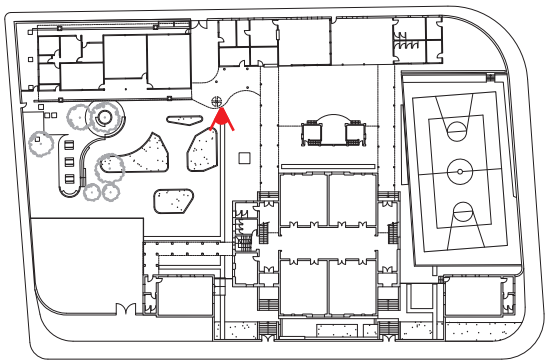


Foto 26 – canaleta de águas pluviais sem gradil



ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS MATERIAIS

ITENS AVALIADOS		MATERIAL	RECUPERAÇÃO										
			PONTUAL	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
COBERTURA	Estrutura												
	Telhas												
	Calhas		X										
	Condutores												
PISOS	Madeira		X										
	Ladrilho hidráulico												
	Cerâmica	substituir por ladrilho hidráulico											
	Outros												
RODAPÉS	Madeira												
	Ladrilho hidráulico												
	Ceramica												
	Outros	Argamassa	X										
SOLEIRAS	Madeira												
	Ladrilho hidráulico												
	Cerâmica												
	Mármore												
	Outros	Granito	X										
ESCADAS	Madeira		X										
	Ladrilho hidráulico												
	Cerâmica												
	Mármore												
	Outros												
FORROS	Madeira		X										
	Estuque												
	Laje												
	Outros												
PAREDES INTERNAS	Salas de aula, circulação												
	Cozinha												
	Refeitório												
FACHADAS	Elementos decorativos	Argamassa											
	Frisos	Argamassa	X										
	Molduras	Argamassa											
	Panos lisos	Argamassa	X										
MUROS	Elementos decorativos												
	Frisos	Argamassa											
	Molduras												
	Panos lisos												
PORTAS	Folhas	Madeira	X										
	Ferragens												
	Vidros												
JANELAS	Folhas	Ferro											
		Madeira											
	Ferragens		X										
	Vidros		X										
GATEIRAS		Ferro	X										
GRADIS		Ferro											
PORTÕES	Folhas	Ferro											
	Ferragens												
CONSTRUÇÕES ANEXAS	Galpão												
	Passagem coberta												
ÁREAS EXTERNAS	Pisos												
	Drenagem		X										
	Quadra												
	Caixa d' água												
PINTURA	Interna												
	Externa												
INSTALAÇÕES. ELÉTRICAS	Tubulações embutidas												
INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS	Tubulações embutidas												
AVALIAÇÃO GERAL													

NOTA: Presença de cupins

RUIM BOM

SERVIÇOS E OBRAS DE RESTAURAÇÃO E CONSERVAÇÃO

1. CONDIÇÕES PRELIMINARES

O objetivo deste Memorial é estabelecer diretrizes gerais para a execução dos serviços e obras necessários ao restauro, recuperação e conservação da Escola Estadual Francisco Glicério código 05.05.126, situada à Avenida Dr. Moraes Sales, nº 988, na cidade de Campinas, SP.

As especificações aqui contidas deverão ser utilizadas em conjunto com desenhos do projeto de arquitetura e especificações dos relatórios de instalações, pois se complementam. Deverão ser consultados ainda os Manuais Técnicos da FDE, sobretudo o Catálogo de Componentes e de Serviços.

Os serviços contratados serão executados, rigorosamente, de acordo com o Projeto, este Memorial e com os documentos nele referidos.

Onde o memorial for omisso, ou quando algum novo elemento for encontrado no decorrer das obras, a solução deverá ser adotada em observância às normas da boa técnica de construir, com a prévia orientação e aprovação da FISCALIZAÇÃO.

O CONSTRUTOR será responsável por qualquer erro ou serviço em desacordo com o projeto, correndo por sua conta o refazimento do mesmo.

Serão impugnados pela FISCALIZAÇÃO todos os trabalhos que não respeitem o projeto as prescrições deste memorial ou que não satisfaçam às condições contratuais.

Recomenda-se que o CONSTRUTOR mantenha na obra profissional técnico especialista em preservação e restauro do patrimônio histórico.

Todos os documentos técnicos deverão ficar permanentemente no escritório da obra; inclusive o presente memorial.

O CONSTRUTOR deverá submeter à apreciação da FISCALIZAÇÃO, em tempo hábil, amostras, protótipos e/ou catálogos dos materiais especificados para a obra, sob pena de impugnação dos trabalhos porventura executados.

Deverão, ainda, preceder às intervenções os testes e provas com materiais, técnicas e procedimentos metodologicamente aprovados, após verificações laboratoriais especializados para cada elemento e fase de serviços. Toda documentação produzida nessa etapa deverá ser sistematizada.

Deverá comunicar à FISCALIZAÇÃO qualquer erro, desvio ou omissão, referente ao estipulado nos desenhos ou especificações ou em qualquer documento que faça parte integrante do contrato.

Acatar as instruções e observações que emanarem da FISCALIZAÇÃO, refazendo qualquer trabalho não aceito.

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

Antes do início da execução dos serviços deverá ser providenciada a proteção dos elementos que não podem ser removidos e que estarão sujeitos a agressões físicas e mecânicas decorrentes do cotidiano da obra. Deverão ser executadas proteções especiais para cada elemento, considerando o material adequado para preservação de sua integridade.

Todos os serviços executados no imóvel deverão ser documentados através de fotos, gráficos, mapeamentos, textos e demais registros, que perfaçam o acompanhamento técnico, os quais constarão do relatório final a ser entregue à FDE pela firma CONSTRUTORA, responsável pela restauração do imóvel.

Os serviços somente serão considerados aceitos quando verificar-se que a execução respeitou as disposições previstas neste memorial e demais documentos que o integrarem. Só então, estarão prontos para os termos de verificação e recebimento parcial e/ou total, provisório e/ou definitivo, que for disposto legalmente.

Deverão ser registrados no livro de obra todas as alterações de projeto ou das recomendações do presente memorial, justificando e comunicando tanto a FISCALIZAÇÃO quanto a equipe de arquitetura.

À equipe de arquitetura compete acompanhar os trabalhos desde o início até a aceitação definitiva, verificando a perfeita execução dos mesmos e o atendimento das especificações, bem como solucionar os problemas executivos, testar trabalhos realizados e dar juízo sobre o andamento dos trabalhos em livro de obra.

Todos os materiais retirados e que serão reaproveitados deverão ser identificados e devidamente documentados.

O canteiro de obras deverá prever local com condições de segurança exigidas para guarda de material retirado, a ser restaurado, bem como estocagem de novos, independente do local de guarda de demais materiais, ferramentas e trânsito intenso de pessoal.

A empresa contratada deverá providenciar toda ferramenta, maquinário e aparelhamento comprovadamente adequados a mais perfeita execução dos serviços contratados.

A empresa responsável pela execução do restauro deverá contratar equipe de mão-de-obra especializada para execução das prospecções e demais serviços de restauro propostos no projeto.

A obra deverá manter-se constantemente organizada e limpa removendo-se periodicamente entulhos acumulados ou obstáculos que dificultem movimentação normal das pessoas.

2. DESCRIÇÃO DA OBRA

Trata-se da do restauro e conservação da EE Francisco Glicério, localizada na cidade de Campinas à Av. Dr. Moraes Sales.

Inaugurada em 1897 a EE é bem cultural protegido pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas – CONDEPAAC (Processo de Tombamento 010/91; Tombado Pela Resolução nº 17 de 24 de fevereiro de 1994) e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT (Processo 24.926/86 – Tombamento aprovado em 29 de julho de 2002 ATA nº 1253).

Algumas edificações anexas foram construídas visando adequar a unidade escolar aos novos programas. Portanto não serão objeto de restauro, mas serão reformadas de modo a permitir sua plena utilização.

Área da edificação tombada: 1.489,24 m²

Área das construções anexas: 464,61 m²

Áreas externas cobertas: 515,05m²

A área citada tem por finalidade, apenas caracterizar a magnitude do restauro e reforma, sem que possa servir de base para cobrança, por parte do CONSTRUTOR, de serviços extraordinários.

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

3. DESCRIÇÃO DO PROJETO

O projeto arquitetônico de restauro e conservação aqui encaminhado foi desenvolvido a partir de critérios técnicos e científicos referentes ao trato do patrimônio cultural e com a preservação de bens culturais nacionais e internacionais.

Compõe-se de pesquisa histórica textual e iconográfica, fichamento e planta síntese sobre o estado de conservação e patologias encontradas em todos os componentes construtivos do imóvel, documentação fotográfica, planta de cronologia construtiva, e projeto arquitetônico para execução de obras de conservação e restauro do imóvel.

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

4. IMPLANTAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

4.1. Instalações provisórias

Água e Esgoto

Se houver, e no período em que houver, necessidade de utilização de reservatórios, serão em fibra de vidro ou PVC, dotados de tampa, com capacidade dimensionada para atender, sem interrupção de fornecimento, a todos os pontos previstos no canteiro de obras. Cuidado especial será tomado pelo CONSTRUTOR quanto à previsão de consumo de água para confecção de concreto, alvenaria, pavimentação e revestimento da obra.

Os tubos e conexões serão do tipo rosqueáveis para instalações prediais de água fria, em PVC rígido.

Energia Elétrica

Os ramais e subramais internos serão executados, pelo CONSTRUTOR, com condutores isolados por camada termoplástica, devidamente dimensionados para atender às respectivas demandas dos pontos de utilização.

Os condutores aéreos serão fixados em postes de madeira com isoladores de porcelana.

As emendas de fios s cabos serão executadas com conectores apropriados e guarnecidos com fita isolante. Não serão admitidos fios decapados.

As descidas (prumadas) de condutores para alimentação de máquinas e equipamentos serão protegidas por eletrodutos.

Todos os circuitos serão dotados de disjuntores termomagnéticos.

Cada máquina e equipamento receberão proteção individual, de acordo com a respectiva potência, por disjuntor termomagnético, fixado próximo ao local de operação do equipamento, devidamente abrigado em caixa de madeira com portinhola.

A FISCALIZAÇÃO exercerá enérgica vigilância das instalações provisórias de energia elétrica, a fim de evitar acidentes de trabalho e curto-circuitos que venham prejudicar o andamento normal dos trabalhos.

4.2. Instalações de Canteiro

O canteiro deverá ser dotado de escritório, almoxarifado, sanitários/vestiários e refeitório.

4.3. Tapume

Os tapumes, salvo instruções em contrário por parte da FISCALIZAÇÃO ou exigências da municipalidade local, apresentarão as seguintes características:

• A altura do tapume será de 2,50 metros.

• Os montantes principais - peças inteiras e maciças com 75 x 75 mm de seção transversal - espaçados de 1,10 m, serão de Peroba-Rosa ou madeira equivalente - a critério da FISCALIZAÇÃO - solidamente fixados no solo.

• Os montantes intermediários e as travessas - peças inteiras e maciças com 50 x50 mm de seção transversal - serão de Pinho do Paraná ou madeira equivalente - a critério da FISCALIZAÇÃO.

• Os rodapés serão de tábua de Pinho do Paraná ou madeira equivalente - a critério da FISCALIZAÇÃO - com 300 x 25 mm de seção transversal.

• Os chapins - à guisa de pingadeira - terão características idênticas às dos rodapés referidos no item anterior.

• Os mata-juntas - sarrafos de Pinho do Paraná - com 50 x 50 mm de seção transversal, fixados nos encontros das chapas de vedação.

• As chapas de vedação serão de madeira compensada laminada, de 8 mm de espessura, com revestimento plástico em ambas as faces.

• Portão, alçapões e porta - para descarga de materiais e acesso de operários, respectivamente - terão as mesmas características do tapume.

• Todo o tapume, inclusive os montantes, rodapés, chapins, mata-juntas, portão, alçapões e porta, será imunizado com produto adequado, aplicado com pistola ou com pincel, conforme as especificações do fabricante. Deverão receber acabamento final em pintura nas cores preta e branca.

4.4. Telamento de Fachadas

Serão obedecidas as recomendações da NR-18 relativas ao "telamento das fachadas",incluídas no subtítulo "Tapumes e Plataformas de Proteção" e recomendações específicas da FDE.

4.5. Transporte Vertical

O transporte vertical de materiais e de pessoas, objeto de subtítulo específico na NR-18, será executado com os equipamentos e as precauções ali preconizados.

É terminantemente proibido o transporte simultâneo de cargas e pessoas.

4.6. Andaimes

Será utilizado andaime do tipo fachadeiro para o restauro das fachadas.

Objeto de subtítulo específico na NR-18, os andaimes serão executados de acordo com as recomendações ali preconizadas.

4.7. Condutor de Entulhos

Será, de preferência, constituído por sistema cujos componentes principais são: tubo coletor : integrado por módulos cônicos de polietileno de alta densidade; corrente de fixação; coletor superior; coletor intermediário; anel de apoio; suporte regulável; anel direcional; carretilha; e, extensor de suporte.

A forma cônica do módulo do tubo coletor é a condição indispensável, visto permitir que ditos módulos, situados na parte inferior, possam ser recolhidos, evitando, desse modo, furtos e danos.

A retirada de entulho será feita conforme orientação da FISCALIZAÇÃO.

A retirada de mobiliário quebrado e materiais inservíveis existentes na construção que serão disponibilizados para a Secretaria de Educação.

Todo o material de construção a ser retirado da obra deverá ser triado e catalogado conforme os procedimentos técnicos pertinentes a obras de restauro.

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

5. SERVIÇOS COMPLEMENTARES

5.1. Prospecções

O CONSTRUTOR será responsável pela contratação das prospecções estratigráficas e exploratórias, a serem executadas por empresa especializada. Portanto, para fins de orçamento de prestação de serviços, indicamos os nomes dos seguintes restauradores:

• KRM - Restaurações
Fone: (11) 3207 0204 / 9658 8330 com Kátia Magri
9952 1413 com Sidnei
E-mail: krmagri@terra.com.br

• Julio Moraes Conservação e Restauro S/C Ltda.
Endereço: Rua Professor Fábio Fanucchi, 229. Cep. 02045-080 Jd. São Paulo, SP.
Fone: (11) 2281 6760/9608.
E-mail: jpcrest@uol.com.br
juliomoraes@juliomoraes.com.br

• Claudia Rangel
Endereço: Rua Francisco Vilela 79 - V. comerciários I Cep. 12509-260 Guaratinguetá, SP
Fone: (12) 3122-1592
(12) 9786-7479
E-mail: clarangel@uol.com.br

• Márcia Nicolau / Eny Pinheiro
Fone: 3289-2735
E-mail: marcianic@iron.com.br
enyfeipin@hotmail.com

• Estudio Sarasa
Fone: 2063-2109
9874-0681
E-mail: estudiosarasa@uol.com

Os serviços de prospecções estratigráficas exploratórias de pintura deverão seguir o escopo conforme descrito a seguir:

• Serão prospectadas todas as faces externas de todas as fachadas da parte antiga da escola: paredes, embasamentos, todos elementos decorativos, platibandas, gárgulas, pilastras, ombreiras, vergas, sobrevergas, peitoris, janelas, portas, batentes, em pontos a serem definidos pela equipe de arquitetura.

• Serão prospectadas todas as faces internas de todos os ambientes da edificação hisdtórica: paredes, portas, janelas, vergas, ombreiras, batentes, rodapés, forros e molduras dos quadros negros, em pontos a serem definidos pela equipe de arquitetura.

• As prospecções deverão ser feitas em forma de faixas simples ou em "bandeira inglesa" para identificação de pinturas parietais do tipo lisas, barrados, artísticas ou decorativas. Nos demais elementos deverão ser feitas calas.

• Todas as prospecções deverão atingir a base do elemento construtivo.

• Todas as prospecções deverão ser numeradas e referenciadas.

A critério da FISCALIZAÇÃO as prospecções poderão ter tratamento final de proteção, através da colocação de papel de arroz, bem como da aplicação de verniz tipo paralóide.

As prospecções serão apresentadas na forma de relatório ilustrado conclusivo, a ser aprovado pela FISCALIZAÇÃO, contendo, no mínimo:

• Metodologia.

• Pesquisa iconográfica de época da construção da escola para verificar a relação entre claros e escuros, a partir de arquivos da FDE ou da escola.

• Plantas com identificação através de numeração dos locais prospectados.

• Registro fotográfico com identificação de todos os pontos prospectados, inclusive com indicação, por camada, de cores e tom encontrados, dos códigos de acordo com escala cromática "Pantone" e de catálogos tintométricos de fabricantes de tintas como Coral e Sulvinil, dentre outras, bem como uma referência da cor (nome popular da cor).

• Parecer técnico conclusivo dos resultados obtidos e do cromatismo a ser adotado no edifício, considerando pesquisa histórica e projeto de arquitetura, contendo tabela com os códigos de acordo com escala cromática "Pantone" e de catálogos tintométricos de fabricantes de tintas como Coral e Sulvinil, dentre outras, bem como uma referência da cor (nome popular da cor), conforme modelo abaixo:

• Apresentar desenhos na escala 1:1 de moldes das pinturas parietais artísticas e decorativas encontradas, assim como duas elevações dos ambientes com indicação dos barrados e cotas.

• O relatório das prospecções será apresentado impresso e em arquivo digital.

• Para as Prospecções, a empresa deverá seguir o roteiro abaixo:

PROSPECÇÃO PICTÓRICA

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO DE ORÇAMENTO DE PROSPECÇÃO PICTÓRICA:

EXTERNA

Prospectar todos os itens indicados abaixo:

• AS PAREDES EXTERNAS E TODOS OS ORNATOS EM RELEVO;
• PORTAS;
• BATENTES;
• JANELAS; (SE ORIGINAIS)
• GRADIS;
• LAMBREQUINS;
• GUARDA-CORPOS;
• PORTÕES;
• CORRIMÃOS
• ESTRUTURA DO GALPÃO;

INTERNA

Prospectar todos os ambientes e todos os itens construtivos:

• PAREDES;
• PORTAS;
• JANELAS; (SE ORIGINAIS)
• BATENTES;
• FORROS;
• RODAPÉS;
• MOLDURAS DOS QUADROS-NEGROS;
• CORRIMÃOS;

A prospecção em cada um dos ambientes deve ser feita em uma das paredes, em x, para identificar as barras decorativas, as barras e sobrebarras, os filetes e as gregas .

A prospecção deve ser documentada em um relatório com as seguintes informações:

EXTERNA

• Indicar no desenho da fachada os locais prospectados;

• Confrontar com a iconografia da época da construção, a ser fornecida pela fde ou pela escola;

• Apresentar um desenho da fachada com a representação em tons aproximados aos encontrados na prospecção com as respectivas identificações de cores;

• Identificar todas as cores encontradas através da prospecção de todos os itens construtivos da área externa, documentando através de fotografia o item prospectado;

• Elaborar uma tabela discriminando as cores externas identificadas através do catálogo pantone e dos catálogos tintométricos da suvinil, da coral e uma referência da cor;

ITEM PROSPECTADO	PANTONE	SUVINIL	CORAL	REFERÊNCIA DE COR
FACHADA CLAROS	XXX	YYY	ZZZ	OCRE + BRANCO
FACHADA ESCUROS	XXX	YYY	ZZZ	OCRE
PORTAS	XXX	YYY	ZZZ	MARROM
JANELAS	XXX	YYY	ZZZ	TABACO
GRADIS	XXX	YYY	ZZZ	GRAFITE
ESTRUT. DO GALPÃO	XXX	YYY	ZZZ	TABACO
LAMBREQUINS	XXX	YYY	ZZZ	TABACO
GUARDA-CORPOS	XXX	YYY	ZZZ	GRAFITE
CORRIMÃOS	XXX	YYY	ZZZ	MARROM
PORTÕES	XXX	YYY	ZZZ	GRAFITE

INTERNA

• Indicar em planta os locais prospectados com as respectivas fotografias;

• Indicar em um corte a altura da barra inclusive com cotas dos filetes, das gregas, da sobrebarra e do desenho encontrado, com as respectivas indicações de cores;

• Apresentar os desenhos das barras florais em escala 1:1, para posterior elaboração do molde de aplicação;

• Apresentar um quadro resumo das cores encontradas, relacionadas através de indicação numérica para os ambientes;

AMBIENTE/ ITEM PROSPECTADO	PANTONE	SUVINIL	CORAL	REFERÊNCIA DE COR
SALAS 1,2,3,4 :				
BARRA	XXX	YYY	ZZZ	VERDE ESCURO
SOBREBARRA	XXX	YYY	ZZZ	OCRE + BRANCO
FILETE	XXX	YYY	ZZZ	MARROM CAFÉ
FLORÃO 1	XXX	YYY	ZZZ	TABACO
CIRCULAÇÃO:				
BARRA	XXX	YYY	ZZZ	MARROM CLARO
SOBREBARRA	XXX	YYY	ZZZ	CREME
FLORÃO 2	XXX	YYY	ZZZ	VERDE ESCURO
BATENTES	XXX	YYY	ZZZ	MARROM
PORTAS	XXX	YYY	ZZZ	MARROM
JANELAS	XXX	YYY	ZZZ	MARROM
FORROS	XXX	YYY	ZZZ	PALHA
RODAPÉ	XXX	YYY	ZZZ	TABACO
CORRIMÃOS	XXX	YYY	ZZZ	MARROM
MOLDURA DOS QUADROS NEGROS	XXX	YYY	ZZZ	MARROM

Obs: os testemunhos encontratos devem ser protegidos com paralóide e serem deixados em formato retangular ou quadrado, centralizando o florão.

Apresentar todo o trabalho em arquivo digital.

Solicitamos também orçamento de aplicação de barras decorativas e filetes por metro linear.

Forneceremos os moldes a serem aplicados, e a respectiva identificação de cores.

Deverão ser fornecidos isoladamente os orçamentos dos itens:

- FACHADA EXTERNA;
- PINTURA INTERNA;
- APLICAÇÃO DE BARRAS DECORATIVAS.

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

5.2. Tratamento contra Insetos, Desratização e Desinfecção.

Foram identificados vestígios de insetos xilófagos na edificação, o que foi confirmado pelos usuários que apontaram também a necessidade de desratização.

O CONSTRUTOR será responsável pela contratação do serviços de descupinzação, desinsetização, desratização e controle de pombos, a serem executados por firmas especializadas e filiadas a APRAG (Associação Paulista de Controle de Pragas Urbanas).

• Termitek – Engenharia e Consultoria em Controle de Pragas Urbanas Ltda.
Endereço: R. Catulo da Paixão Cearense 428 Saúde, CEP 04145-011
São Paulo - SP
Fone: (11) 5563 5258
Contato: Carlos Massaru Watanabe

• Tecnomad - Conservação e Serviços Técnicos Ltda.
Endereço: Av. Pe. Antônio José dos Santos 1512, Brooklin
São Paulo – SP
Fone: (11) 4032 4833
Contato: Oscar de Brito Neto

• Pulvinset Serviços Técnicos Ltda.
Endereço: Av. dos Aratãs, 1725 Planalto Paulista - CEP 04081-006
São Paulo - SP
Fone: (11) 5044 5144
Contato: Paulo C. Macedo Gonçalves.

Os serviços de combate a insetos deverão seguir o escopo conforme descrito a seguir:

• Execução de tratamento químico de solo nas regiões próximas às fundações externas e internas das edificações (tomados os devidos cuidados na área do edifício tombado) através de perfurações seriadas no piso para permitir a adição de solução a base de água com o objetivo de exterminar colônias subterrâneas e de construir barreira química contra insetos xilófagos.

• Execução de tratamento das caixas e dutos de eletricidade e telefonia existentes, através de perfurações com cerca de 3mm de diâmetro para injeção de solução inseticida.

• Execução de tratamento químico das guarnições e batentes das portas e nas molduras das lousas através de perfurações feitas na interface componente de madeira e alvenaria de todos os elementos.

• Execução de tratamento do madeiramento dos telhados através de injeção e de pulverização de solução inseticida a base de solventes orgânicos.

• Execução de tratamento dos forros e pisos e do barroteamento através de perfurações para injeção de solução inseticida e de pulverização de solução a base de solventes orgânicos

• Para a desratização deverão ser identificados os tipos de roedores e posteriormente executada a desratização raticidas agudos, crônicos, utilização de iscas e armadilhas.

• Limpeza e desinfecção das fossas: deverão ser executados os serviços de limpeza de fossas e sumidouros, com veículos equipados sistemas de alto-vácuo, para transporte de resíduos líquidos, pastosos ou granulados. Após a retirada todo local deverá ser desinfectado com produto químico aprovado pela Vigilância Sanitária.

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

6. MOVIMENTO DE TERRA E DRENAGEM

Condições Gerais

As escavações necessárias serão executadas de modo a não ocasionar danos à vida, ao patrimônio construído ou propriedades públicas ou de terceiros. Desde que atendidas as condições retrocitadas, as escavações provisórias de até 1,50m não necessitam de cuidados especiais.

A execução dos trabalhos de escavações obedecerá, além do aqui transcrito, a todas as prescrições da NB-51/85 (NBR 6122) concernentes ao assunto.

Os equipamentos a ser utilizados nas operações de corte serão selecionados, de acordo com a natureza e classificação do material a ser escavado e com a produção necessária.

Todas as escavações serão protegidas contra ação de água superficial ou de chuvas.

As escavações serão precedidas da execução dos serviços de demolição e limpeza e se processarão mediante a previsão de utilização adequada ou rejeição dos materiais extraídos. Assim, apenas serão transportados para constituição dos aterros, os materiais que, pela classificação e caracterização efetuadas nos cortes sejam compatíveis com os especificados para a execução de eventuais aterros ou reaterros.

Caso constatada a conveniência técnica e econômica da reserva de material escavado em cortes, para a confecção de camadas superficiais dos aterros, será procedido o depósito dos referidos materiais para sua oportuna utilização.

O reaterro de escavações provisórias e o enchimento junto a muros de arrimo ou cortinas serão executados com todos os cuidados necessários, de modo a impedir deslocamentos que afetem a própria estrutura, edificações ou logradouros adjacentes.

Nenhum movimento de terra poderá ser iniciado enquanto os serviços preliminares nas áreas envolvidas não estiverem totalmente concluídos.

A execução das escavações implicará na responsabilidade integral do CONSTRUTOR pela sua resistência e estabilidade.

APLICAÇÃO

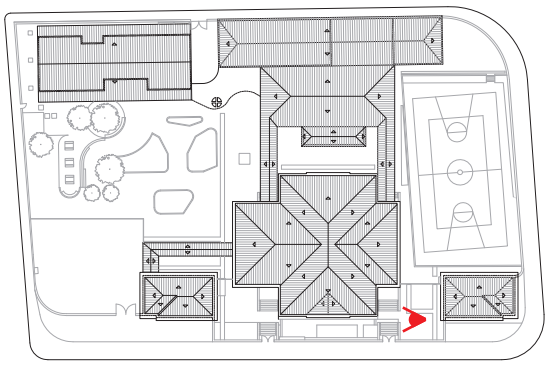
Corte: execução da canaleta junto à fachada principal do edifício, recuperando o nível original da área externa do prédio (ver item 12).

Aterro: aterro das fossas e sumidouro.

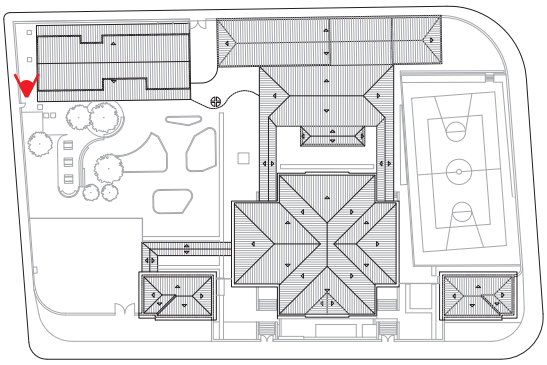
Fachada - início do século XX
Fonte: **Acervo da EE Francisco Glicério.**

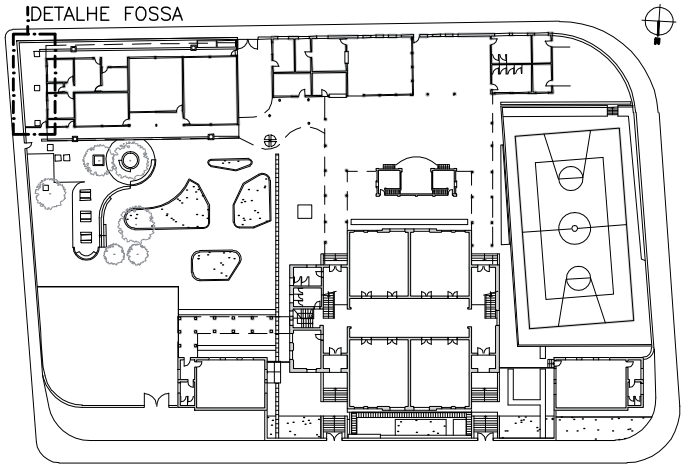
Vista da área externa junto à fachada principal

N

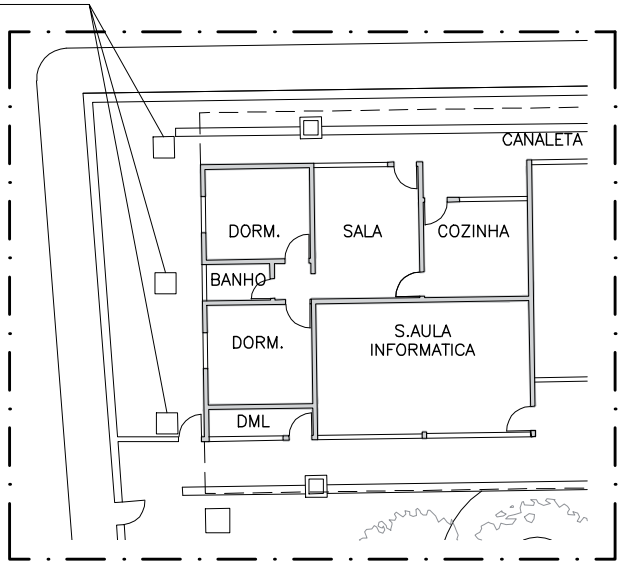


Vista das fossas existentes





FOSSAS DESATIVADAS, LIMPAR, HIGIENIZAR, PROCEDER ATERRO COMPACTADO E EXECUTAR PISO CIMENTADO CONFORME EXISTENTE.



IMPLANTAÇÃO

0 10 20 50m

DETALHE FOSSAS AMPLIAÇÃO

0 1 2 5 10m

Aterro das fossas e sumidouros

7. DEMOLIÇÕES

As demolições são reguladas, sob o aspecto de segurança e medicina do trabalho, pela Norma Regulamentadora NR-18, item 18.6, aprovada pela Portaria 3.214, de 8-6-78, do Ministério do Trabalho, publicada no D.O.U., de 6-7-78 (Suplemento).

Sob o aspecto técnico, as demolições são reguladas pela norma NB-598/77, "Contratação, Execução e Supervisão de Demolições", da ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas (NBR 5682).

Desses dois documentos, cumpre destacar :

• Item 18.6.2. da NR-18: "Os edifícios vizinhos à obra de demolição deverão ser examinados, prévia e periodicamente, no sentido de ser preservada a sua estabilidade."

• Item 18.6.6. da NR-18: "A demolição das paredes e pisos deverá ser iniciada pelo último pavimento. A demolição de qualquer pavimento somente será iniciada quando terminada a do pavimento imediatamente superior e removido todo o entulho."

• Item 18.6.9.da NR-18: "A remoção dos materiais por gravidade deverá ser feita em calhas fechadas, de madeira ou metal."

• Item 18.6.11. da NR-18: "Os materiais a serem demolidos ou removidos deverão ser previamente umidecidos, para reduzir a formação de poeira."

• Item 4. da NBR 5682/77: especifica os tipos de demolição que devem ser empregados nos diversos casos.

Os materiais e equipamentos a serem utilizados na execução dos serviços de demolições e remoções atenderão às especificações do projeto, bem como às prescrições da NBR-5682.

Os materiais serão cuidadosamente armazenados, em local seco e protegido.

Todo o mobiliário e equipamento existente no local deverá ser convenientemente transportado para local a ser indicado pela FISCALIZAÇÃO, não devendo permanecer no local da obra durante o transcorrer das mesmas nenhum mobiliário ou equipamento remanescente.

Todo material removido que será recolocado, como pisos e forros de madeira, deverá ser numerado e classificado de modo a permitir sua perfeita acabamento quando da conclusão dos serviços.

Antes do início dos serviços, o CONSTRUTOR procederá a um detalhado exame e levantamento das partes da edificação a serem demolidas ou retiradas. Deverão ser considerados aspectos importantes tais como a natureza da estrutura, os métodos utilizados na construção da edificação, as condições das construções vizinhas.

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

Deverão ser tomados os devidos cuidados de forma a se evitarem danos a terceiros, as áreas deverão ser devidamente sinalizadas e, em comum acordo com a FISCALIZAÇÃO e Direção da EE, áreas do edifício poderão ser interditadas.

O CONSTRUTOR deverá fornecer para aprovação da FISCALIZAÇÃO, um programa detalhado, descrevendo as diversas fases da demolição prevista e estabelecendo os procedimentos a serem adotados na remoção de materiais reaproveitáveis.

A demolição convencional, manual ou mecânica, será executada, conforme previsto no projeto e nas indicações do presente Memorial e de acordo com as recomendações da NBR-5682.

A demolição manual será executada progressivamente, utilizando ferramentas portáteis motorizadas ou manuais. A remoção de entulhos poderá ser feita por meio de calhas ou tubos. Deverá ser evitado o acumulo de entulho em quantidade tal, que provoque sobrecarga excessiva sobre os pisos ou pressão lateral excessiva sobre as paredes.

A remoção e o transporte de todo o entulho e detritos provenientes das demolições serão executados pelo CONSTRUTOR, de acordo com as exigências da municipalidade local.

Os materiais remanescentes das demolições e que possam ser reaproveitados serão transportados pelo CONSTRUTOR, desde que não haja outras instruções a respeito, para depósitos indicados pela FISCALIZAÇÃO.

O CONSTRUTOR será responsável pela limpeza da área, ao término dos serviços.

Será procedida, no decorrer do prazo de execução da obra, periódica remoção de todo o entulho e detritosque se venham a acumular no terreno.

APLICAÇÃO

Serão removidos e substituidos todos os revestimentos de piso dos edifícios históricos, não originais, que estejam muito deteriorados ou que descaracterizem a edificação: cerâmica nas circulações do edifício principal e dos vestíbulos e saniários dos edifícios anexos; e vinílico na sala de professores.

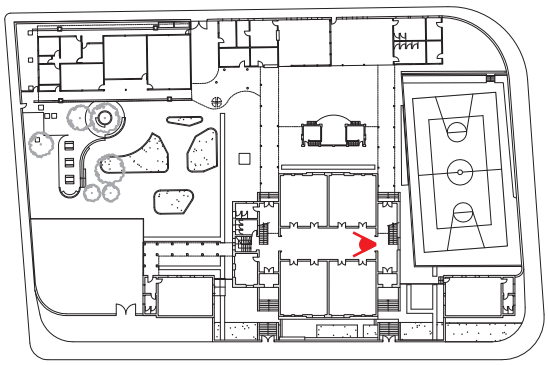
Serão removidos para posterior recolocação, devidamente complementados, pisos e forros de madeira que estejam parcialmente danificados.

Vista da escada . Destaque para o piso de ladrilho hidráulico

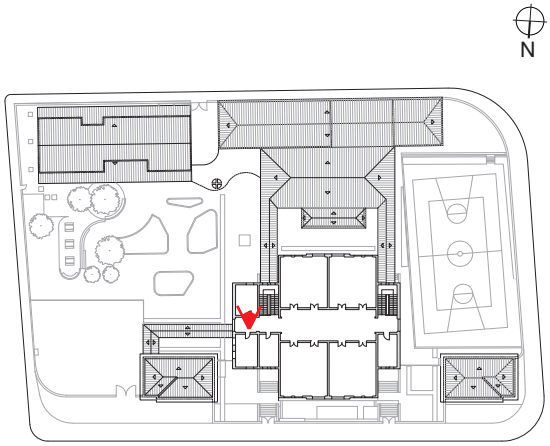
Fonte: **Arquitetura escolar paulista: 1890/1920. São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação FDE, 1991.**

Vista da circulação no pavimento térreo.

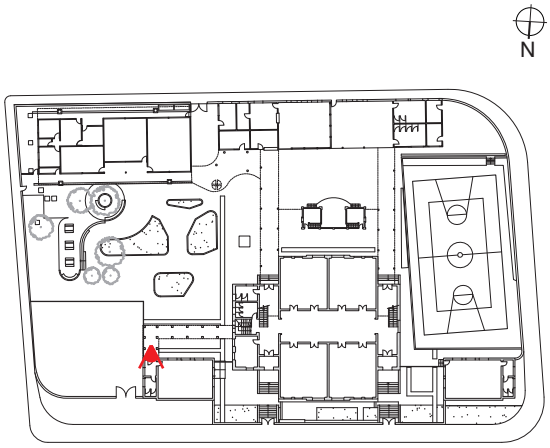
N



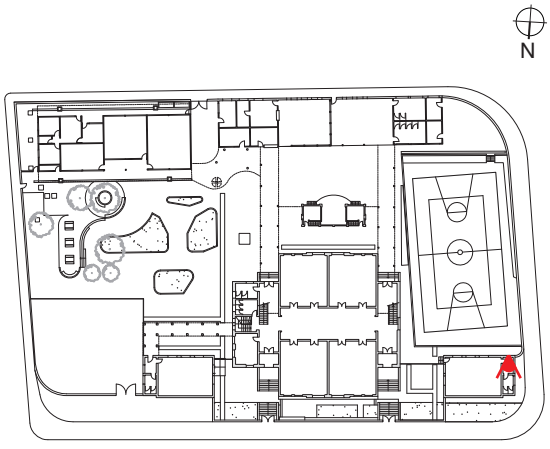
Vista do piso vinílico. Sala dos professores.



Vista do piso cerâmico deteriorado no bloco 2



Vista do forro deteriorado no bloco 3



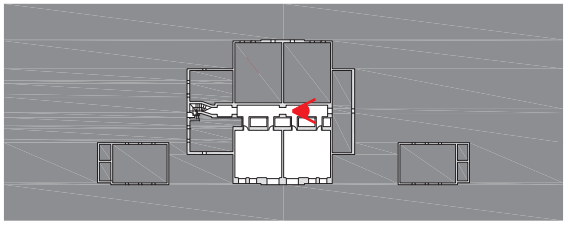
8. ESTRUTURA

A estrutura principal das edificações históricas é de alvenaria portante e não há problemas aparentes que mereçam destaque.

Destaca-se a laje de piso da circulação do térreo em abobadilhas de tijolos apoiadas em trilhos metálicos que estão aparentemente em perfeito estado de conservação.

Quanto à estrutura de madeira dos telhados, aparentemente parecem estar em bom estado de conservação, mas quando do destelhamento deverão ser verificadas e as partes danificadas substituídas por madeira do mesmo padrão ou peroba-rosa, ou angelim-pedra ou tanibuca, certificadas pelo FSC (Forest Stewardship Council - Conselho de Manejo Florestal).

Vista da abobadilha no porão.



9. VEDOS

As paredes, em tijolos de barro cozido, não apresentam rachaduras ou outros sinais de recalque significativos. Todas as aberturas para embutimento de eletrodutos ou demais necessidades deverão ser fechadas com material semelhante ao existente.

10. COBERTURA

Um dos maiores problemas do edifício histórico e seus anexos é a infiltração de água de chuva em todos os telhados, devido a telhas velhas e quebradas e pouca capacidade de escoamento das calhas e dos condutores.

Deverá ser feita revisão geral de todas as coberturas tanto dos blocos tombados como das edificações construídas mais recentemente e áreas cobertas externas, visando a correção dos trechos defeituosos, com goteira e/ou com infiltração de água, bem como entupimentos e capacidade de vazão das atuais calhas, pois as mesmas apresentam pontos de transbordamento.

As peças de madeiramento da estrutura do telhado que estiverem danificadas (terças, frechais caibros, ripas, estruturas de tesouras), deverão ser substituídas por madeira de lei da mesma qualidade das existentes ou peroba-rosa, ou angelim-pedra ou tanibuca, certificadas pelo FSC (Forest Stewardship Council - Conselho de Manejo Florestal).

Todas as madeiras novas ou conservadas deverão ser imunizadas contra ataque de fungos e cupins, adotando-se métodos de impregnação.

Para garantir a estanqueidade dos telhados, deverá ser executada sub-cobertura tipo membrana composta por substrato em tecido constituído por fibras contínuas de polietileno de alta densidade (sem aditivos, corantes ou resinas em sua composição) revestido com alumínio e coating como proteção, manta TYVEK ou similar, nos blocos tombados; pois os blocos recentes são dotados de laje sob a cobertura.

As telhas de barro tipo francesas deverão ser totalmente substituídas nos blocos tombados, na edificação anexa e coberturas externas. A critério da FISCALIZAÇÃO poderão ser reaproveitadas as telhas comprovadamente em boas condições, neste caso as telhas reaproveitadas deverão ser utilizadas na área do galpão, procedendo-se, antes da aplicação à limpeza com escova de aço e lavagem.

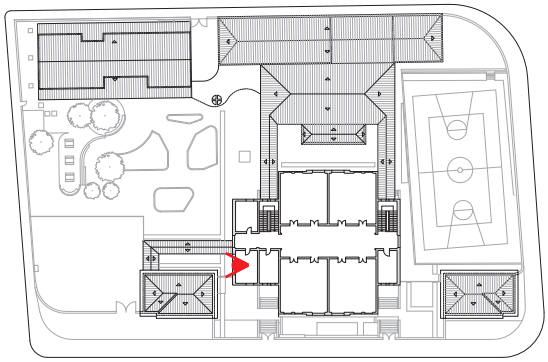
Devem ser feitas as devidas amarrações das telhas e emboçamento, principalmente nas cumeeiras e rincões.

Deverão ser instaladas novas calhas que atendam á vazão do telhado sem transbordamento.

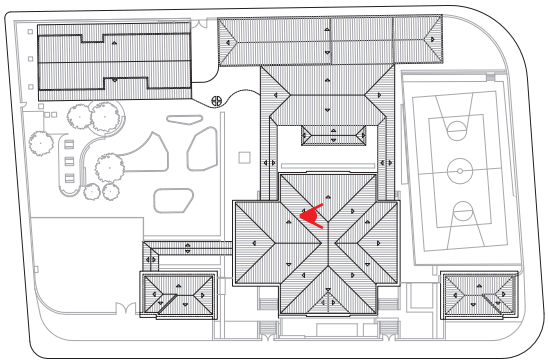
Deverão ser substituídos todos os condutores e se necessário executados novos pontos de captação e esgotamento. A locação e disposição dos novos pontos devem ser precedidas de prospecção arquitetônica tendo em vista as dificuldades em se inserir pontos adequados de esgotamento. Os novos pontos de descida deverão ser previamente autorizados pela FISCALIZAÇÃO.

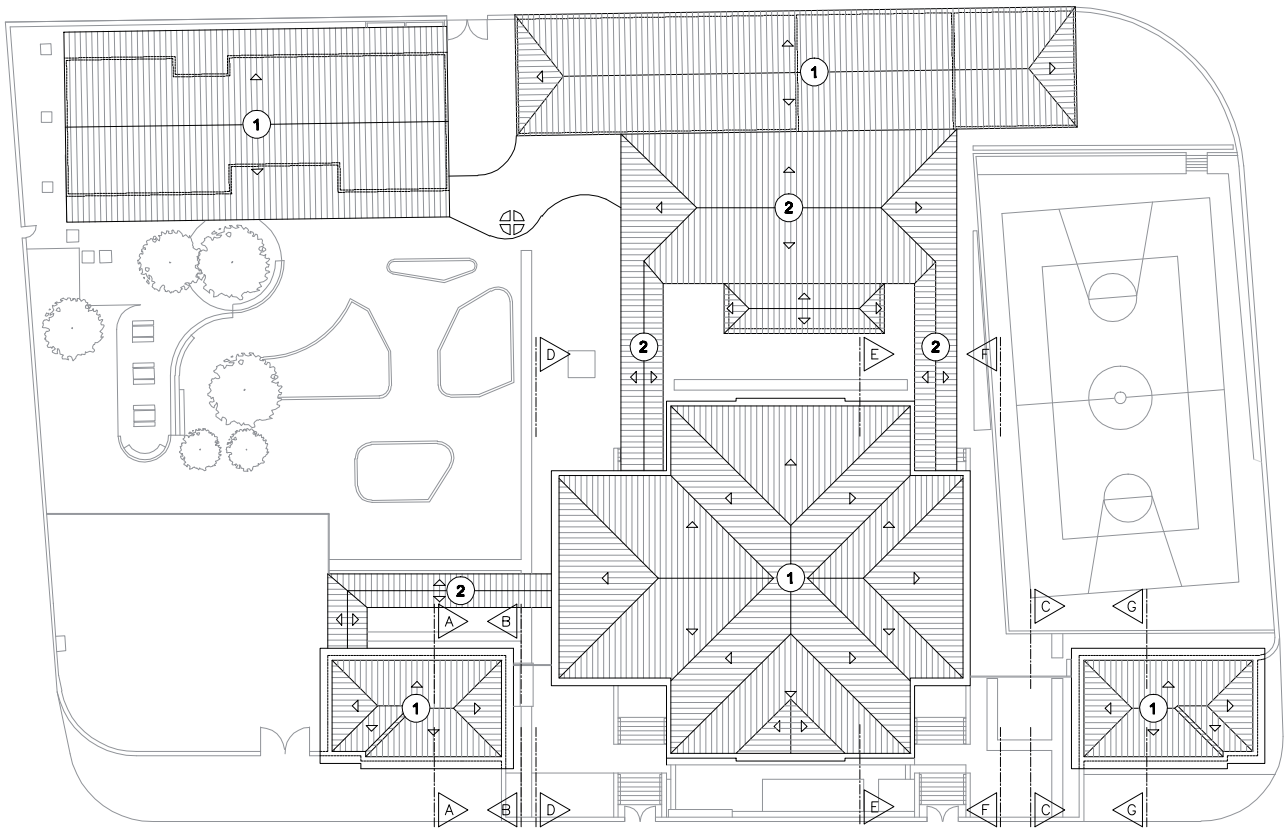
No caso de locação de novos condutores deverá ser considerada a preservação de todos os elementos artísticos e decorativos existentes, ou a serem restaurados, nas fachadas do edifício.

Vista externa do telhado do bloco 2.



Vista da estrutura do telhado do bloco 1.



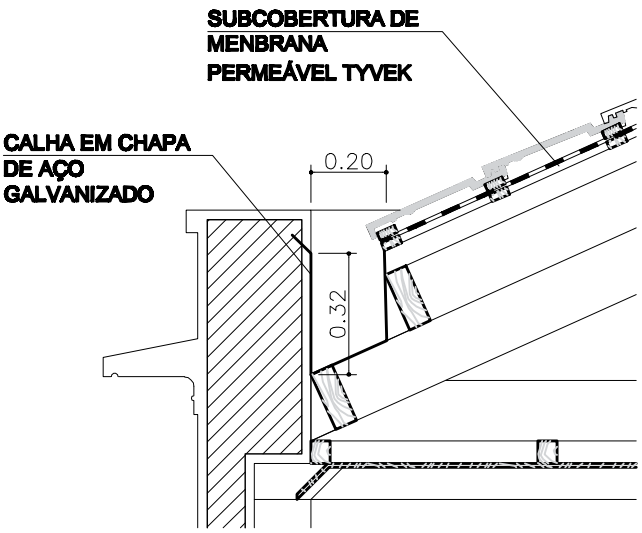


PLANTA DE COBERTURA

0 5 10 20m

(1) SUBSTITUIÇÃO TOTAL DAS TELHAS FRANCESAS E COLOCAÇÃO DE SUBCOBERTURA TIPO TYVEK

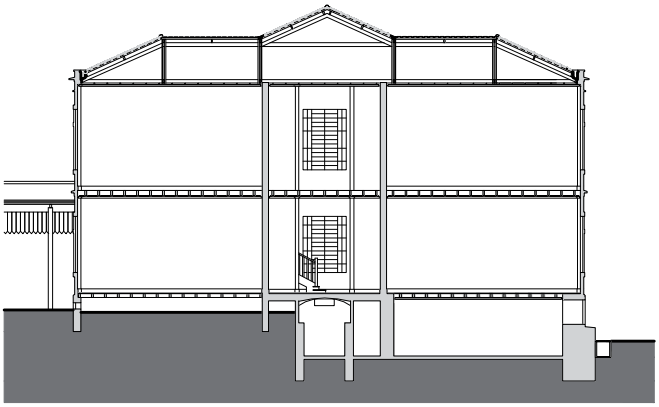
(2) SUBSTITUIÇÃO DAS TELHAS PELAS EM BOM ESTADO RETIRADAS DOS DEMAIS EDIFÍCIOS.



DET. IMPERMEABILIZAÇÃO DA COBERTURA

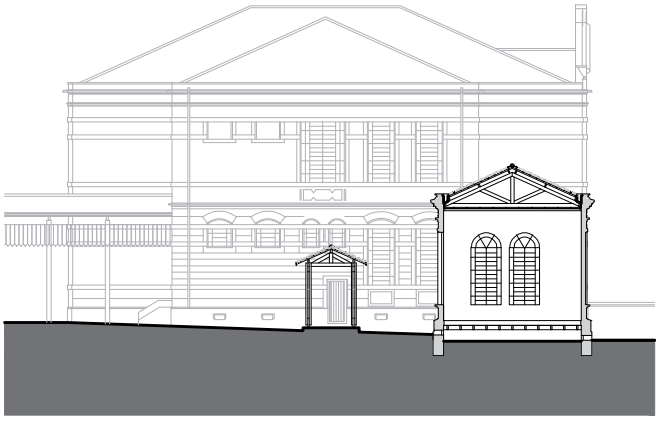
0 0,1 0,5 1,0m

Corte bloco 1.



CORTE EE

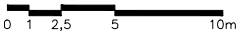
Corte bloco 2.



CORTE AA

Corte bloco 3.

CORTE GG



11. FORROS

Originalmente, todos os forros das edificações históricas deveriam ser do tipo saia-e-camisa em madeira pintada, como atestam registros (projeto da Escola de Botucatu) e demais memoriais no acervo de projetos da FDE.

Recentemente, parte do forro foi substituída por do tipo macho-e-fêmea ou paulistinha e se encontra em razoável estado de conservação. Numa intervenção futura, indica-se a substituição pelo forro original saia-e-camisa.

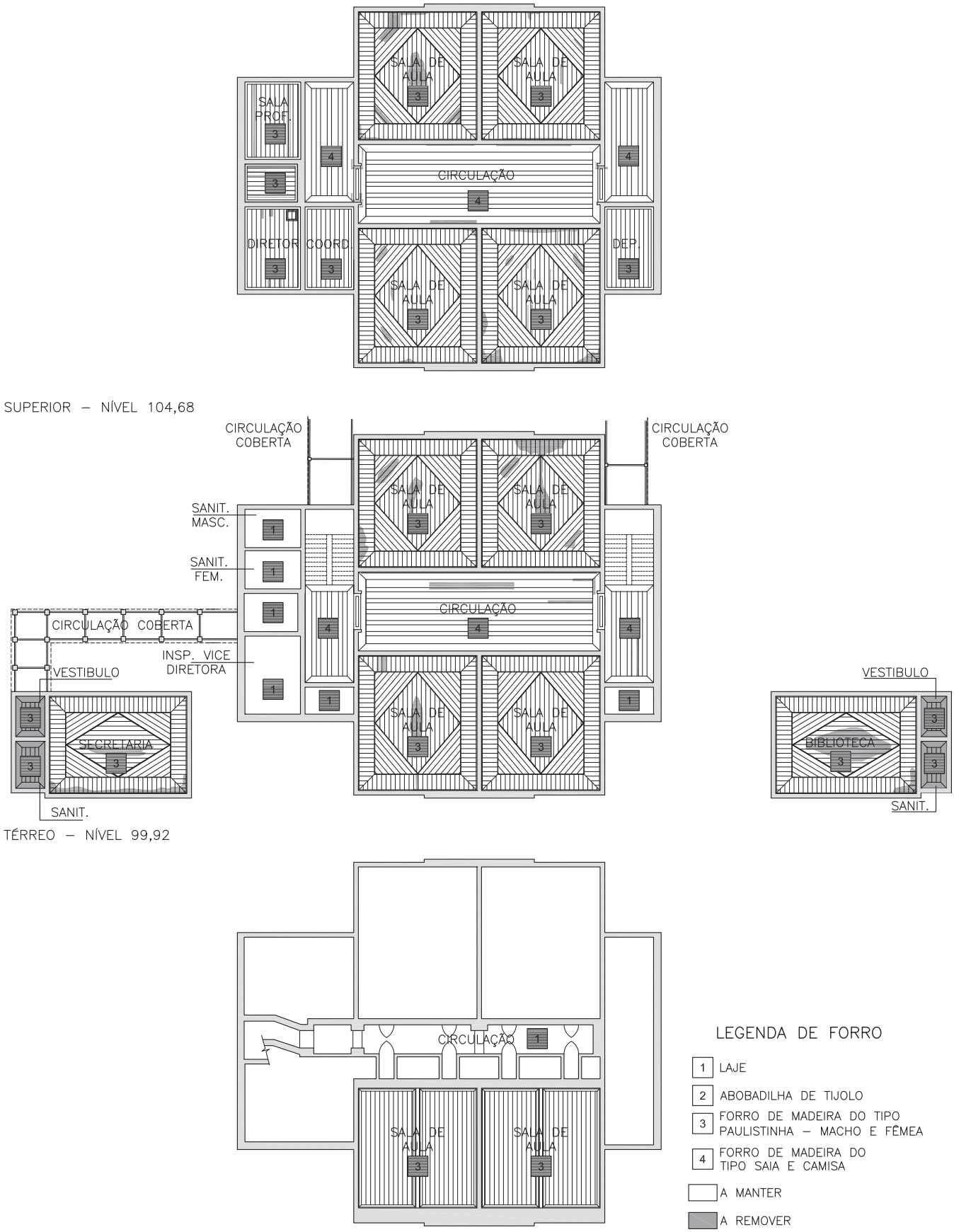
As peças danificadas: réguas, tabeiras e roda-teto serão substituídas por peças no mesmo material (madeira de lei seca e sem nós) ou ipê, cedrinho cerne, angelim ou cumaru, através de enxertos ou substituição de réguas inteiras, mantendo desenho e acabamento conforme existente. Está prevista dubstituição de 20% do forro tipo saia-e-camisa e 50% do forro paulistinha.A madeira empregada deverá ser certificadas pelo FSC (Forest Stewardship Council - Conselho de Manejo Florestal).

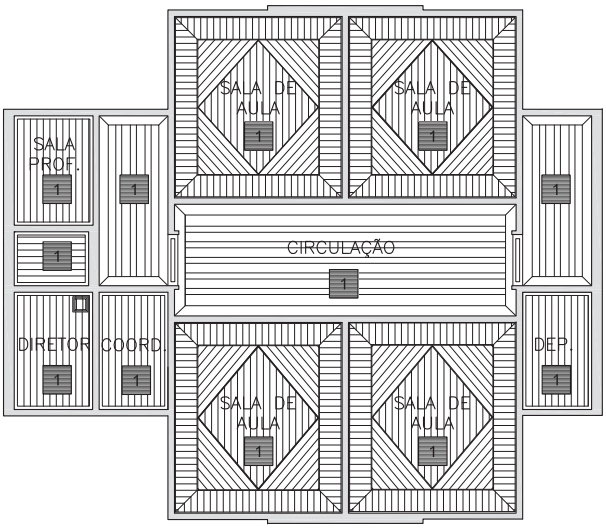
Após os serviços todas as peças de madeira que compõem, o forro, existentes ou novas receberão tratamento de descupinização.

Limpeza dos forros por processo mecânico (escova de aço), livrando todo o plano de impurezas e elementos agregados.

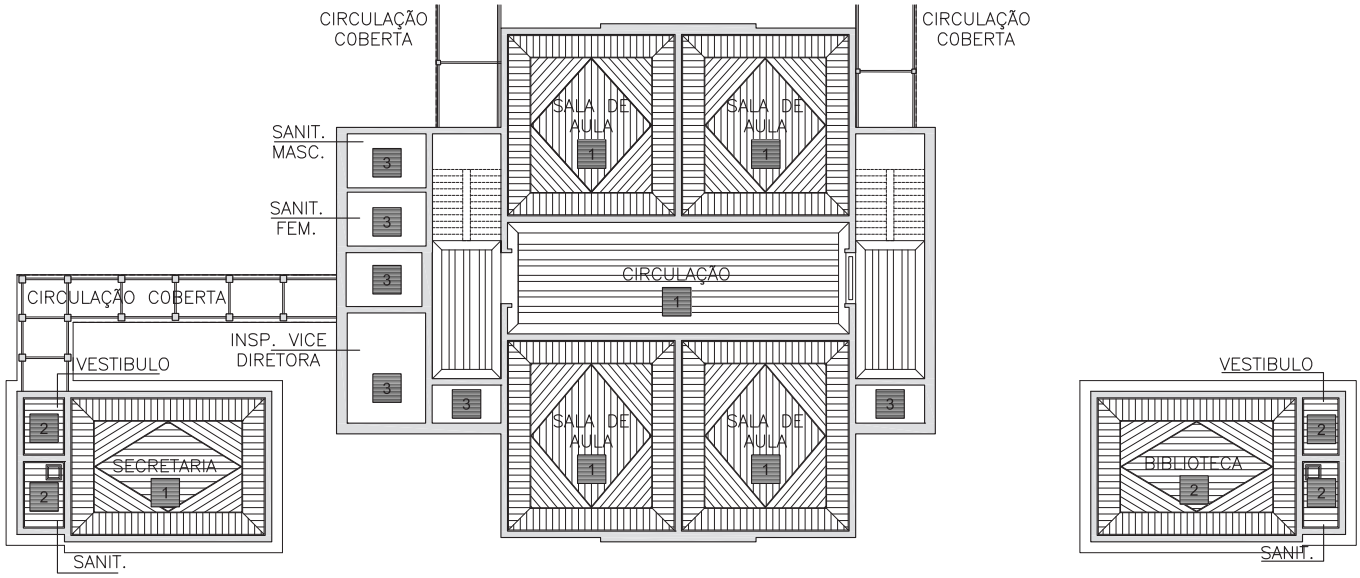
Os forros receberão pintura conforme definido nas prospecções pictóricas.

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

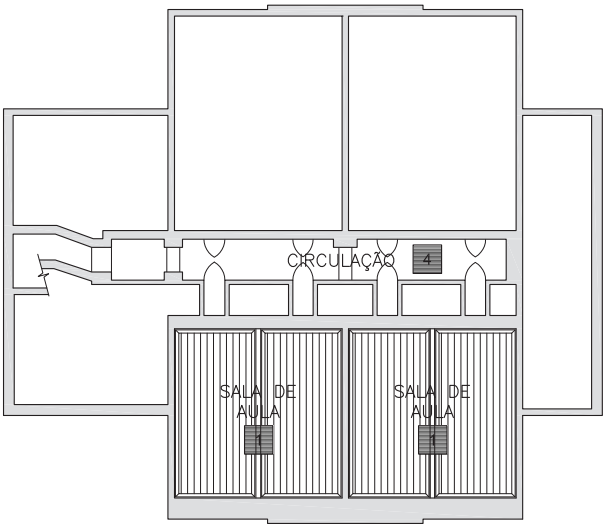

SUPERIOR – NÍVEL 104,68
SALA DE AULA
SALA PROF.
CIRCULAÇÃO
DIRETOR
COORD.
DEP.
CIRCULAÇÃO COBERTA
SANIT. MASC.
SANIT. FEM.
INSP. VICE DIRETORA
VESTIBULO
SECRETARIA
SANIT.
BIBLIOTECA
TÉRREO – NÍVEL 99,92
LEGENDA DE FORRO
1 LAJE
2 ABOBADILHA DE TIJOLO
3 FORRO DE MADEIRA DO TIPO PAULISTINHA – MACHO E FÊMEA
4 FORRO DE MADEIRA DO TIPO SAIA E CAMISA
A MANTER
A REMOVER
PLANTA DE PAGINAÇÃO DE FORRO EXISTENTE
INFERIOR – NÍVEL 97,01
0 1 2,5 5 10m



SUPERIOR – NÍVEL 104,68



TÉRREO – NÍVEL 99,92



FORRO PROPOSTOS

1 MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.

2 MADEIRA TIPO PAULISTINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO DO EXISTENTE.

3 LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO

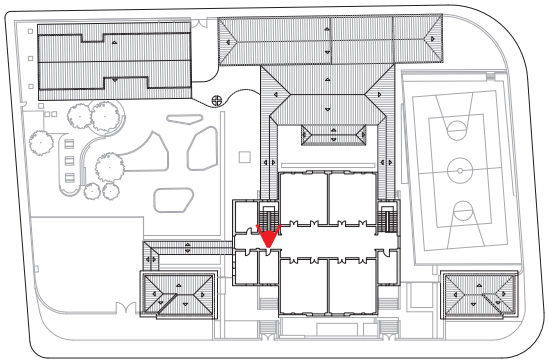
4 ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE

PLANTA DE PAGINAÇÃO DE FORRO PROPOSTO
INFERIOR – NÍVEL 97,01

0 1 2,5 5 10m

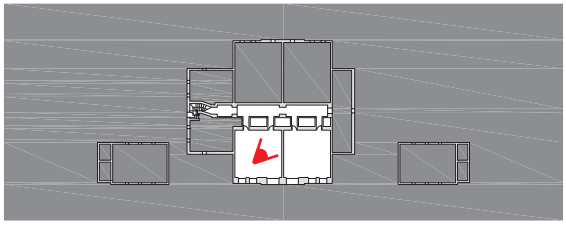
Vista do forro saia-e-camisa da escada.

N



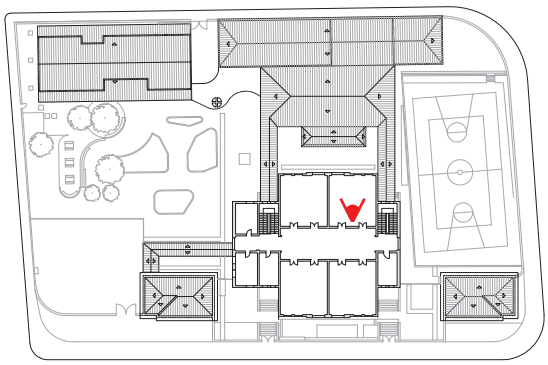
Vista forro paulistinha sala no porão.

N



Vista forro paulistinha sala de aula.

N



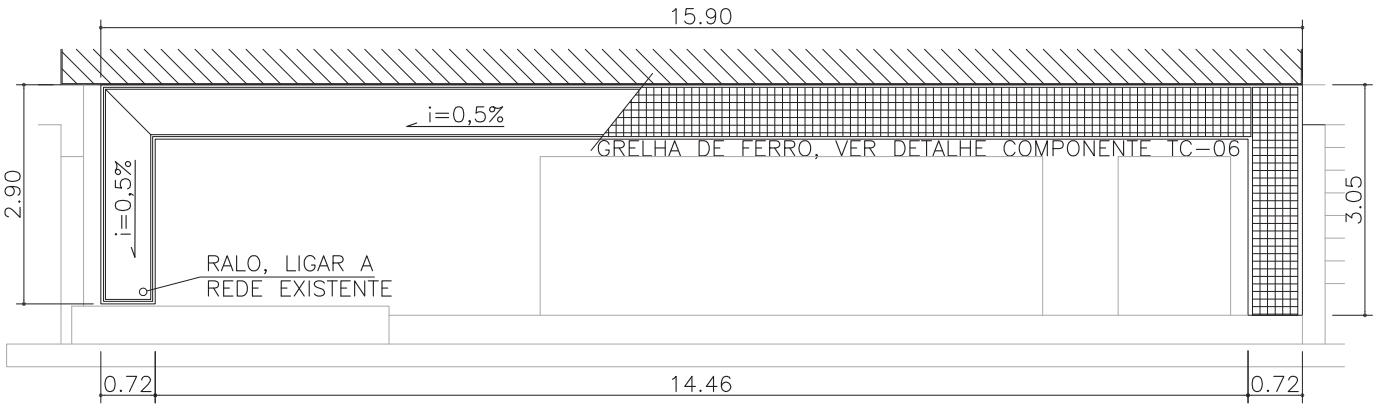
12. IMPERMEABILIZAÇÃO

12.1. Argamassa Rígida E Aditivo Impermeabilizante

Revestimento impermeável, rígido, composto por argamassa de cimento, areia peneirada (0-3mm) no traço 1:3 e aditivo hidrófugo, que impermeabiliza por hidrofugação do sistema capilar, sem impedir a respiração dos materiais.

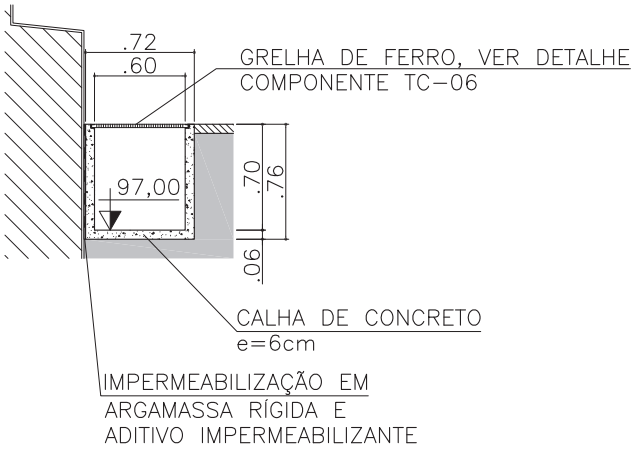
APLICAÇÃO

Sobre as paredes da canaleta a ser construída junto à fachada principal da edificação.



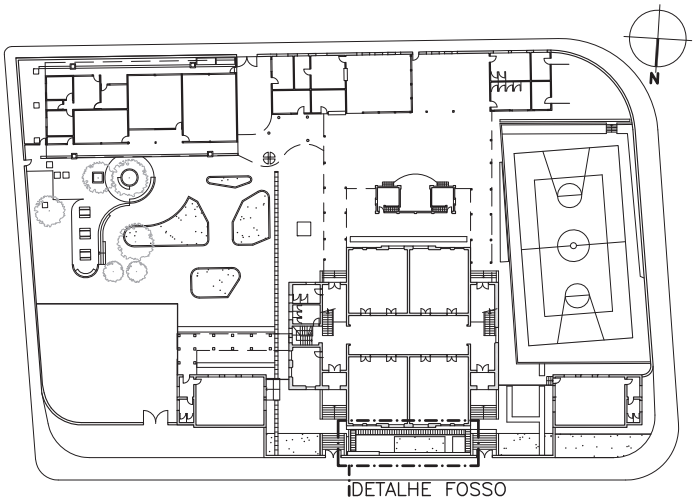
DETALHE CANALETA PLANTA

0 1 2,5 5 10m



DETALHE CANALETA CORTE

0 1 2m



IMPLANTAÇÃO

0 10 20 50m

13. REVESTIMENTO

Os revestimentos internos e externos estão aparentemente bem agregados às alvenarias, apresentando poucas fissuras. Notam-se problemas em intervenções recentes, notadamente na execução da rede de incêndio, quando foram executados remendos com material muito diferente do original.

Deverão ser examinados, em laboratório, os materiais constituintes dos revestimentos internos e externos das paredes de maneira a se reproduzirem nos traços originais permitindo uma perfeita homogeinização onde necessário sua substituição ou complementação.

Serão retiradas todas as partes desagregadas ou soltas.

Fissuras ou trincas serão tratadas com massa veda-trinca da "Fosroc" ou similar.

Poucos são os edifícios construídos no fim do século XIX, início do XX onde se encontra a aplicação de chapisco, no entanto, onde necessária a complementação ou refazimento parcial do revestimento, serão executados chapisco, emboço e reboco.

13.1. Chapisco

O chapisco comum - camada irregular e descontínua - será executado à base de cimento e areia média.

Especial atenção deverá ser verificada, no sentido de que o chapisco tenha o mesmo modo de elasticidade das argamassas de emboço e reboco e que a espessura final do revestimento seja igual a existente.

As superfícies serão limpas a vassoura e molhadas com o emprego de esguicho de mangueira.

Efetuar a aplicação com a colher de pedreiro, através da peneira de chapisco.

13.2. Emboço (Massa Grossa)

O emboço de cada pano de parede só poderá ser iniciado depois de embutidas todas as canalizações projetadas, concluídas as coberturas e após a completa pega das argamassas de alvenaria e do chapisco.

Antes da aplicação do emboço, a superfície será abundantemente molhada tal como indicado para a aplicação do chapisco.

De início serão executadas as guias, faixas verticais de argamassa, afastadas de 1 a 2m, que servirão de referência para preenchimento dos panos das fachadas.

O emboço será executado com argamassa mista conforme as análises feitas em laboratório. O CONSTRUTOR poderá alternativamente utilizar argamassa mista com traço 1:2:8 de cimento, cal e areia média, desde que efetue um teste aprovado pela FISCALIZAÇÃO.

Preenchidas as faixas de alto a baixo entre as referências, proceder ao desempenamento com régua, segundo a vertical.

Depois de secas as faixas de argamassa, serão retirados os sarrafos e emboçados os espaços.

Depois de sarrafeados, os emboços deverão apresentar-se regularizados e ásperos, para facilitar a aderência do reboco.

A espessura máxima final do revestimento deverá estar idêntica a existente.

13.3. Reboco (Massa Fina)

O emboço deve estar limpo, sem poeira, antes de receber o reboco. As impurezas visíveis serão removidas.

As eflorescências sobre o emboço são prejudiciais ao acabamento, desde que decorrentes de sais solúveis em água principalmente sulfatos, cloretos e nitratos. A alternância entres cristalização e solvabilidade impediria a aderência, motivo pelo qual a remoção desses sais, por escovamento é indispensável.

A superfície do emboço, antes da aplicação do reboco, será abundantemente molhada adotando-se o mesmo procedimento para a aplicação do emboço.

O reboco será executado com argamassa mista conforme as análises feitas em laboratório. O CONSTRUTOR poderá alternativamente utilizar argamassa mista com traço 1:2:9 de cimento, cal e areia média, desde que efetue um teste aprovado pela FISCALIZAÇÃO.

Os rebocos regularizados e desempenados, deverão apresentar aspecto uniforme, com paramentos perfeitamente planos, não sendo tolerada qualquer ondulação ou desigualdade da superfície.

A espessura máxima final do revestimento deverá estar idêntica a existente.

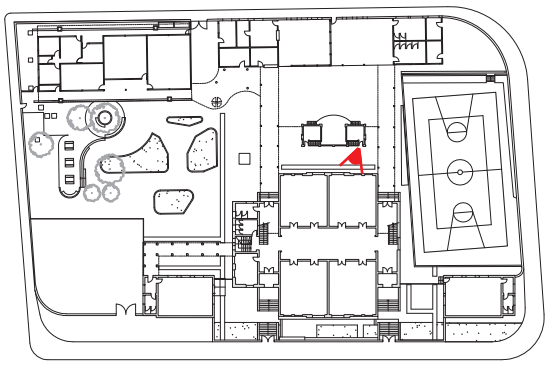
A masseira destinada ao preparo dos rebocos deve encontrar-se limpa e bem vedada. A evasão de água acarretaria a perda de aglutinantes com prejuízos para a resistência a aparência e outras propriedades dos rebocos.

13.4. Rodapés

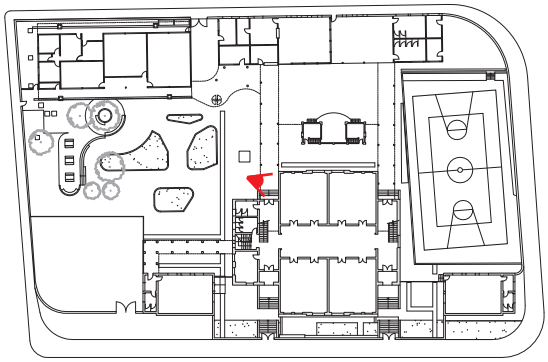
Os rodapés existentes são executados em argamassa, estão em bom estado de conservação, deverão ser revisados e as partes faltantes ou soltas, complementadas.

Para execução utilizar os mesmos constituintes do Reboco, empregando formas de madeira de modo a manter o mesmo desenho existente.

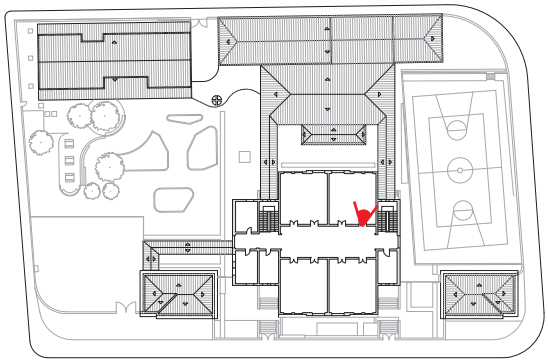
Vista revestimento remendado na fachada.



Vista revestimento remendado na fachada.



Rodapé de argamassa na sala de aula.



14. PISO

14.1. Pisos de madeira

14.1.1. Assoalhos

Os assoalhos de madeira confeccionados em peroba rosa do tipo macho-e-fêmea com tábuas de 10 cm de largura, deverão ter as partes danificadas substituídas e complementadas através de enxertos e colocação de novas réguas, previamente imunizadas, utilizando-se madeira de lei no mesmo padrão ou ipê, ou cedrinho cerne, mantendo desenho e acabamento conforme existente. A madeira empregada deverá ser certificadas pelo FSC (Forest Stewardship Council - Conselho de Manejo Florestal).

Está prevista a substituição de 50% do piso de madeira existente por novo de semelhante dimensão e desenho.

Tratamento de descupinização de todas as peças de madeira que compõem o piso, existentes ou novas a serem instaladas.

Limpeza dos pisos assoalhados através de processo mecânico - lixamento e raspagem - a depender do tipo de sujidade encontrada, livrando todo o plano de impurezas e elementos agregados.

Recuperação de soleiras de madeira em todas as portas internas utilizando-se madeira de lei no mesmo padrão ou ipê, ou cedrinho cerne, previamente imunizada.

Execução de acabamento final com aplicação de enceramento a base de cera de carnaúba.

APLICAÇÃO

Pisos existentes das salas de aula e ambientes administrativos e substituição do piso vinílico na sala de professores.

14.1.2. Escadas internas

Duas escadas de madeira levam ao pavimento superior, uma delas em bom estado de conservação e a outra muito desgastada, devendo ter quase todos os degraus substituídos.

Proceder a revisão geral das escadas com substituição das partes danificadas por novas obedecendo material e desenho conforme existente. A madeira a utilizar deverá estar previamente imunizada poderão ser utilizadas peroba-rosa, ou ipê, ou cedrinho cerne, mantendo desenho e acabamento conforme existente. A madeira empregada deverá ser certificadas pelo FSC (Forest Stewardship Council - Conselho de Manejo Florestal).

Execução de acabamento final com aplicação de enceramento a base de cera de carnaúba.

14.2. Ladrilho hidráulico

Originalmente a circulação do pavimento térreo tinha como revestimento de piso ladrilhos hidráulicos, como atestam documentos e fotos do acervo da FDE. Na década de 1990 tal revestimento foi substituído por cerâmica com dimensão aproximada de 30 X 30 cm colocada em xadrez branco e preto. Tal revestimento deverá ser substituído por ladrilhos hidráulicos de modo a recompor o aspecto original. Será aplicado também na circulação do pavimento inferior e nos vestíbulos e sanitários das edificações anexas, hoje esses pisos estão revestidos com cerâmica em péssimo estado, colocada em período posterior à edificação original.

As soleiras e escada que leva ao pavimento inferior receberão revestimento em granito preto levigado.

Execução de acabamento final com aplicação de resina acrílica impermeabilizante da "Fosroc" ou similar.

14.3. Cerâmica

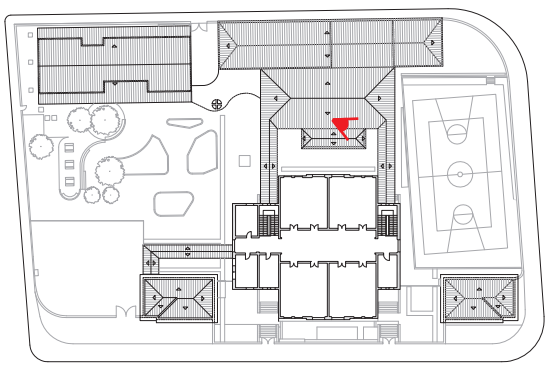
A pavimentação em cerâmica a manter, tanto na edificação histórica principal, como nas edificações anexas deverão ser limpos, as partes faltantes substituídas no padrão existente e rejuntados.

14.4. Cimentado

A pavimentação externa e demais ambientes das edificações anexas serão limpos e recuperados.

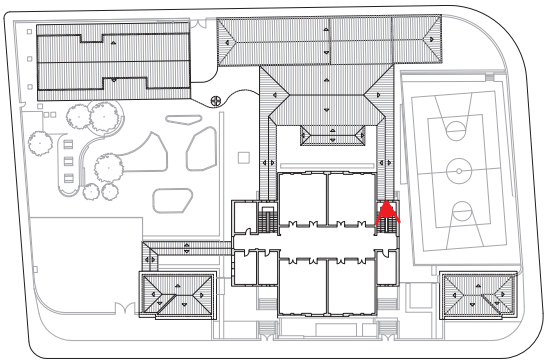
Nas áreas externas há uma canaleta de águas pluviais que interrompe os fluxos da área de recreio externa. Deverá ser substituída pela canaleta padrão FDE CA 22 com tampa TC 11.

Piso de madeira na sala de aula.



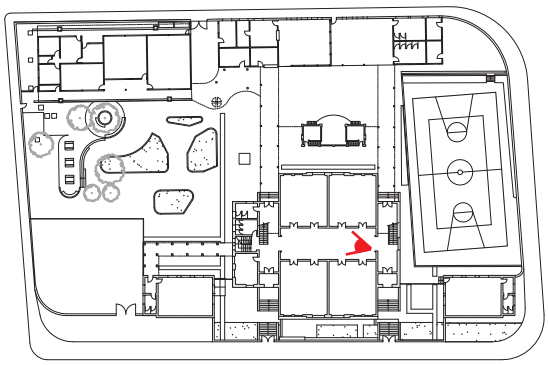
Escada

N



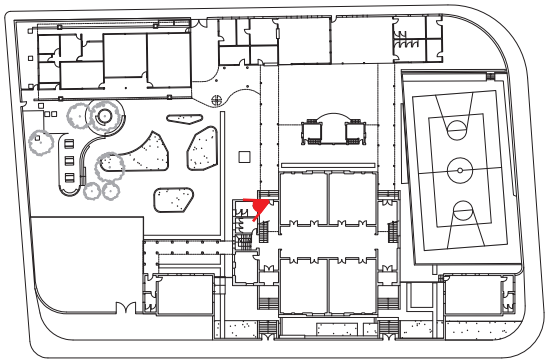
Piso de cerâmica no pavimento térreo.

N



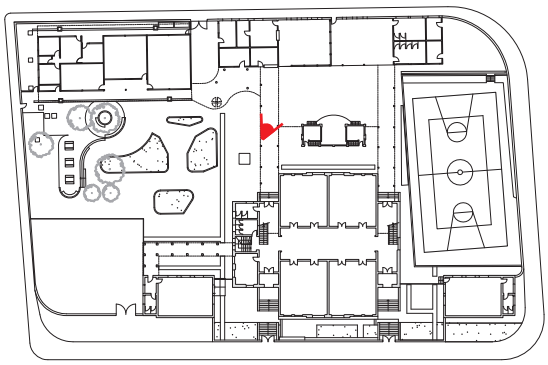
Piso cerâmico banheiros.

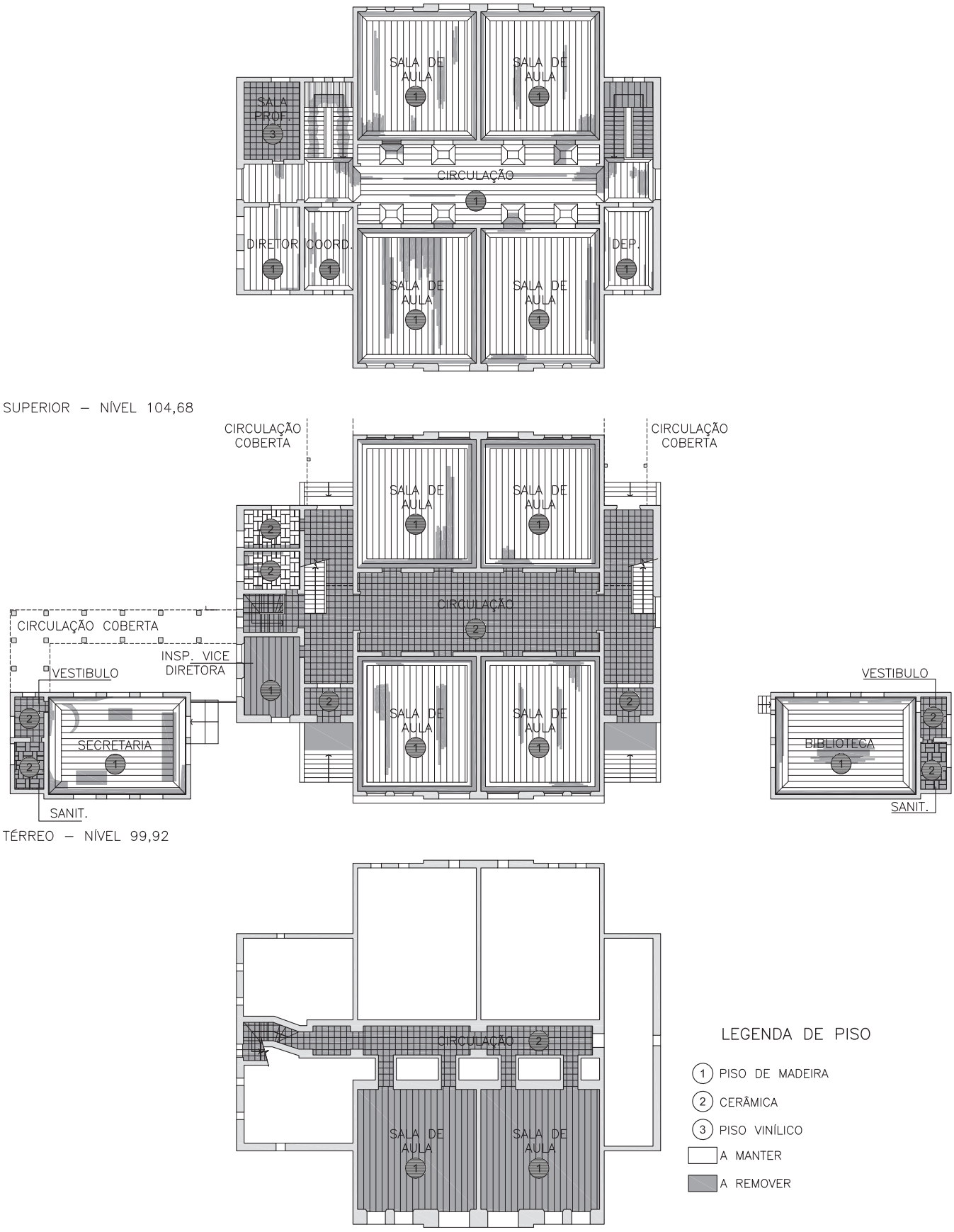
N

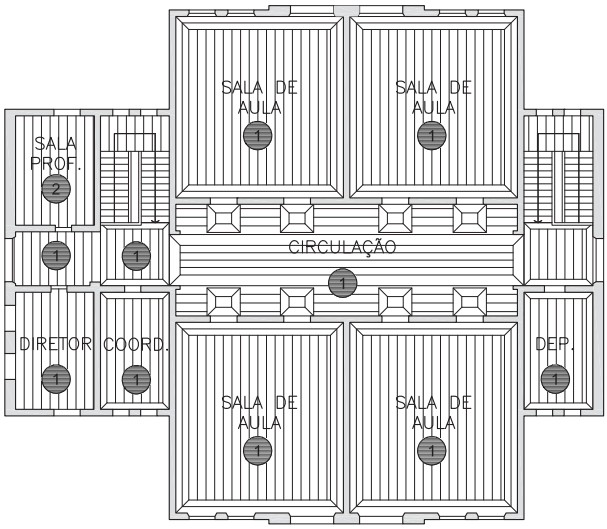


Cimentado áreas externas

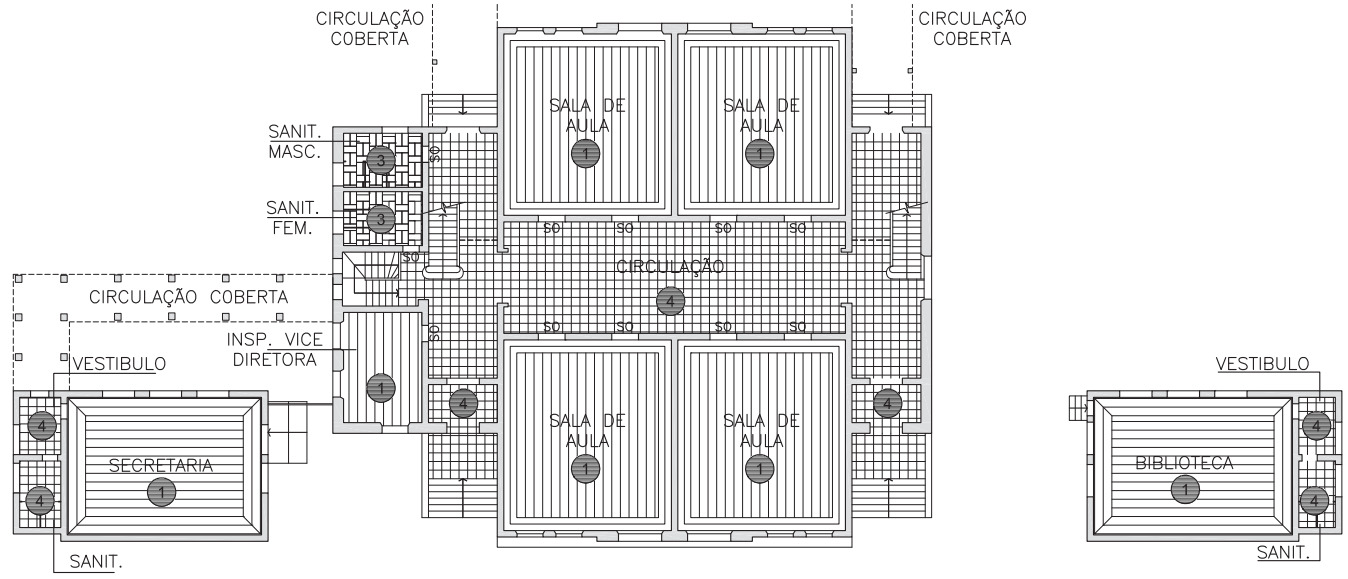
N



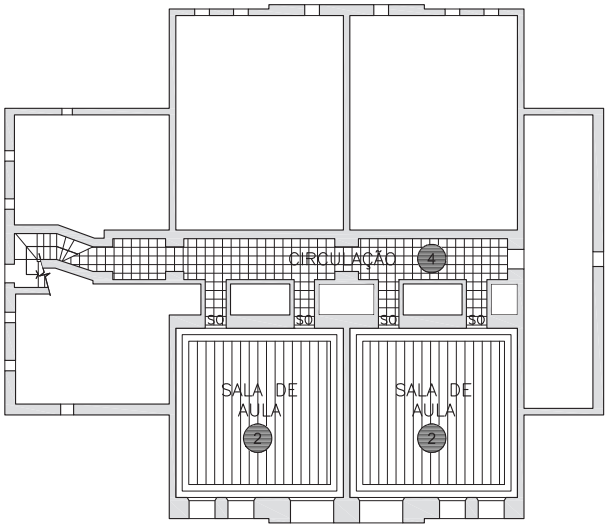

SALA DE AULA
SALA DE AULA
SALA PROF.
CIRCULAÇÃO
DIRETOR
COORD.
DEP.
SALA DE AULA
SALA DE AULA
SUPERIOR – NÍVEL 104,68
CIRCULAÇÃO COBERTA
CIRCULAÇÃO COBERTA
CIRCULAÇÃO COBERTA
VESTIBULO
INSP. VICE DIRETORA
SECRETARIA
SANIT.
VESTIBULO
BIBLIOTECA
SANIT.
TÉRREO – NÍVEL 99,92
LEGENDA DE PISO
1 PISO DE MADEIRA
2 CERÂMICA
3 PISO VINÍLICO
A MANTER
A REMOVER
PLANTA DE PAGINAÇÃO DE PISO EXISTENTE
INFERIOR – NÍVEL 97,01
0 1 2,5 5 10m



SUPERIOR – NÍVEL 104,68



TÉRREO – NÍVEL 99,92



PLANTA DE PAGINAÇÃO DE PISO PROPOSTO
INFERIOR – NÍVEL 97,01

0 1 2,5 5 10m

PISOS PROPOSTOS

(1) MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, ACABAMENTO ENCERADO.

(2) TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.

(3) CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.

(4) LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.

–SOLEIRAS (SO) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO

15. ESQUADRIAS DE FERRO

As janelas, originalmente de madeira, foram substituídas por esquadrias de ferro em data que não se pode verificar.

As esquadrias estão em estado regular de conservação, apresentando partes enferrujadas e ferragens faltantes.

Deverão ser mantidas e restauradas.

Limpeza inicial das esquadrias metálicas através de remoção de pintura existente com produto específico, Pintoff ou similar; em seguida remover os resíduos com estopa embebida em aguarrás. Lixar a superfície (lixa 120), para remoção completa da ferrugem existente.

Remoção de oxidação e interrupção do processo de corrosão por meio de produto químico neutralizador de ferrugem (Ferrox ou similar).

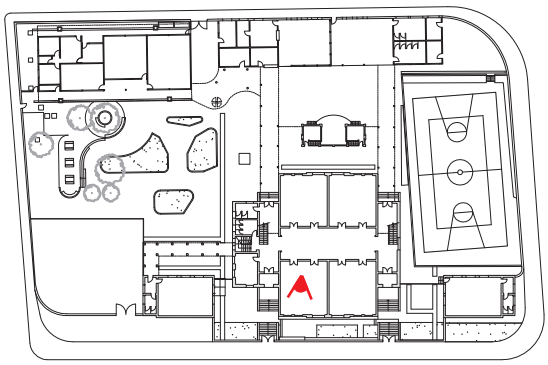
Deverão ser feitos réplicas dos elementos faltantes ou danificados, tanto de caixilharia quanto de ferragens, utilizando-se a mesma matéria-prima dos exemplares existentes.

Aplicar duas demãos de tinta alquídica, à base de zarcão tipo III, utilizando pincel. Ó intervalo entre as demãos é de, no mínimo, 8 horas e máximo 3 dias.

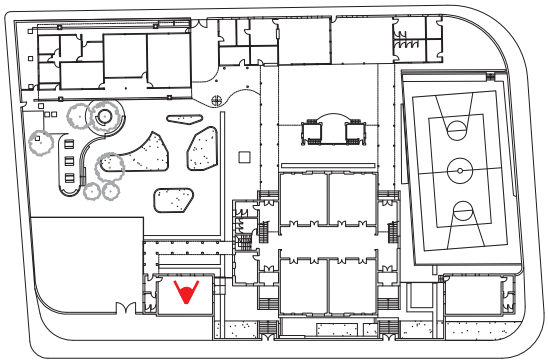
Pintar com tinta esmalte sintético, 2 demãos, na cor grafite escuro.

As ferragens antigas existentes deverão ser recuperadas, ajustadas, e reutilizadas de forma concentrada na área do bloco principal, histórico, as novas ferragens a serem introduzidas deverão atender ao padrão homologado pela FDE.

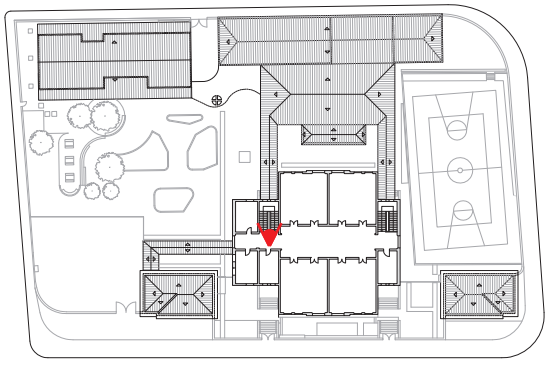
Caixilho de ferro na sala de aula.

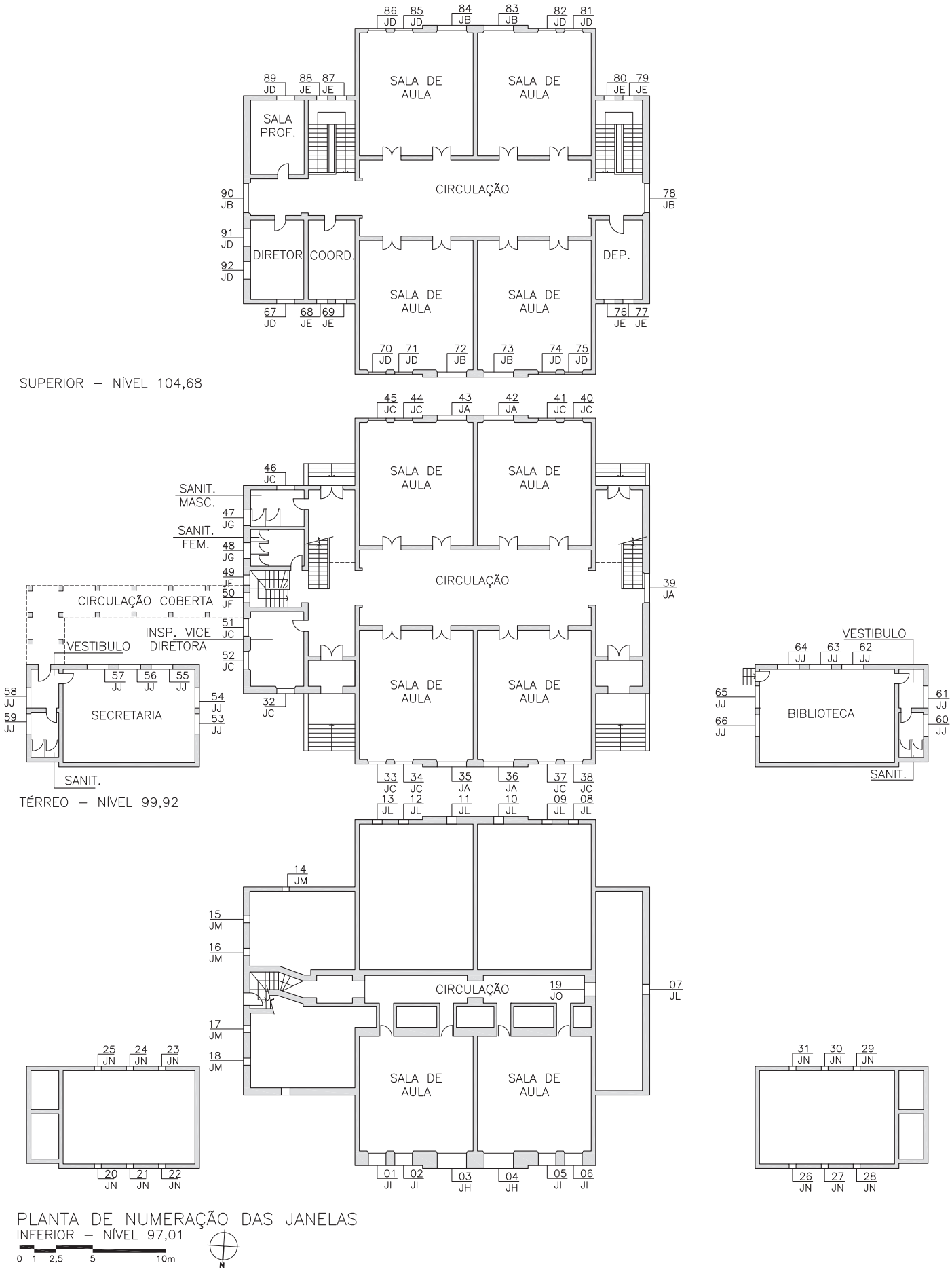


Caixilho de ferro no bloco 2.



Caixilho de ferro nas escadas.





PLANTA DE NUMERAÇÃO DAS JANELAS

INFERIOR – NÍVEL 97,01

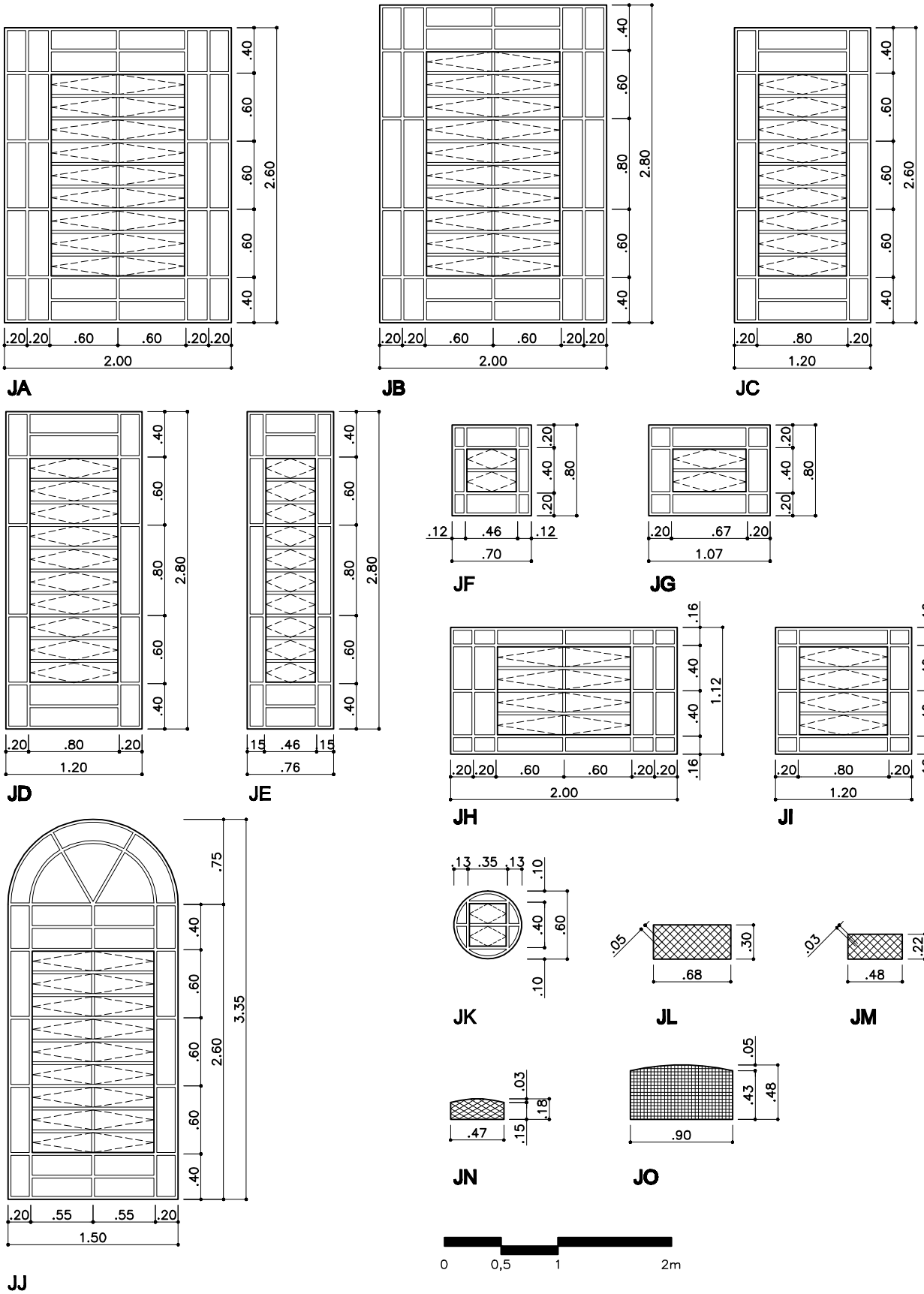
0 1 2,5 5 10m

N

MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

MAIO 2009


JA
.40 .60 .60 .60 .40 2.60
.20 .20 .60 .60 .20 .20
2.00
JB
.40 .60 .80 .60 .40 2.80
.20 .20 .60 .60 .20 .20
2.00
JC
.40 .60 .60 .60 .40 2.60
.20 .80 .20
1.20
JD
.40 .60 .80 .60 .40 2.80
.20 .80 .20
1.20
JE
.40 .60 .80 .60 .40 2.80
15 .46 15
.76
JF
.20 .40 .20 .80
.12 .46 .12
.70
JG
.20 .40 .20 .80
.20 .67 .20
1.07
JH
.16 .40 .40 .16 1.12
.20 .20 .60 .60 .20 .20
2.00
JI
.16 .40 .40 .16 1.12
.20 .80 .20
1.20
JJ
.75 .40 .60 .60 .60 .40 2.60 3.35
.20 .55 .55 .20
1.50
JK
.13 .35 .13 .10 .40 .60 .10
JL
.05 .30 .68
JM
.03 .22 .48
JN
.03 .18 .15 .47
JO
.05 .43 .48 .90
0 0,5 1 2m

16. ESQUADRIAS DE MADEIRA

As esquadrias de madeira estão em estado regular de conservação, notando-se presença de ataque de cupim em algumas delas ou vandalismo em outras.

Deverão receber tratamento de descupinização tanto as madeiras existentes como das novas peças a serem utilizadas nesse serviço.

Limpeza inicial, prospecção estratigráfica e exploratória das folhas almofadadas assim como dos portais antigos existentes.

Retirada cuidadosa de partes danificadas por vandalismo, atacadas por cupins ou apodrecidas em decorrência da má conservação.

Limpeza mecânica usando pincéis, escovas macias, aspirador de pó, para remoção dos remanescentes de poeiras e acúmulo de sujeira de obra que as madeiras adquiriram nas superfícies e reentrâncias.

Limpeza mecânica com objetos metálicos delicados como estiletes, lâminas cirúrgicas, escavadores odontológicos, ou outros que tenham formatos e pontas adequadas aos diferentes materiais e locais que estão agregados.

Limpeza mecânica com lixa fina de numeração entre os números 60 e 120 removendo o tecido lenhoso e as lignoceculosas degeneradas e/ou desagregadas, devolvendo homogeneidade de textura da superfície e coloração. Observando que o lixamento não desgaste a madeira formalmente, somente sendo permitida a remoção do material esclerosado.

Limpeza química usando solvente para remoção dos remanescentes resistentes aos lixamentos e atritos mecânicos com amolecimento e remoção. Usar solvente em quantidade e tempos mínimos evitando impregnação excedente à madeira, devendo, a neutralização ser imediata.

Remoção química das sujidades com consequente hidratação do tecido lenhoso, e lubrificação das áreas ressecadas, erosonadas, degeneradas. Observe-se sempre a homogeneidade dessa impregnação nos diferentes estados de ressecamento apresentados.

Preenchimento de lacunas, orifícios e imperfeições da madeira com perda de material, partes faltantes, e nivelamento superficial com massas preparadas quimicamente, a partir de teste a serem definidos in loco.

Substituição das partes perdidas ou removidas por outras novas de madeira de lei - angelim, curupixá ou ipê, com desenho e resistência semelhantes às originais, e tratadas com fungicida e inseticida de alto poder residual, tipo Pentox ou similar, aplicados por pincelamento. A madeira nova empregada não poderá ter nós aparentes, deverá estar devidamente seca, previamente imunizada e ser certificadas pelo FSC (Forest Stewardship Council - Conselho de Manejo Florestal).

Aplicar selador nas superfícies das madeiras para evitar que haja absorção excessiva da tinta, devendo ser aplicado a pincel;

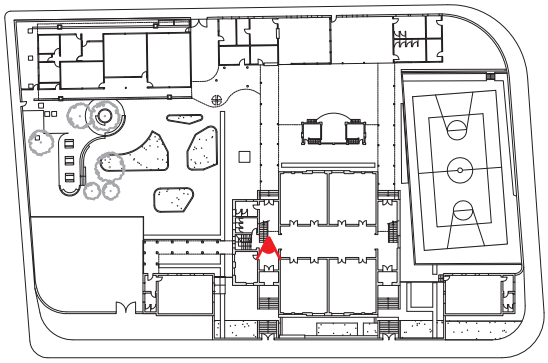
Aplicação de tinta tipo esmalte sintético, na cor definida pela prospecção, em tantas demãos quantas forem necessárias, com intervalo de 16 a 48 horas.

Colocação dos vidros faltantes e substituição dos inadequados por vidro liso, incolor, de no mínimo 3 mm de espessura.

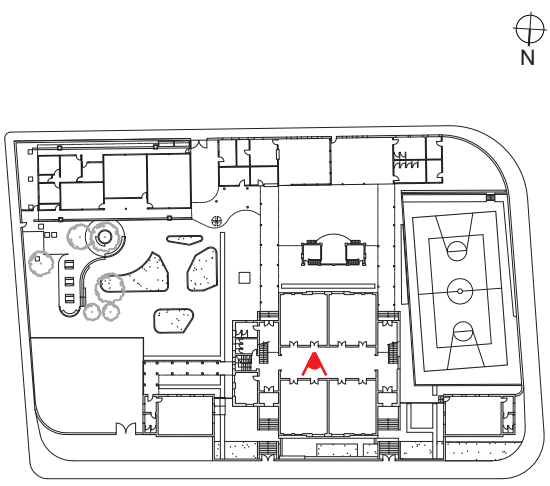
Revisão, recuperação, limpeza e ajuste de todas as ferragens. As ferragens antigas existentes deverão ser recuperadas, ajustadas, e reutilizadas de acordo com orientação da equipe de arquitetura. As novas ferragens a serem introduzidas deverão atender ao padrão homologado pela FDE.

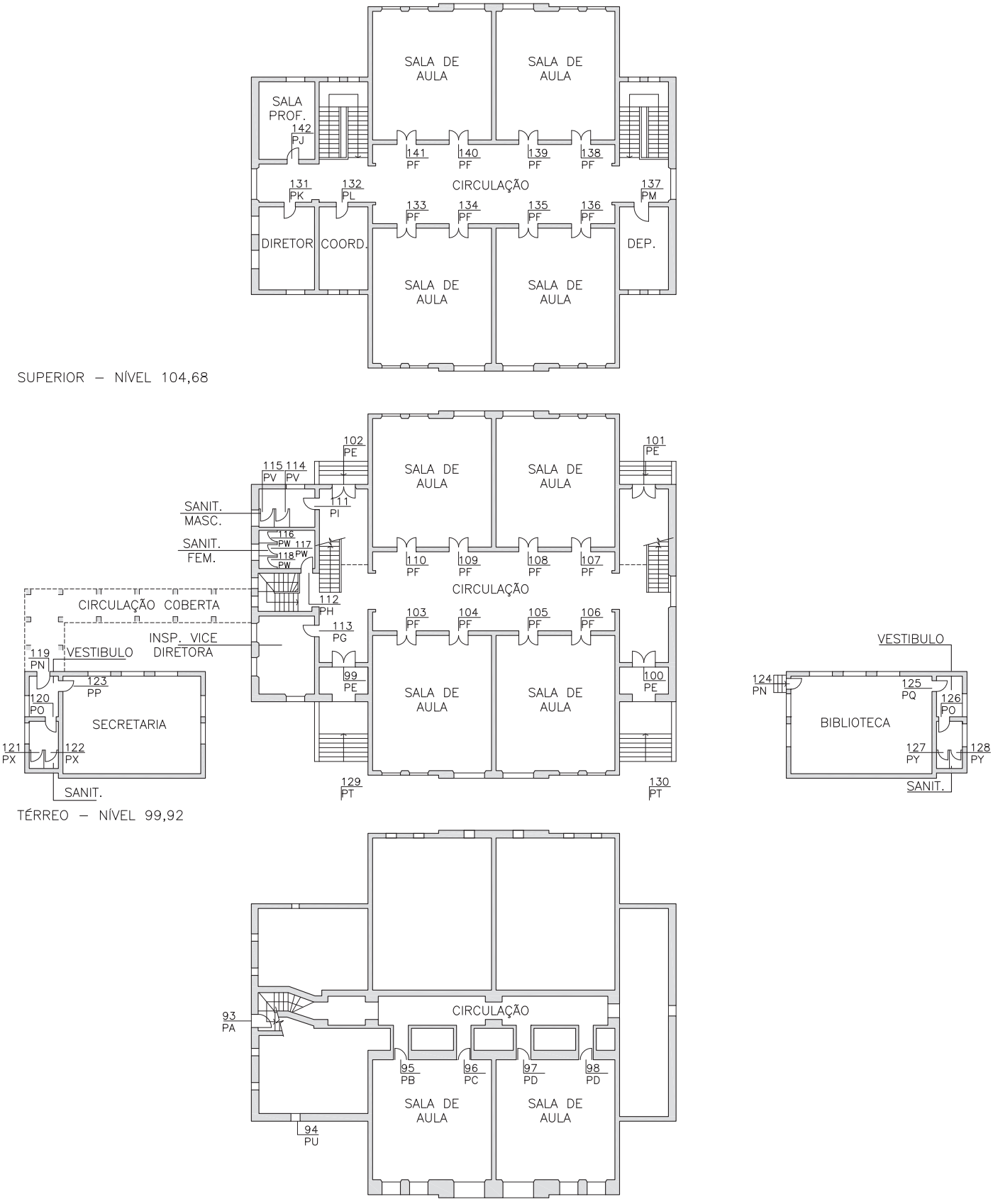
Remoção de pintura dos batentes e alisares existentes em todas as janelas, devendo ser adotado o mesmo procedimento ao aplicado às esquadrias de madeira.

Vista da porta de entrada. Bloco 1.



Vista da porta da sala de aula. Bloco 1.

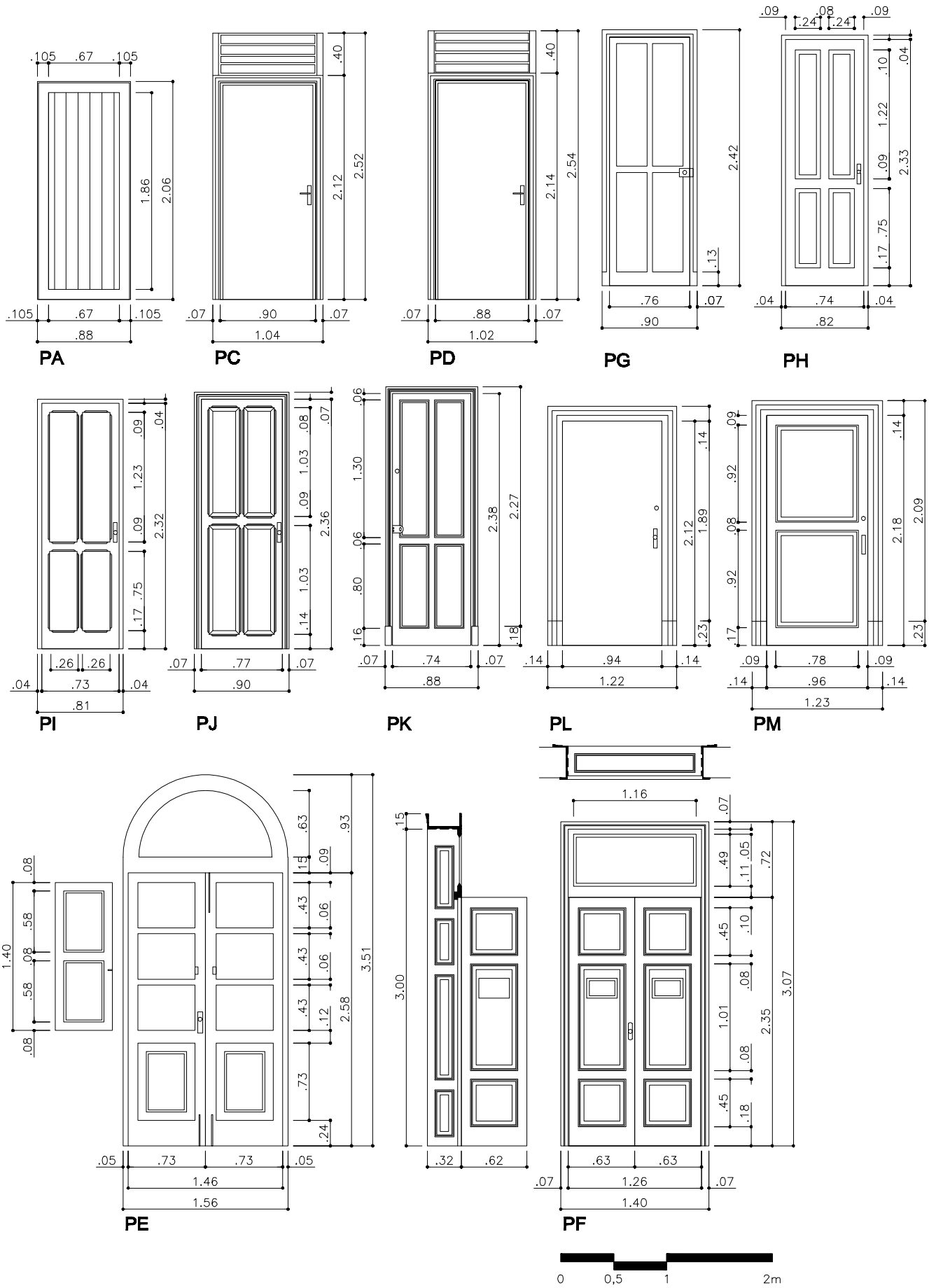


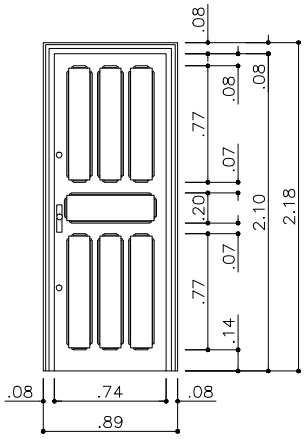


MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

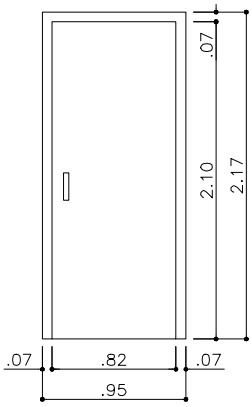
RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

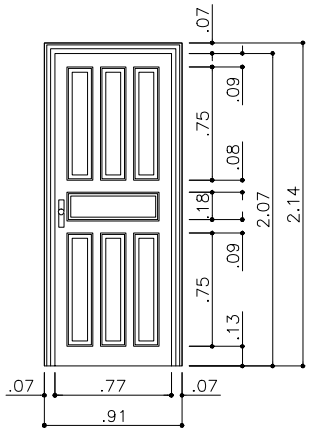

PA
PC
PD
PG
PH
PI
PJ
PK
PL
PM
PE
PF
0
0,5
1
2m



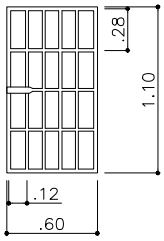
PN



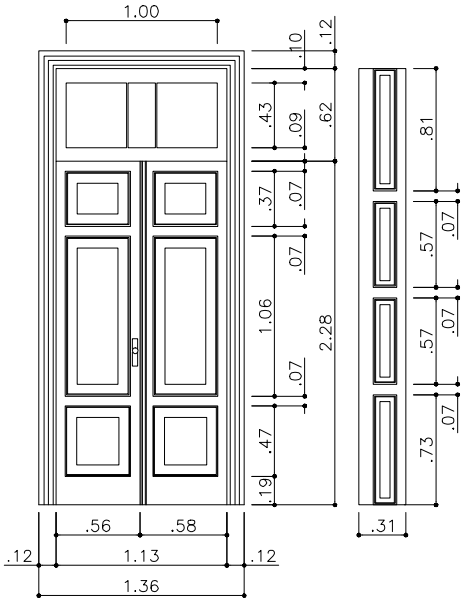
PP



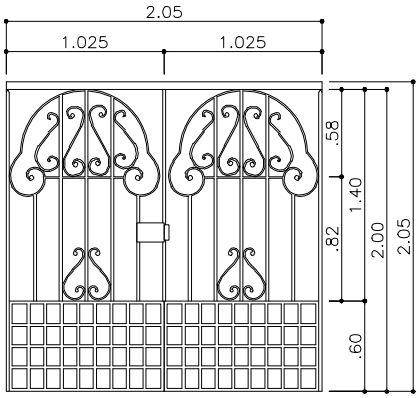
PQ



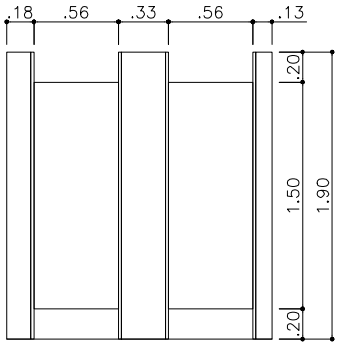
PU



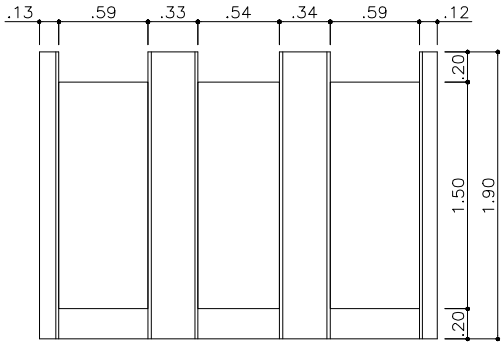
PO



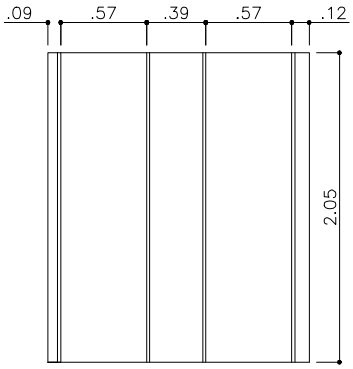
PT



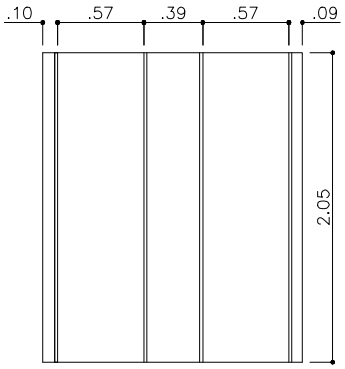
PV



PW



PX



PY

17. PINTURA

Nas edificações históricas as cores para pintura assim como decorações e pinturas murais serão definidas nas prospecções estratigráficas.

Para as paredes será empregado látex acrílico com barra lisa em esmalte ou verniz aplicado sobre o látex acrílico.

Para as esquadrias metálicas será empregado esmalte sintético sobre fundo óxido de ferro ou zarcão.

Para as esquadrias de madeira será empregado esmalte sintético sobre fundo branco fosco, com diluição 30%, e as imperfeições serão corrigidas com massa a óleo.

18. TRATAMENTO DAS FACHADAS

As fachadas estão em bom estado de conservação, íntegras e com problemas pontuais ocasionados por intervenções recentes, como descrito no item "13 Revestimento".

A firma executora da limpeza geral nas fachadas deverá prever a necessidade, num mesmo plano de trabalho, lidar com processos de limpeza diferenciados, o que implica no uso concomitante de instrumental variado, e inclusive executar previamente os moldes necessários para a restauração e recomposição final dos elementos decorativos.

Toda a caixilharia não poderá sofrer danos de qualquer natureza, o que exige cautela durante a execução da limpeza nas áreas lindeiras.

A lavagem deverá ser processada de cima para baixo necessariamente e antecedida por testes para avaliação prévia do real estado de conservação das argamassas, e adoção de pressão adequada para o jateamento das fachadas..

A despeito de serem também lavados os elementos decorativos em massa, esse processo será diferenciado dado a sua fragilidade, o que implica controle rígido da pressão a ser adotada, cautela na execução de limpeza em áreas de pintura lisa, granito ou metal lindeiras a eles. Nenhum dano deverá ser causado à decoração em razão da limpeza das áreas contíguas.

Poderá ser adicionado à água detergente neutro cujo produto e proporção será definida mediante testes.

Execução de limpeza das grades metálicas através de remoção de pintura com produto específico, remoção de oxidação e interrupção de processo de corrosão por meio de produto químico neutralizador de ferrugem.

Remover com espátula e outras ferramentas adequadas a cada caso os elementos estranhos ainda apostos ao material após jateamento de água.

Remover mecanicamente os trechos de argamassa desagregada da alvenaria.

Preencher com argamassa de cimento, cal areia e aditivo tipo Bianco ou similar, no traço semelhante ao da original, os trechos onde esta não se fizer presente bem como as trincas após preparação; preencher com massa veda trinca da "Fosroc" as fissuras.

Consolidar as partes desagregadas dos elementos decorativos de argamassa utilizando o mesmo material do ornamento, incluindo adesivo caso se faça necessário.

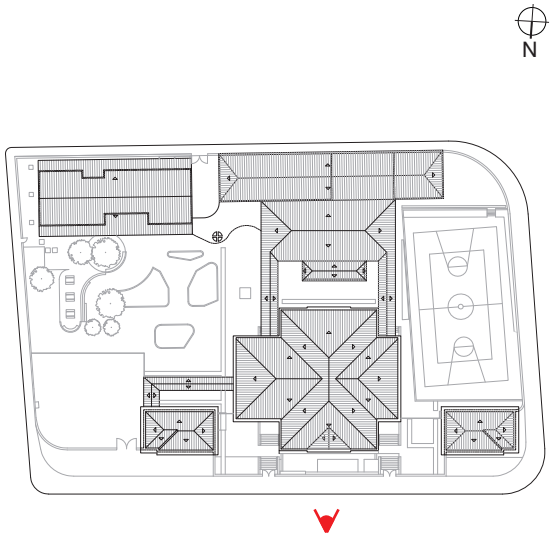
Recompor as partes faltantes dos elementos decorativos de argamassa obedecendo e feição e modelos existentes. Prever a necessidade de execução de formas para modelagem cujo processo dependerá da análise de

cada um dos elementos apresentados;

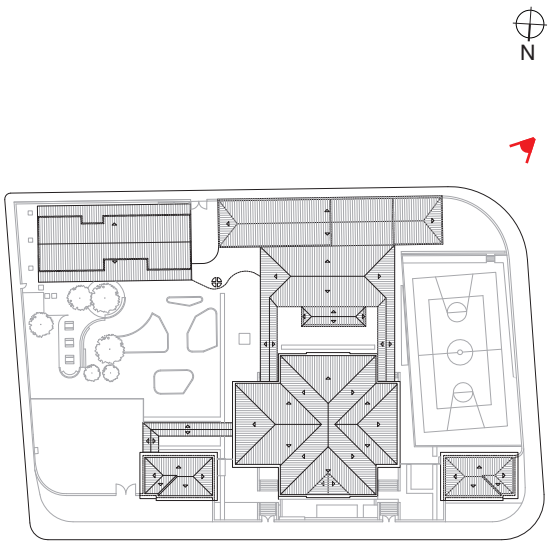
Aplicar fundo preparador de paredes para preparação da superfície e aplicar três demãos de látex 100% acrílico acetinado em cor a ser definida pelas prospecções.

Recuperar as grades de ferro através de aplicação de tinta alquídica, à base de zarcão tipo III utilizando pincel, e pintura com tinta esmalte sintético, 2 demãos, em cor a ser definida após as prospecções.

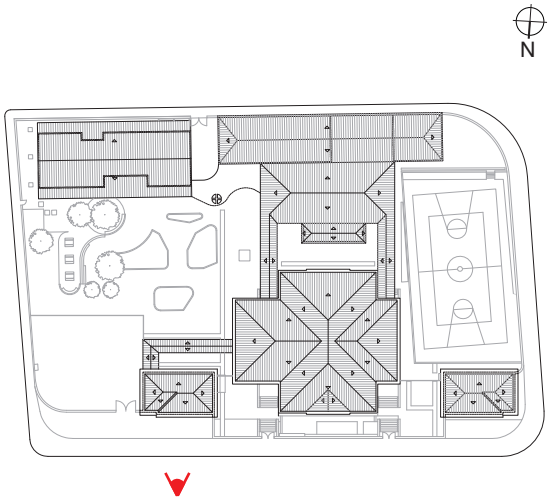
Vista da fachada principal. Bloco 1.



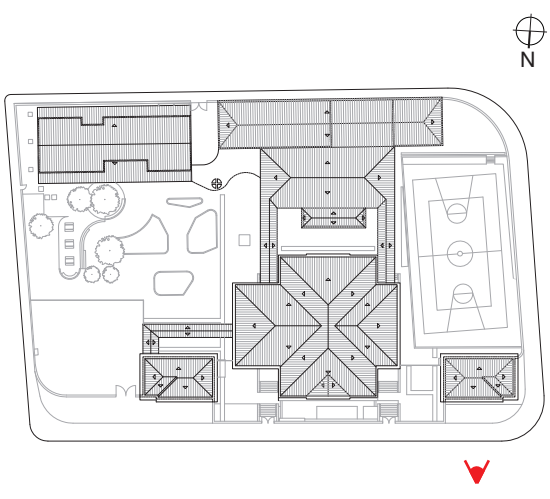
Vista da fachada posterior. Bloco 1.

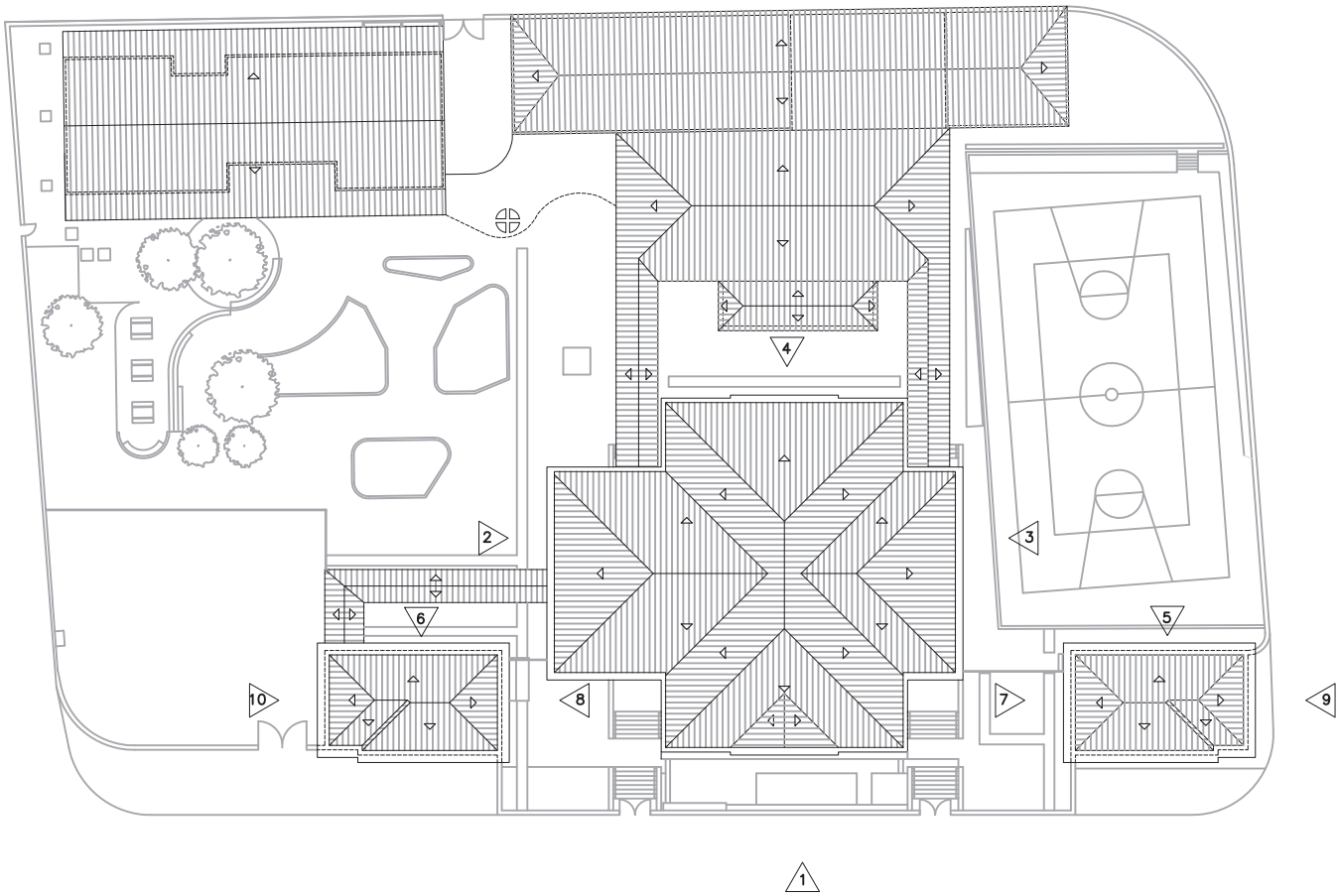


Vista da fachada principal. Bloco 2.



Vista da fachada principal. Bloco 3.





PLANTA DE COBERTURA

0 5 10 20m

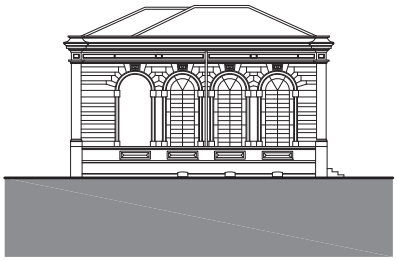
ELEVAÇÃO 1

ELEVAÇÃO 2

ELEVAÇÃO 3

ELEVAÇÃO 4

0 1 2,5 5 10m



ELEVAÇÃO 5

ELEVAÇÃO 6

ELEVAÇÃO 7

ELEVAÇÃO 8

ELEVAÇÃO 9

ELEVAÇÃO 10

0 1 2,5 5 10m

MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

19 LIMPEZA FINAL

Remover devidamente da obra todos os materiais e equipamentos, assim como as peças remanescentes e sobras utilizáveis de materiais, ferramentas e acessórios.

Proceder à remoção de todo o entulho da obra, deixando-a completamente desimpedida de todos os resíduos de construção, bem como cuidadosamente varridos os seus acessos.

Todas as pavimentações, revestimentos, cimentados, ladrilhos, pedras, azulejos, vidros, aparelhos sanitários, etc., serão abundante e cuidadosamente lavados, de modo a não serem danificadas outras partes da obra por estes serviços de limpeza.

Tomar particular cuidado na remoção de quaisquer detritos ou salpicos de argamassa endurecida das superfícies.

Remover cuidadosamente todas as manchas e salpicos de tinta de todas as partes e componentes da edificação, dando-se especial atenção à limpeza de vidros, ferragens, esquadrias, luminárias e peças e metais sanitários.

As pavimentações ou revestimentos de pedra, destinados a polimento e lustração, serão polidos em definitivo e lustrados.

As superfícies de madeira serão raspadas, rejuntadas e enceradas em definitivo

Procedimentos específicos:

• Vidros: remoção de respingos de tinta com removedor adequado e palha de aço fina, remoção dos excessos de massa com espátulas finas e lavagem com água e papel absorvente. Por fim, limpeza com pano umedecido com álcool;

• Ferragens e metais: limpeza das peças cromadas e niqueladas com removedor adequado para recuperação do brilho natural, seguida de polimento com flanela. Lubrificação adequada das partes móveis das ferragens para o seu perfeito acionamento;

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br
HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

MEMORIAL DE RESTAURO

ANEXO 1

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS PISOS

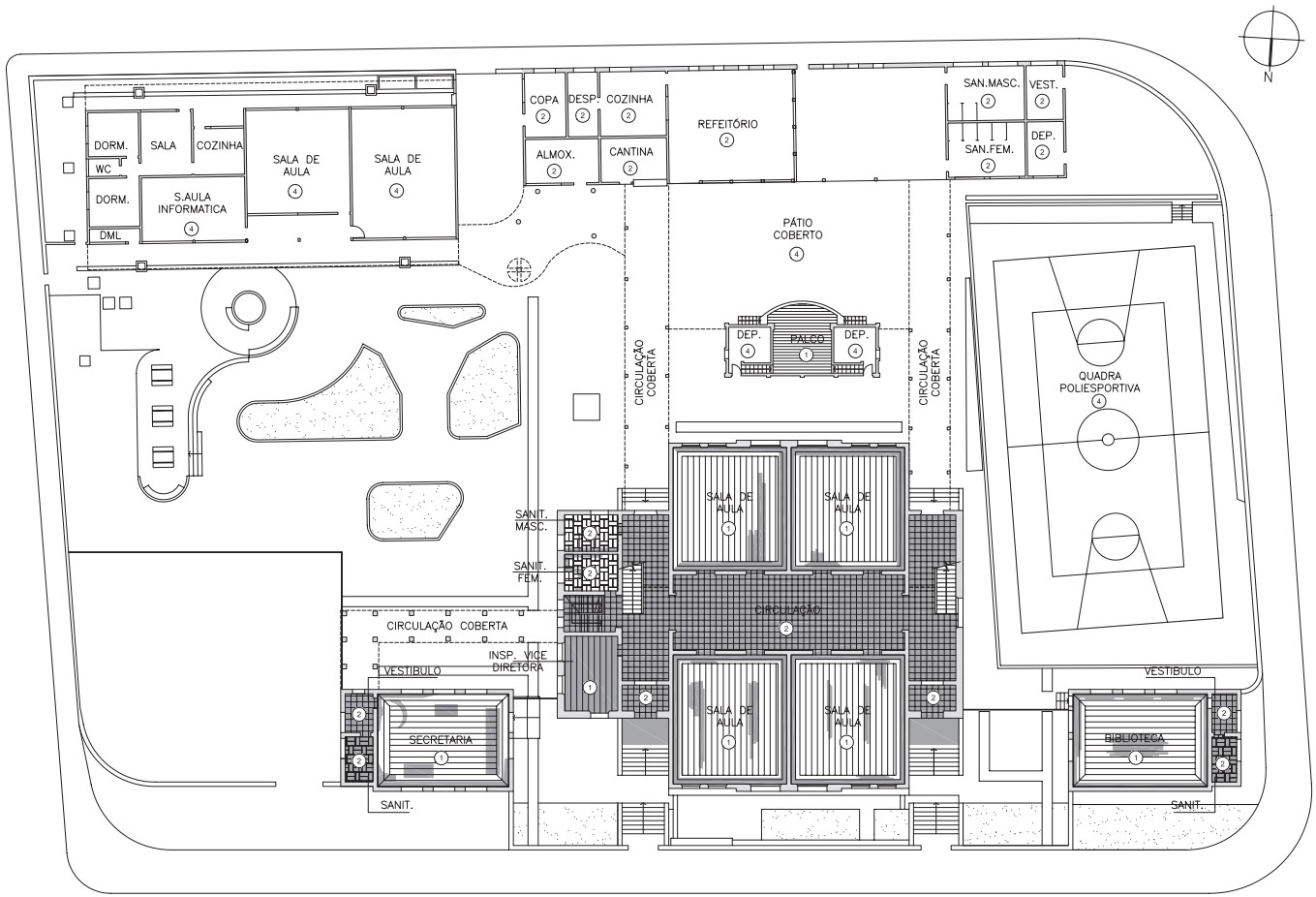
GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS

MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

MAIO 2009



LEGENDAS

LEGENDA DE PISO

1. PISO DE MADEIRA
2. CERÂMICA
3. PISO VINÍLICO
4. CIMENTADO

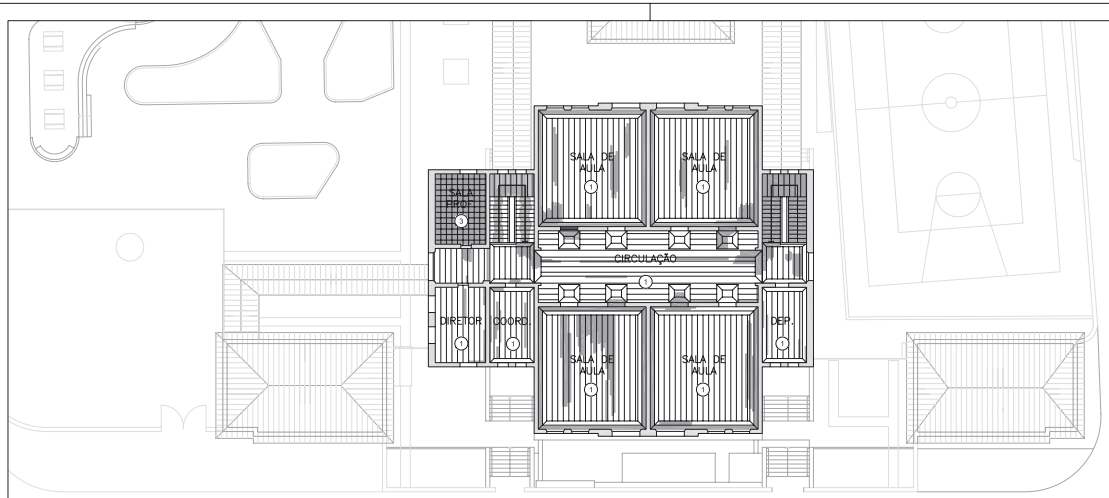
A MANTER

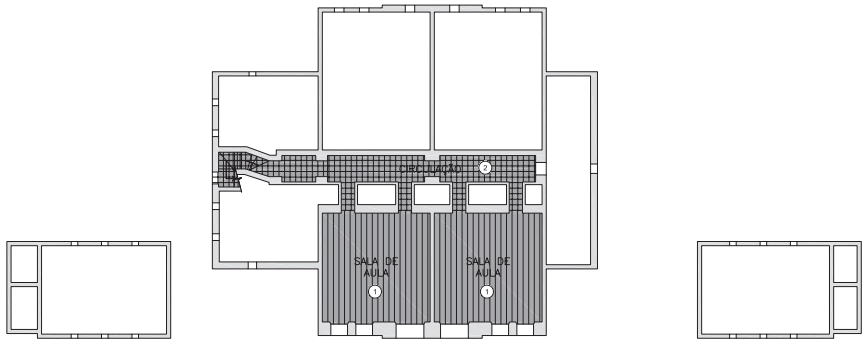
A REMOVER

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: LEVANTAMENTO – PISOS NÍVEL 99,92	ESCALA: 1:250	FOLHA: 01/02	REVISÃO: 00





LEGENDAS

LEGENDA DE PISO

1. PISO DE MADEIRA
2. CERÂMICA
3. PISO VINÍLICO
4. CIMENTADO
- A MANTER
- A REMOVER

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: LEVANTAMENTO – PISOS NÍVEIS 97,01 E 104,68	ESCALA: 1:250	FOLHA: 02/02	REVISÃO: 00

ANEXO 2

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS FORROS

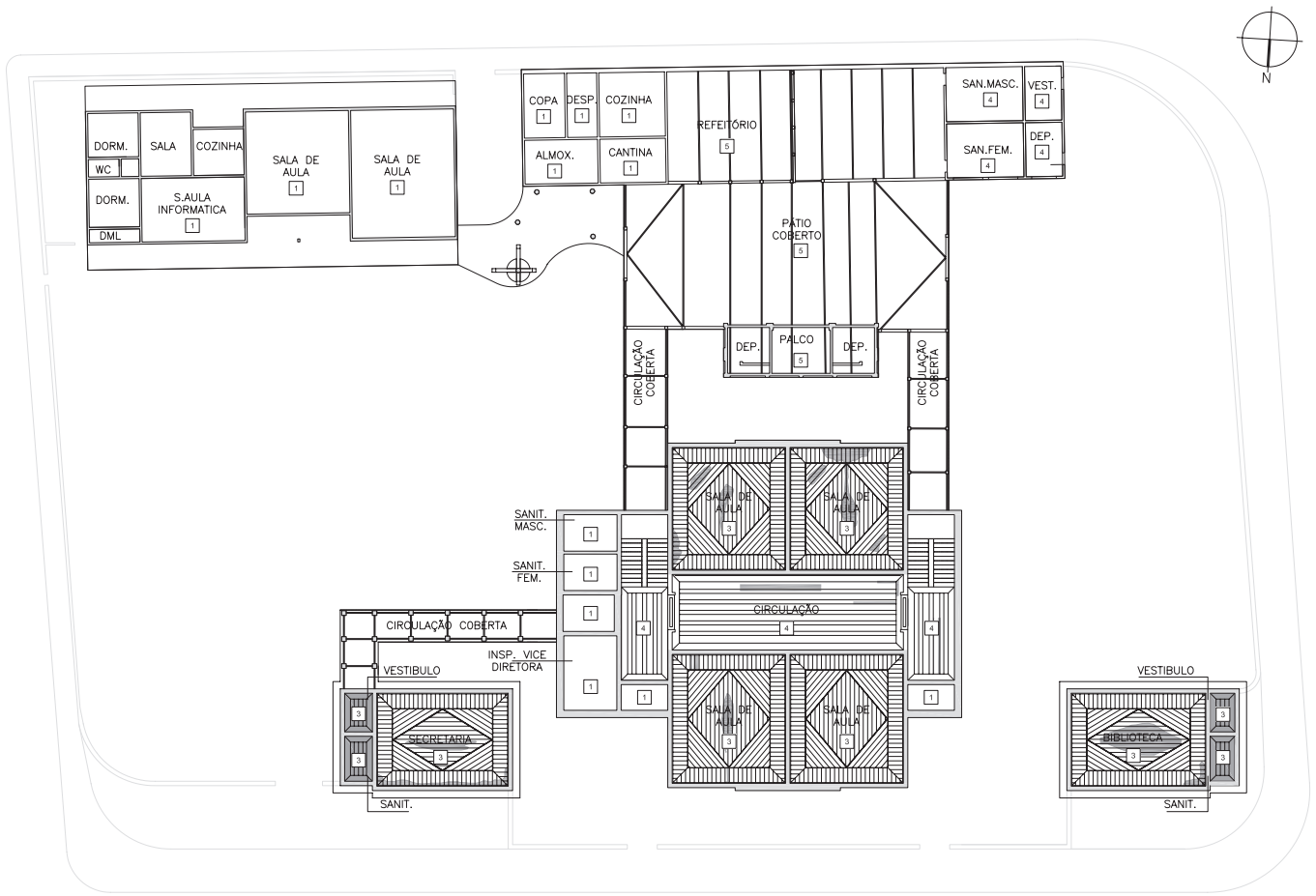
GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS

MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

MAIO 2009



LEGENDAS

LEGENDA DE FORRO

1 LAJE

2 ABOBADILHA DE TIJOLO

3 FORRO DE MADEIRA DO TIPO PAULISTINHA – MACHO E FÊMEA

4 FORRO DE MADEIRA DO TIPO SAIA E CAMISA

5 TELHA VÃ

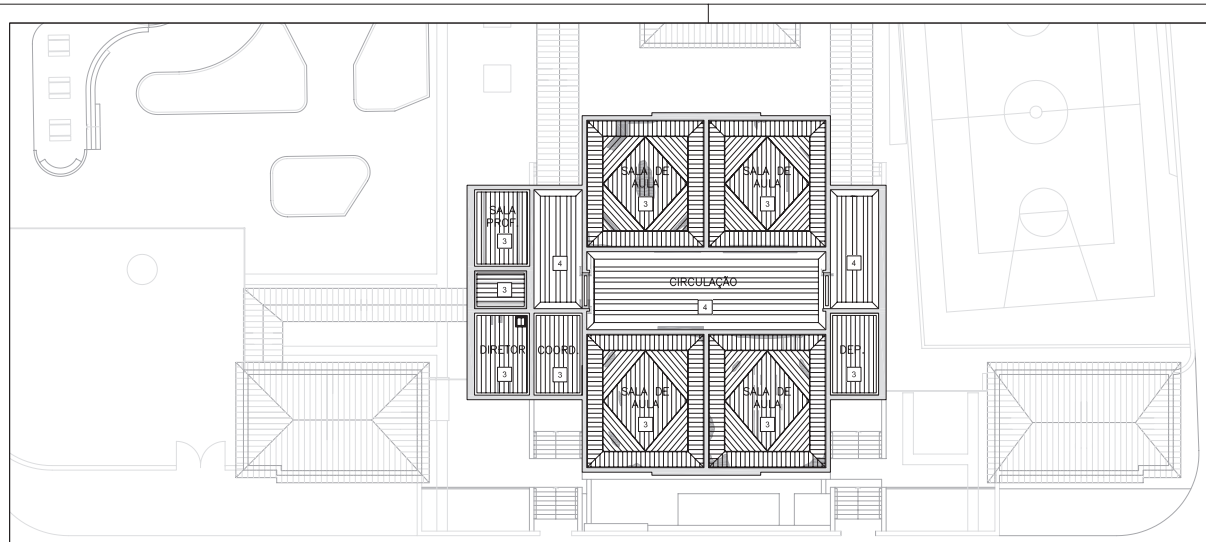
A MANTER

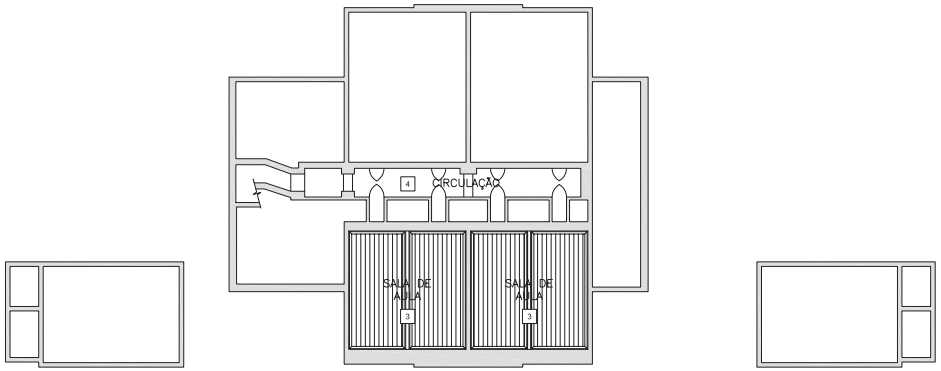
A REMOVER

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: LEVANTAMENTO – FORROS NÍVEL 99,92	ESCALA: 1:250	FOLHA: 01/02	REVISÃO: 00





LEGENDAS

LEGENDA DE FORRO

1 LAJE

2 ABOBADILHA DE TIJOLO

3 FORRO DE MADEIRA DO TIPO PAULISTINHA – MACHO E FÊMEA

4 FORRO DE MADEIRA DO TIPO SAIA E CAMISA

5 TELHA VÃ

A MANTER

A REMOVER

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: LEVANTAMENTO – FORROS NÍVEIS 97,01 E 104,68	ESCALA: 1:250	FOLHA: 02/02	REVISÃO: 00

ANEXO 3

PROJETO DE RESTAURO

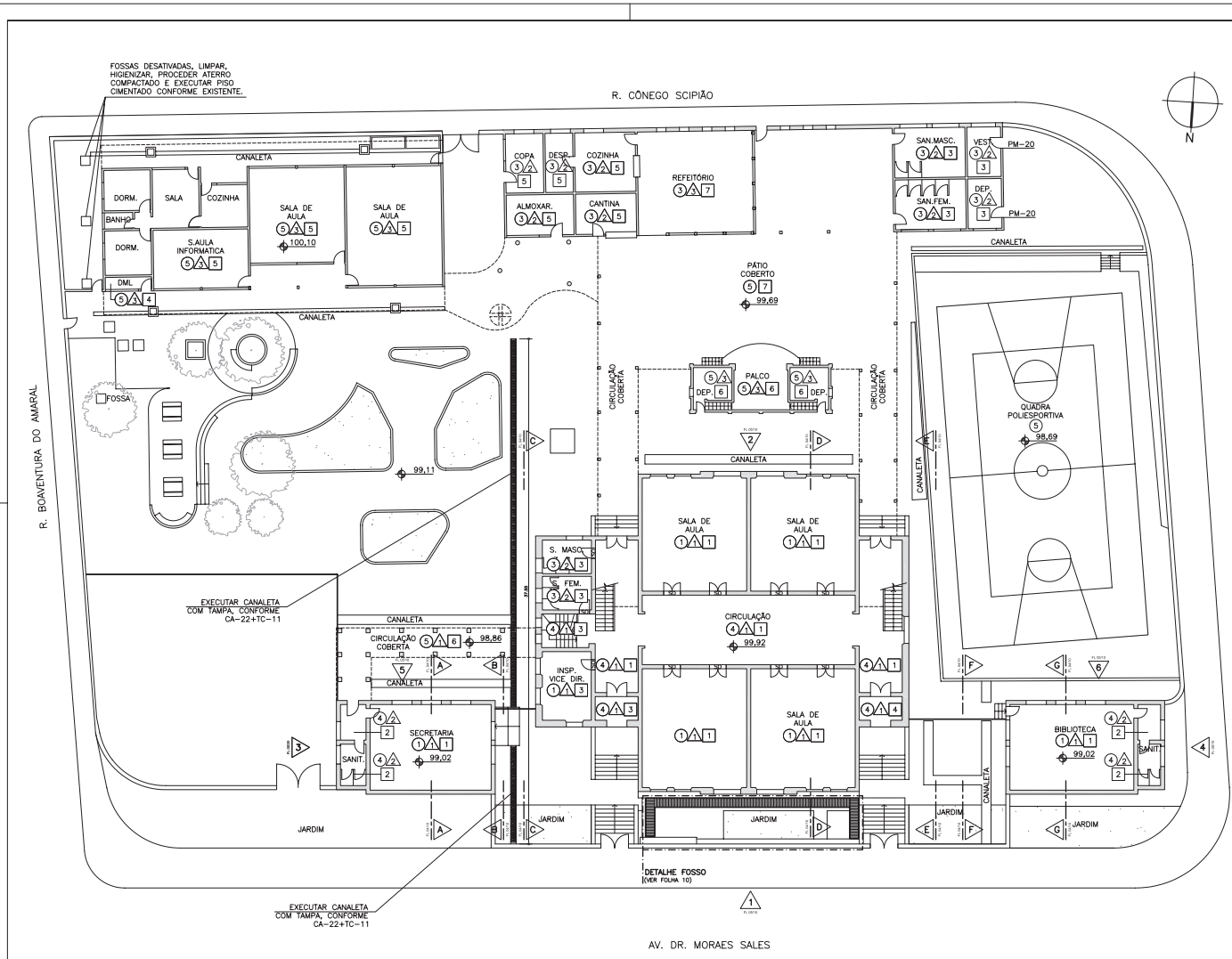
GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS

MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

MAIO 2009



IMPLANTAÇÃO
ESC. 1:250

LEGENDAS

TABELA DE ACABAMENTOS

PISOS/RODAPÉS

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, ACABAMENTO ENCERADO.
2. TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.
3. CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.
4. LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.
5. CIMENTADO EXISTENTE A MANTER.

PAREDES

A. PINTURA CONFORME DEFINIDO NAS PROSPECÇÕES.
A. CERÂMICA EXISTENTE h=VARIÁVEL, ACIMA PINTURA LÁTEX PVA COR BRANCO GELO
A. PINTURA LÁTEX ACRÍLICO VERDE (SUVINIL TOQUE DE SEDA COR ERVA DOCE) – BARRA LISA COM APLICAÇÃO DE VERNIZ SEMI-BRILHO h=1,50m

FORRO

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
2. MADEIRA TIPO PAULISTINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
3. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO
4. MADEIRA A MANTER, PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO BRANCO GELO
5. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA LÁTEX PVA BRANCO GELO
6. ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE
7. TELHA VÃ EXISTENTE A MANTER

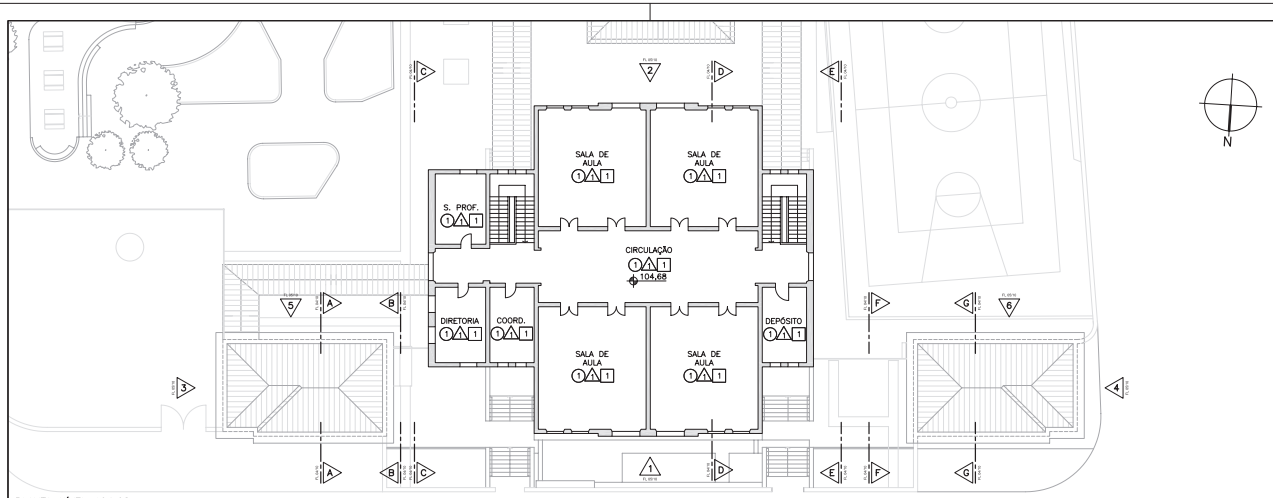
OBSERVAÇÕES:

1. TODOS OS COMPONENTES METÁLICOS DEVEM RECEBER APLICAÇÃO DE FUNDO ANTI-OXIDANTE.
2. TODOS OS ELEMENTOS METÁLICOS, INCLUSIVE OS GRADIS E PORTÕES, RECEBERÃO PINTURA PROTETORA COR GRAFITE ESCURO.
3. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS RECEBERÃO PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
4. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DAS EDIFICAÇÕES RECENTES RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO COR PLATINA.
5. AS TESOURAS APARENTES DO PÁTIO RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO COR VERDE COLONIAL.
6. SOLEIRAS (SO) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO

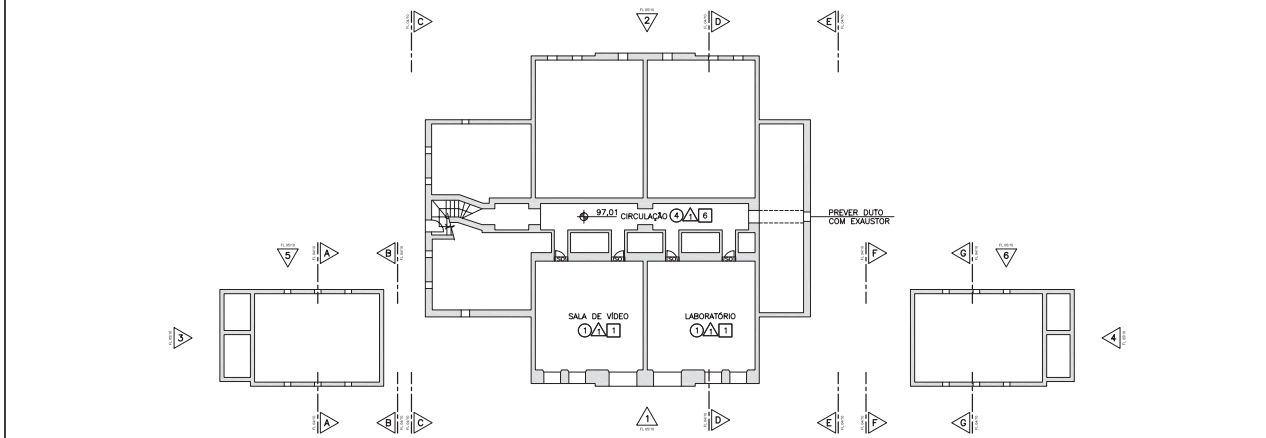
OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ-EP
CONTEÚDO: PROPOSTA – IMPLANTAÇÃO	ESCALA: 1:250	FOLHA: 01/10	REVISÃO: 00



PLANTA NÍVEL 104,68
ESC. 1:250



PLANTA NÍVEL 97,01
ESC. 1:250

LEGENDAS

TABELA DE ACABAMENTOS

PISOS/RODAPÉS

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR. ACABAMENTO ENCERADO.
2. TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.
3. CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.
4. LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.
5. CIMENTADO EXISTENTE A MANTER.

PAREDES

1. PINTURA CONFORME DEFINIDO NAS PROSPECÇÕES.
2. CERÂMICA EXISTENTE h=VARIÁVEL, ACIMA PINTURA LÁTEX PVA COR BRANCO GELO
3. PINTURA LÁTEX ACRÍLICO VERDE (SUVINIL TOQUE DE SEDA COR ERVA DOCE) – BARRA LISA COM APLICAÇÃO DE VERNIZ SEMI-BRILHO h=1,50m

FORRO

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
2. MADEIRA TIPO PAULISTINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
3. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO
4. MADEIRA A MANTER, PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO BRANCO GELO
5. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA LÁTEX PVA BRANCO GELO
6. ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE
7. TELHA VÃ EXISTENTE A MANTER

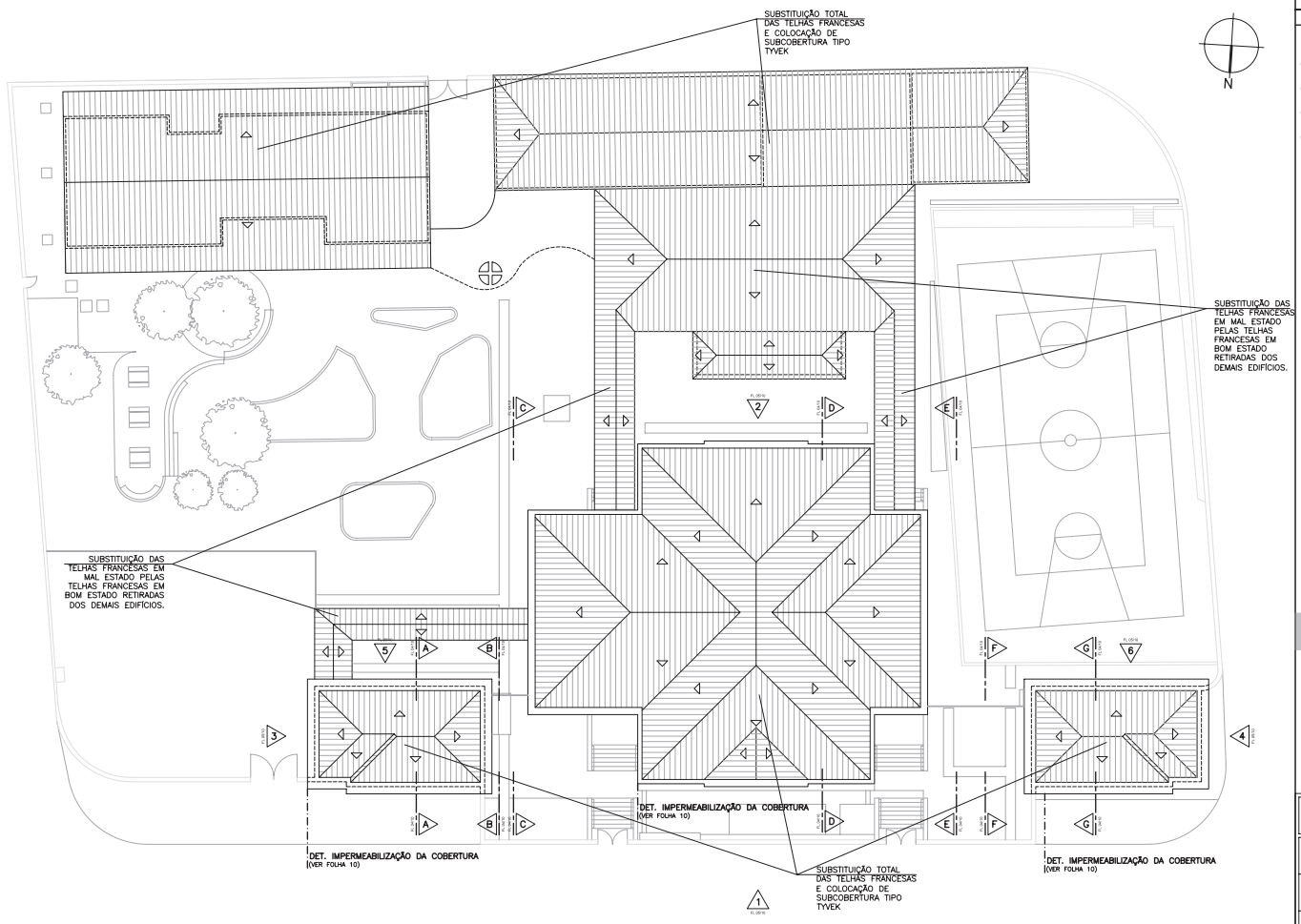
OBSERVAÇÕES:

1. TODOS OS COMPONENTES METÁLICOS DEVEM RECEBER APLICAÇÃO DE FUNDO ANTI-OXIDANTE.
2. TODOS OS ELEMENTOS METÁLICOS, INCLUSIVE OS GRADIS E PORTÕES, RECEBERÃO PINTURA PROTETORA COR GRAFITE ESCURO.
3. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS RECEBERÃO PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
4. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DAS EDIFICAÇÕES RECENTES RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO COR PLATINA.
5. AS TESOURAS APARENTES DO PÁTIO RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO COR VERDE COLONIAL.
6. SOLEIRAS (SO) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 05 05 12 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–EP
CONTEÚDO: PROPOSTA – PLANTAS DOS NÍVEIS 97,01 E 104,68		ESCALA: 1:250	FOLHA: 02/10 — REVISÃO: 00



PLANTA DE COBERTURA
ESC. 1:250

LEGENDAS

TABELA DE ACABAMENTOS

PISOS/RODAPÉS

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, ACABAMENTO ENCERADO.
2. TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.
3. CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.
4. LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.
5. CIMENTADO EXISTENTE A MANTER.

PAREDES

- PINTURA CONFORME DEFINIDO NAS PROSPECÇÕES.
- CERÂMICA EXISTENTE h=VARIÁVEL, ACIMA PINTURA LÁTEX PVA COR BRANCO GELO
- PINTURA LÁTEX ACRÍLICO VERDE (SUVINIL TOQUE DE SEDA COR ERVA DOCE) – BARRA LISA COM APLICAÇÃO DE VERNIZ SEMI-BRILHO h=1,50m

FORRO

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
2. MADEIRA TIPO PAULISTINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
3. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO
4. MADEIRA A MANTER, PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO BRANCO GELO
5. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA LÁTEX PVA BRANCO GELO
6. ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE
7. TELHA VÃ EXISTENTE A MANTER

OBSERVAÇÕES:

1. TODOS OS COMPONENTES METÁLICOS DEVEM RECEBER APLICAÇÃO DE FUNDO ANTI-OXIDANTE.
2. TODOS OS ELEMENTOS METÁLICOS, INCLUSIVE OS GRADIS E PORTÕES, RECEBERÃO PINTURA PROTETORA COR GRAFITE ESCURO.
3. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS RECEBERÃO PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
4. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DAS EDIFICAÇÕES RECENTES RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO COR PLATINA.
5. AS TESOURAS APARENTES DO PÁTIO RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO COR VERDE COLONIAL.
6. SOLEIRAS (SO) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO

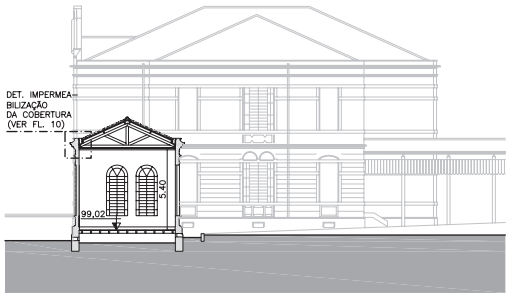
OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0505126
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–EP
CONTEÚDO: PROPOSTA – PLANTA DE COBERTURA	ESCALA: 1:250	FOLHA: 03/10	REVISÃO: 00

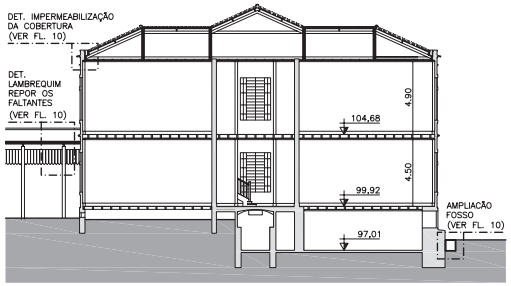
CORTE EE
ESC. 1:250

CORTE FF
ESC. 1:250



CORTE GG
ESC. 1:250

CORTE CC
ESC. 1:250



CORTE DD
ESC. 1:250

CORTE AA
ESC. 1:250

CORTE BB
ESC. 1:250

LEGENDAS

OBSERVAÇÕES

TODAS AS FACHADAS DOS EDIFÍCIOS HISTÓRICOS SERÃO PINTADAS CONFORME PROSPECÇÃO.
SUBSTITUIR TODOS OS CONDUTORES DE ÁGUAS PLUVIAIS NO PADRÃO DO EXISTENTE.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: PROPOSTA – CORTES	ESCALA: 1:250		FOLHA: 04/10 / REVISÃO: 00

VISTA 3
ESC. 1:250

VISTA 4
ESC. 1:250

VISTA 6
ESC. 1:250

VISTA 2
ESC. 1:250

VISTA 5
ESC. 1:250

VISTA 1
ESC. 1:250

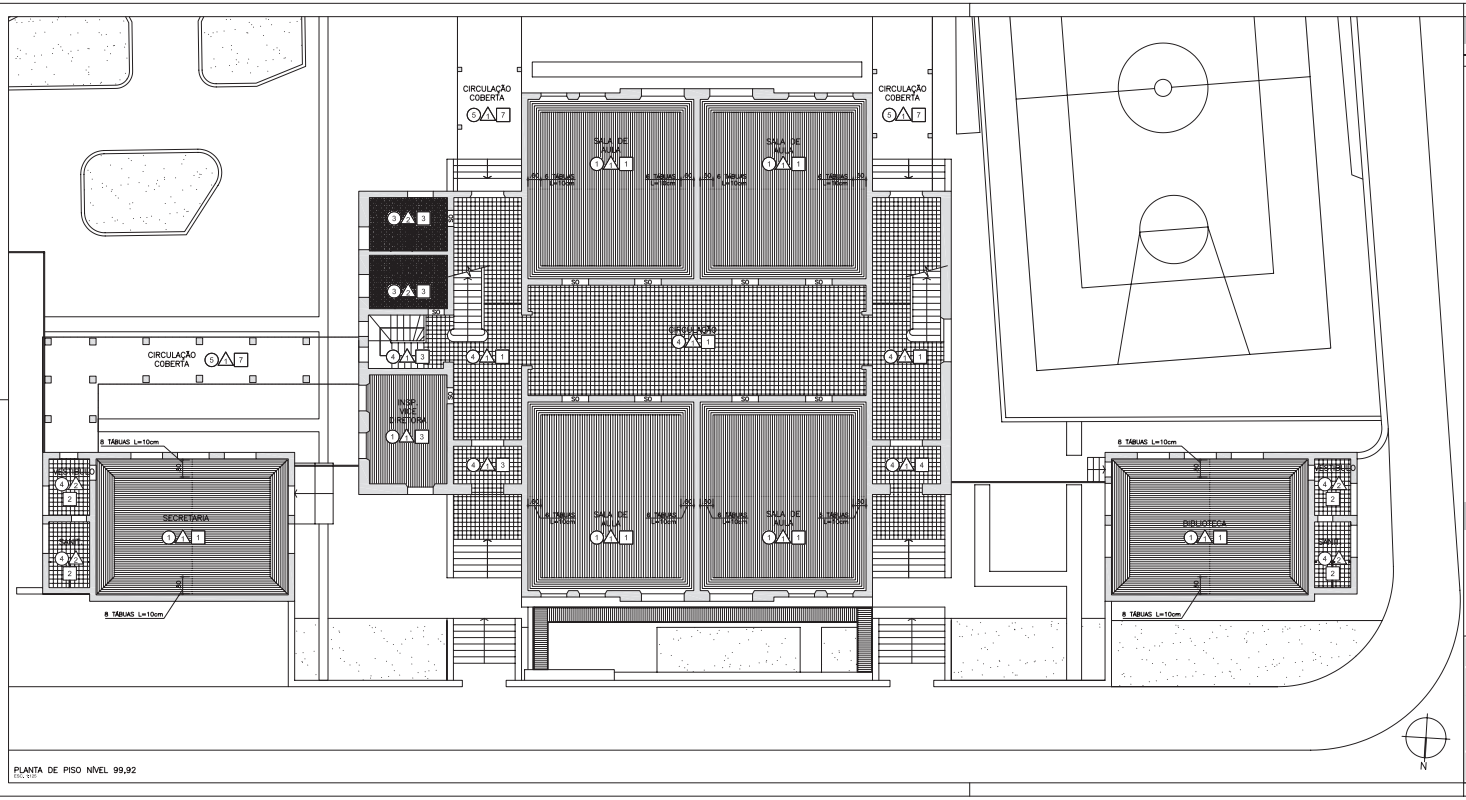
LEGENDAS

OBSERVAÇÕES

TODAS AS FACHADAS DOS EDIFÍCIOS HISTÓRICOS SERÃO PINTADAS CONFORME PROSPECÇÃO.
SUBSTITUIR TODOS OS CONDUTORES DE ÁGUAS PLUVIAIS NO PADRÃO DO EXISTENTE.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: PROPOSTA – ELEVAÇÕES	ESCALA: 1:250	FOLHA: 05/10	REVISÃO: 00



PLANTA DE PISO NÍVEL 99,92
ESC. 1/125

LEGENDAS

TABELA DE ACABAMENTOS

PISOS/RODAPÉS

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, ACABAMENTO ENCERADO.
2. TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.
3. CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.
4. LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.
5. CIMENTADO EXISTENTE A MANTER.

PAREDES

1. PINTURA CONFORME DEFINIDO NAS PROSPECÇÕES.
2. CERÂMICA EXISTENTE h=VARIÁVEL, ACIMA PINTURA LÁTEX PVA COR BRANCO GELO
3. PINTURA LÁTEX ACRÍLICO VERDE (SUVINIL TOQUE DE SEDA COR ERVA DOCE) – BARRA LISA COM APLICAÇÃO DE VERNIZ SEMI-BRILHO h=1,90m

FORRO

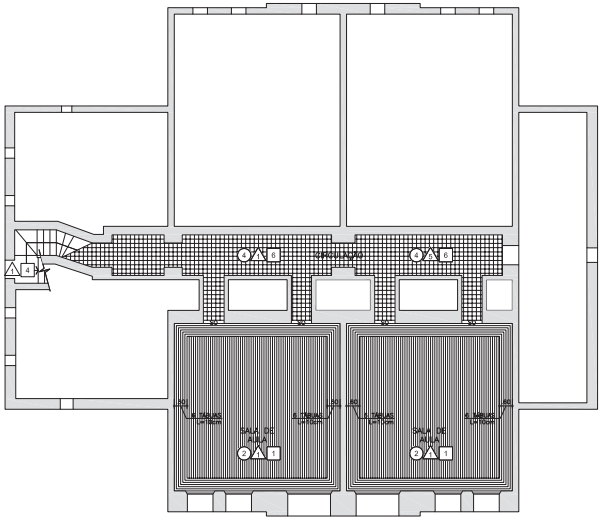
1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
2. MADEIRA TIPO PAULISTINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
3. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO
4. MADEIRA A MANTER, PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO BRANCO GELO
5. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA LÁTEX PVA BRANCO GELO
6. ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE
7. TELHA VÃ EXISTENTE A MANTER

OBSERVAÇÕES:

1. TODOS OS COMPONENTES METÁLICOS DEVEM RECEBER APLICAÇÃO DE FUNDO ANTI-OXIDANTE.
2. TODOS OS ELEMENTOS METÁLICOS, INCLUSIVE OS GRADES E PORTÕES, RECEBERÃO PINTURA PROTETORA COR GRAFITE ESCURO.
3. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS RECEBERÃO PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
4. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DAS EDIFICAÇÕES RECENTES RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO COR PLATINA.
5. AS TESOURAS APARENTES DO PÁTIO RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO COR VERDE COLONIAL.
6. SOLEIRAS (SO) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE			
ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0505126
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: PROPOSTA – AMPLIAÇÃO DE PISOS NÍVEL 99,92		ESCALA: 1:125	FOLHA: 06/10 — REVISÃO: 00



PLANTA DE PISO NÍVEL 97,01
ESC. 1:25

PLANTA DE PISO NÍVEL 104,68
ESC. 1:25

LEGENDAS

TABELA DE ACABAMENTOS

PISOS/RODAPÉS

- (1) MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, ACABAMENTO ENCERADO.
- (2) TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.
- (3) CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.
- (4) LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.
- (5) CIMENTADO EXISTENTE A MANTER.

PAREDES

- △1 PINTURA CONFORME DEFINIDO NAS PROSPEÇÕES.
- △2 CERÂMICA EXISTENTE h=VARIÁVEL, ACIMA PINTURA LÁTEX PVA COR BRANCO GELO
- △3 PINTURA LÁTEX ACRÍLICO VERDE (SUVINIL TOQUE DE SEDA COR ERVA DOCE) – BARRA LISA COM APLICAÇÃO DE VERNIZ SEMI-BRILHO h=1,20m

FORRO

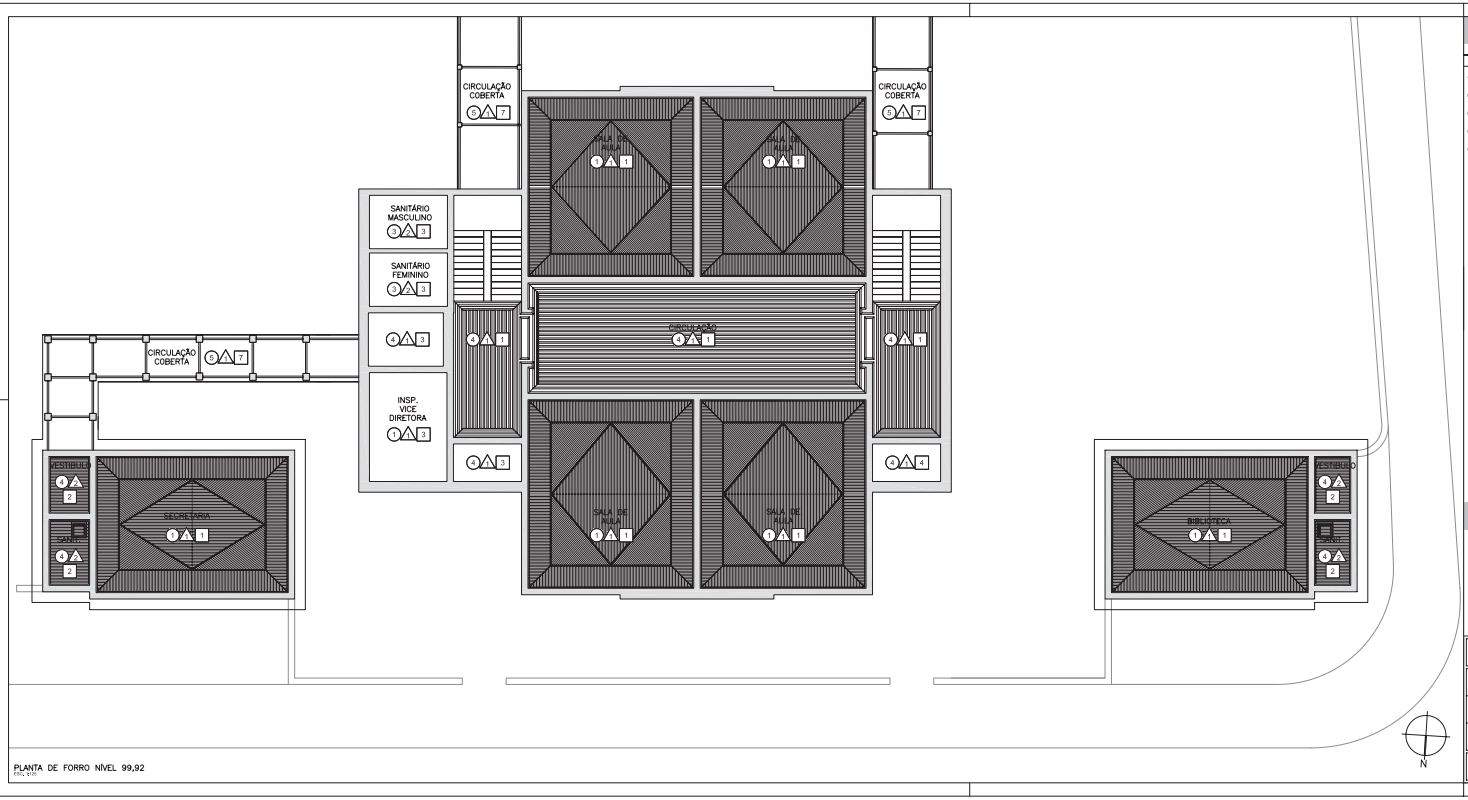
- [1] MADEIRA EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPEÇÃO.
- [2] MADEIRA TIPO PAULISTINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPEÇÃO.
- [3] LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPEÇÃO
- [4] MADEIRA A MANTER, PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO BRANCO GELO
- [5] LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA LÁTEX PVA BRANCO GELO
- [6] ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE
- [7] TELHA VÃ EXISTENTE A MANTER

OBSERVAÇÕES:

1. TODOS OS COMPONENTES METÁLICOS DEVEM RECEBER APLICAÇÃO DE FUNDO ANTI-OXIDANTE.
2. TODOS OS ELEMENTOS METÁLICOS, INCLUSIVE OS GRADES E PORTÕES, RECEBERÃO PINTURA PROTETORA COR GRAFITE ESCURO.
3. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS RECEBERÃO PINTURA CONFORME PROSPEÇÃO.
4. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DAS EDIFICAÇÕES RECENTES RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO COR PLATINA.
5. AS TESOURAS APARENTES DO PÁTIO RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO COR VERDE COLONIAL.
6. SOLEIRAS (SO) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE			
ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: PROPOSTA – AMPL. DE PISOS NÍVEIS 97,01 E 104,68		ESCALA: 1:125	FOLHA: 07/10 — REVISÃO: 00



PLANTA DE FORRO NÍVEL 99,92
ESC. 1/125

LEGENDAS

TABELA DE ACABAMENTOS

PISOS/RODAPÉS

- (1) MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, ACABAMENTO ENCERADO.
- (2) TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.
- (3) CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.
- (4) LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.
- (5) CIMENTADO EXISTENTE A MANTER.

PAREDES

- (1) PINTURA CONFORME DEFINIDO NAS PROSPECÇÕES.
- (2) CERÂMICA EXISTENTE h=VARIÁVEL, ACIMA PINTURA LÁTEX PVA COR BRANCO GELO
- (3) PINTURA LÁTEX ACRÍLICO VERDE (SUVINIL TOQUE DE SEDA COR ERVA DOCE) – BARRA LISA COM APLICAÇÃO DE VERNIZ SEMI-BRILHO h=1,20m

FORRO

- [1] MADEIRA EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
- [2] MADEIRA TIPO PALUSTRINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
- [3] LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO
- [4] MADEIRA A MANTER, PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO BRANCO GELO
- [5] LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA LÁTEX PVA BRANCO GELO
- [6] ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE
- [7] TELHA VÃ EXISTENTE A MANTER

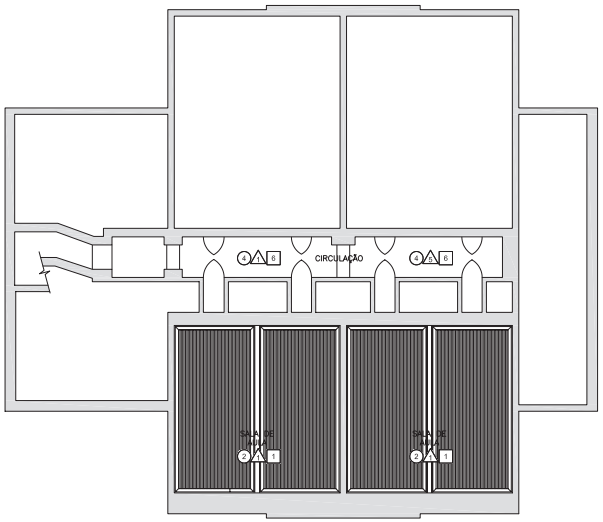
OBSERVAÇÕES:

1. TODOS OS COMPONENTES METÁLICOS DEVEM RECEBER APLICAÇÃO DE FUNDO ANTI-OXIDANTE.
2. TODOS OS ELEMENTOS METÁLICOS, INCLUSIVE OS GRADES E PORTÕES, RECEBERÃO PINTURA PROTETORA COR GRAFITE ESCURO.
3. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS RECEBERÃO PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
4. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DAS EDIFICAÇÕES RECENTES RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO COR PLATINA.
5. AS TESOURAS APARENTES DO PÁTIO RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO COR VERDE COLONIAL.
6. SOLEIRAS (SO) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0505126
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: PROPOSTA – AMPLIAÇÃO DE FORROS NÍVEL 99,92		ESCALA: 1:125	FOLHA: 08/10 — REVISÃO: 00



PLANTA DE FORRO NÍVEL 97,01
ESC. 1:125

PLANTA DE FORRO NÍVEL 104,68
ESC. 1:125

LEGENDAS

TABELA DE ACABAMENTOS

PISOS/RODAPÉS

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, ACABAMENTO ENCERADO.
2. TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.
3. CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.
4. LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.
5. CIMENTADO EXISTENTE A MANTER.

PAREDES

1. PINTURA CONFORME DEFINIDO NAS PROSPECÇÕES.
2. CERÂMICA EXISTENTE h=VARIÁVEL, ACIMA PINTURA LÁTEX PVA COR BRANCO GELO
3. PINTURA LÁTEX ACRÍLICO VERDE (SUVINIL TOQUE DE SEDA COR ERVA DOCE) – BARRA LISA COM APLICAÇÃO DE VERNIZ SEMI-BRILHO h=1,20m

FORRO

1. MADEIRA EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
2. MADEIRA TIPO PAULISTINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
3. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO
4. MADEIRA A MANTER, PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO BRANCO GELO
5. LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA LÁTEX PVA BRANCO GELO
6. ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE
7. TELHA VÃ EXISTENTE A MANTER

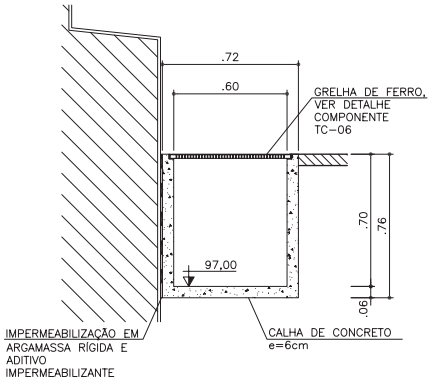
OBSERVAÇÕES:

1. TODOS OS COMPONENTES METÁLICOS DEVEM RECEBER APLICAÇÃO DE FUNDO ANTI-OXIDANTE.
2. TODOS OS ELEMENTOS METÁLICOS, INCLUSIVE OS GRADES E PORTÕES, RECEBERÃO PINTURA PROTETORA COR GRAFITE ESCURO.
3. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS RECEBERÃO PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
4. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DAS EDIFICAÇÕES RECENTES RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO COR PLATINA.
5. AS TESOURAS APARENTES DO PÁTIO RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO COR VERDE COLONIAL.
6. SOLEIRAS (SO) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO

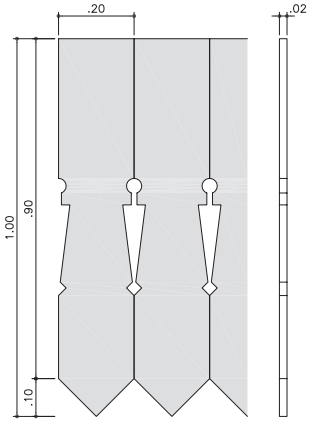
OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

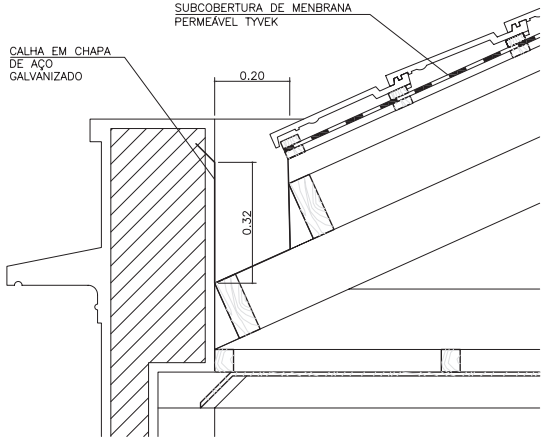
ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ–PE
CONTEÚDO: PROPOSTA – AMPL. DE FORROS NÍVEIS 97,01 E 104,68		ESCALA: 1:125	FOLHA: 09/10 — REVISÃO: 00



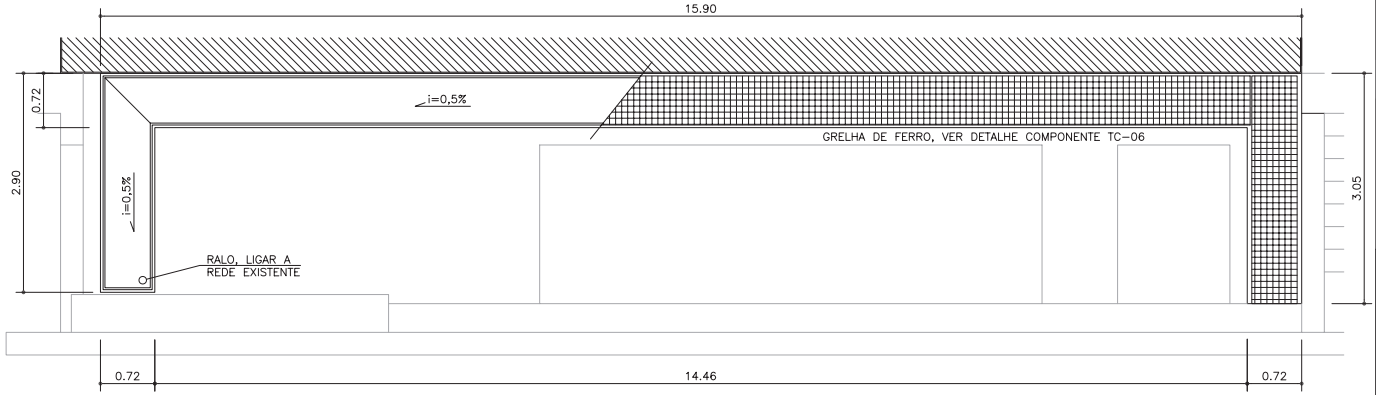
DETALHE FOSSO – CORTE AA
ESC. 1:20



DETALHE LAMBREQUIM
ESC. 1:10



DET. IMPERMEABILIZAÇÃO DA COBERTURA
ESC. 1:10



DETALHE FOSSO – PLANTA
ESC. 1:50

LEGENDAS

TABELA DE ACABAMENTOS

PISOS/RODAPÉS	PAREDES	FORRO	OBSERVAÇÕES:
(1) MADEIRA EXISTENTE A MANTER. REVISAR E COMPLEMENTAR, ACABAMENTO ENCERADO.	⚠1 PINTURA CONFORME DEFINIDO NAS PROSPECÇÕES.	1 MADEIRA EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.	1. TODOS OS COMPONENTES METÁLICOS DEVEM RECEBER APLICAÇÃO DE FUNDO ANTI-OXIDANTE.
(2) TABOADO DE MADEIRA A EXECUTAR CONFORME O EXISTENTE.	⚠2 CERÂMICA EXISTENTE h=VARIÁVEL, ACIMA PINTURA LÁTEX PVA COR BRANCO GELO	2 MADEIRA TIPO PAULISTINHA (MACHO E FÊMEA) A EXECUTAR, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.	2. TODOS OS ELEMENTOS METÁLICOS, INCLUSIVE OS GRADIS E PORTÕES, RECEBERÃO PINTURA PROTETORA COR GRAFITE ESCURO.
(3) CERÂMICA EXISTENTE A MANTER.	⚠3 PINTURA LÁTEX ACRÍLICO VERDE (SUVINIL TOQUE DE SEDA COR ERVA DOCE) – BARRA LISA COM APLICAÇÃO DE VERNIZ SEMI-BRILHO h=1,50m	3 LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO	3. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS RECEBERÃO PINTURA CONFORME PROSPECÇÃO.
(4) LADRILHO HIDRÁULICO TIPO XADREZ QUATRO QUADROS PRETO E BRANCO A EXECUTAR.		4 MADEIRA A MANTER, PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO BRANCO GELO	4. TODAS AS PORTAS DE MADEIRA DAS EDIFICAÇÕES RECENTES RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO COR PLATINA.
(5) CIMENTADO EXISTENTE A MANTER.		5 LAJE EXISTENTE A MANTER, PINTURA LÁTEX PVA BRANCO GELO	5. AS TESOURAS APARENTES DO PÁTIO RECEBERÃO PINTURA ESMALTE SINTÉTICO ACETINADO COR VERDE COLONIAL.
		6 ABOBADILHA DE TIJOLO A MANTER. APLICAR HIDROFUGANTE	6. SOLEIRAS (SG) E PISO DA ESCADA DE ACESSO AO PORÃO, A EXECUTAR EM GRANITO PRETO LAVIGADO
		7 TELHA VÃ EXISTENTE A MANTER	

OBSERVAÇÕES

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

ESCOLA – NOME/LOCAL: EE FRANCISCO GLICÉRIO			CÓDIGO: 0 5 0 5 1 2 6
INTERVENÇÃO: PROJETO DE RESTAURO			No. INTERVENÇÃO: 06
ETAPA/ÁREA TÉCNICA: PROJETO EXECUTIVO DE ARQUITETURA	TIPO PROJETO: CONVENCIONAL	DATA: MAIO/2009	ETAPA/ÁREA TÉCNICA: ARQ-EP
CONTEÚDO: PROPOSTA – DETALHES	ESCALA: INDICADA	FOLHA: 10/10	REVISÃO: 00

GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS

MEMORIAL DE RESTAURO
EE FRANCISCO GLICÉRIO 05 05 126
AV. DR. MORAES SALES 988 CEP 13010-000 CAMPINAS SP
www.fde.sp.gov.br

RUA MARANHÃO 598 CJ 111
CEP 01240-000 SÃO PAULO SP
TEL 3826 0821 FAX 38266561
has.arq@uol.com.br

HELENA AYOUB SILVA
CLEBER BONETTI MACHADO
ARQUITETOS ASSOCIADOS

MAIO 2009